



JOSÉ GONÇALVES



# OS ATAQUES CONTRA A IGREJA DE CRISTO

As Sutilezas de Satanás nestes Dias  
que Antecedem a Volta de Jesus Cristo

# **OS ATAQUES CONTRA A IGREJA DE CRISTO**

**As Sutilezas de Satanás nestes Dias  
que Antecedem a Volta de Jesus Cristo**

**JOSÉ GONÇALVES**

1ª Edição



**CPAD**

Rio de Janeiro

2022

Todos os direitos reservados. Copyright © 2022 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia, distribuição na web e outros), sem permissão expressa da Editora.

Preparação dos originais: Cristiane Alves  
Revisão: Daniele Pereira  
Adaptação da capa: Elisangela Santos  
Projeto gráfico e Editoração: Elisangela Santos  
Conversão para Epub: Cumbuca Studio

CDD: 240 - Moral cristã e teologia devocional  
e-ISBN: 978-65-5968-110-5  
ISBN: 978-65-5968-124-2

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 2009, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: <http://www.cpad.com.br>.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus  
Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ  
CEP 21.852-002

1ª edição: 2022

# Sumário

*Introdução*

Capítulo 1

*As Sutilezas de Satanás contra a Igreja de Cristo*

Capítulo 2

*A Sutileza da Banalização da Graça*

Capítulo 3

*A Sutileza da Imoralidade Sexual*

Capítulo 4

*A Sutileza da Normalização do Divórcio*

Capítulo 5

*A Sutileza do Materialismo e do Atéismo*

Capítulo 6

*A Sutileza das Ideologias Contrárias à Família*

Capítulo 7

*A Sutileza da Relativização da Bíblia*

Capítulo 8

*A Sutileza do Enfraquecimento da Identidade Pentecostal*

Capítulo 9

*A Sutileza do Movimento dos Desigrejados*

## Capítulo 10

*A Sutileza contra a Prática da Mordomia Cristã*

## Capítulo 11

*A Sutileza das Mídias Sociais*

## Capítulo 12

*A Sutileza da Espiritualidade Holística*

## Capítulo 13

*Resistindo às Sutilezas de Satanás*

## Referências

# Introdução

**E**m 2018, eu e minha esposa, Maria Regina, estávamos olhando alguns livros na Barnes & Noble, uma tradicional livraria situada na 5ª Avenida na cidade de Nova York, Estados Unidos. Dentre os muitos títulos, um me chamou a atenção, *La Apostasia Venidera* [A Apostasia Vindoura], de Mark Hitchcock. Como de costume, dei uma olhada geral no livro e achei que era interessante a sua leitura. Percebi que Hitchcock, que escreveu em coautoria com Jeff Kinley, havia percebido que algo extremamente incomum estava acontecendo na cultura ocidental — a desconstrução da moralidade cristã.

Hitchcock, assim como Charles Colson, autor de *O Cristão na Cultura de Hoje* (CPAD), e Steve Gallagher, autor de *E Foi Assim que Perdemos a Inocência*, detectou que os valores cristãos na América estavam sendo destruídos e em seu lugar uma moralidade secularizada estava sendo implantada. Como esses autores, eu também havia percebido esse fenômeno. Contudo, não é apenas na América que o cristianismo está sob ataque; aqui no Brasil também. Na verdade, o que estamos presenciando é uma guerra de cosmovisões. Dois modelos ou paradigmas, o judaico-cristão e o pós-moderno, com suas respectivas escalas de valores, estão em oposição entre si.

Temos, portanto, uma guerra cultural, moral e espiritual. O modelo pós-moderno para se firmar como cultura dominante tem procurado a todo custo desconstruir a cultura judaico-cristã, responsável pela construção da civilização ocidental. Nessa guerra de trincheiras, temos visto os valores cristãos perderem cada vez mais espaço. À medida que isso acontece, o Inimigo de forma sutil vai fincando sua bandeira nos espaços conquistados. Assim, a questão do aborto saiu da esfera das meras reivindicações para se

tornar realidade em muitos lugares. Da mesma forma, o modelo da família nuclear, construída a partir da união de um homem e uma mulher, está sendo substituído por outro. Nesse contexto, não existe mais macho nem fêmea, visto que o gênero é algo socialmente construído e não fruto do sexo biológico. Qualquer um pode ser o que bem quiser. Aqui temos o que já se convencionou chamar de *ideologia de gênero*. À medida que essa ideologia, que tem em Judith Butler sua principal porta-voz, se firma, a forma como os cristãos sempre entenderam como a sexualidade deve ser expressa é totalmente subvertida.

Essas mudanças culturais as quais me referi são as que mais chamam a atenção, talvez por terem sido as mais inesperadas. Nenhum cristão que acredita nos valores defendidos na Bíblia imaginaria um cenário assim. Contudo, há outros que, embora não provoquem tanta admiração, são igualmente corrosivos para a moral cristã. O que dizer, por exemplo, do divórcio, que nas últimas décadas cresceu assustadoramente? E o que é mais grave, isso está acontecendo entre os cristãos que dizem acreditar na indissolubilidade do casamento. É evidente que não podemos fazer generalizações nesse assunto. Os casos específicos no quais há uma possível justificação bíblica para o divórcio serão analisados neste livro. Contudo, aquilo que era uma exceção parece que está se tornando uma regra entre os santos do Senhor. Isso deve nos levar a uma séria reflexão.

Há muitos outros assuntos que, por suas próprias naturezas, são igualmente sensíveis e, às vezes, até mesmo melindrosos. Nesse sentido, além dos assuntos relativos à questão de gênero, divórcio, adultérios, etc., abordamos também outros assuntos que julgamos igualmente importantes. Assim, fizemos uma abordagem do materialismo, que tem no marxismo sua expressão concreta, bem como do neoteísmo, a versão moderna da velha teoria ateísta. Os desigrejados e as novas formas de espiritualidade também foram contempladas em nosso estudo.

Além do fato de serem questões embaraçosas, devido envolverem ideologias e crenças, esses assuntos também apresentam maior dificuldade àqueles que se dedicam a estudá-los, e, portanto, compreendê-los. Tendo obtido formação em Filosofia em uma Universidade Federal, estou consciente de que, embora sejam assuntos comumente discutidos na academia, contudo, os termos técnicos usados para nominá-los são desconhecidos para a maior parte da população. Isso acontece, por exemplo, com a questão relativa ao marxismo e à espiritualidade *holística*.



Pensando nisso, na forma como o leitor irá interagir com este texto, procurei decodificar a linguagem filosófica comumente usada na academia para torná-la mais acessível. Entretanto, mesmo tendo feito isso, ainda assim acredito que um maior esforço do leitor será requerido para entender o que de forma simples procurei expor. Isso pode ser feito quando o leitor ampliar seu campo de pesquisa.

O neomarxismo, que ressignificou o velho materialismo marxista, vindo a converter-se numa rebuscada filosofia política, bem como a espiritualidade *holística*, conforme tem se expressado no contexto religioso, são realidades de um mesmo todo — a cosmovisão anticristã. Esse é o novo modelo cultural, a nova visão de mundo, que tem remodelado a forma de pensar do Ocidente. São novas lentes com as quais o mundo está sendo enxergado. Na verdade, a *desconstrução*, outro nome para o modelo pós-moderno, foi o casulo onde se hospedaram todas essas teorias. Convertendo-se em um poderoso paradigma cultural, essa nova visão de mundo tem subvertido e substituído a moral cristã e em seu lugar imposto uma moral relativista. Se a moral cristã atuava como uma bússola, dando um norte ético para as nossas ações, por outro lado, a moral pós-moderna se assemelha à atuação de um radar, que espalha ondas para todas as direções. É, portanto, uma moral fragmentada e vazia.

Se por um lado, como já mostramos, a cultura americana está sendo bombardeada por ideias contrárias à fé evangélica, no Brasil isso não é diferente. Aqui também como lá, outro modelo cultural, divorciado dos valores bíblicos e cristãos, tem dominado as faculdades, as mídias, os tribunais e até mesmo as igrejas. Esse novo modelo cultural, formatado a partir da cosmovisão pós-moderna, tem se imposto como a única verdade absoluta. Seus valores são totalmente seculares e materialistas. Não aceitam, por exemplo, a existência de uma verdade absoluta, que um embrião seja uma vida, que a família seja construída somente por meio da união heterossexual, que existe menino e menina, que homem e mulher possuem diferentes papéis e, o mais importante, que Cristo seja o único Salvador.

Uma palavra de esclarecimento precisa ser deixada aqui. Não escrevi este livro com o propósito de causar polêmica, atacar a crença ou religião de alguém, incitar ódio nem tampouco entrar em debates áridos e vazios. Isso é mais verdade quando, por exemplo, trato de questões doutrinárias, como a relacionada à doutrina da graça, e assuntos de natureza mais ideológica, como a questão relativa à ideologia de gênero e ao movimento

homossexual. A posição, portanto, adotada neste livro no que tange a essas questões são de natureza confessional.

No que diz respeito à doutrina da graça, a exposição deste livro segue o modelo soteriológico arminiano, conforme é crido e ensinado pelas Assembleias de Deus, tanto na sua vertente americana como brasileira. Estou consciente de que há outros modelos soteriológicos, mas o apresentado aqui é o que crido e aceito pelas Assembleias de Deus, conforme rezam seus códigos doutrinários desde 1916. Cremos que é um modelo que conta com amplo apoio da tradição cristã ortodoxa e, acima de tudo, é solidamente fundamentado nas Escrituras. Assim, qualquer afirmação que diga que a soteriologia assembleiana é pelagiana ou semipelagiana é caluniosa e desonesta. É feita tomando por base espantelhos, desonestidade intelectual, desconhecimento de nossa história e espírito sectário. As Assembleias de Deus, portanto, não têm nenhuma obrigação de dar explicações ou pedir desculpas para quem não conhece seu código doutrinário e que ainda está à procura de uma identidade teológica.

Geralmente, quem se presta a esse tipo de papel são desigrejados, que veem nas redes sociais uma ferramenta que lhes proporcione visibilidade e popularidade. Esse tipo de gente não está buscando a edificação da igreja, mas *likes* que inflamem seus egos. Acreditam que são eruditos e intelectuais, embora nunca exibam suas credenciais. Muitas vezes se apresentam como reformados, mas estão faltando com a verdade. Não podemos acreditar que a tradição reformada, que já completou meio milênio e que possuiu homens tão ilustres e honrados em seu meio, esteja agora envolvida nesse tipo de briga de rua. Não, não são reformados. Na verdade, são crentes deformados que ainda estão à procura de uma identidade. Como mostra este livro, são crentes migratórios. Colecionadores de igrejas que estão buscando visibilidade. Assemelham-se mais aos jovens índios americanos retratados em filmes de faroeste, que, em busca de glória, atacavam diligências e matavam colonos. Como Simei, que amaldiçoou o rei Davi, são meros atiradores de pedras (2 Sm 16.5-8). Assim também esses cristãos fermentados, sem igrejas, não estão interessados em construir o Reino de Deus, mas em querer manchar reputações e até mesmo destruir instituições. Dessa forma, exercem uma verdadeira vigilância policialesca sobre o que outros cristãos estão falando ou escrevendo. Assim, com essa espiritualidade de porta de delegacia, seguem difamando quem quer que seja. Acreditam

que estão fazendo apologética a serviço do Reino de Deus, quando na verdade o espírito que os motiva é outro (1 Cr 21.1; Mt 16.22,23).

Por fim, embora seja um livro confessional, os assuntos nele tratados interessam a todos os cristãos. Ampliará o conhecimento daqueles que desejam saber de forma mais aprofundada os assuntos que têm ganhado corpo e forma no contexto evangélico e dominado as redes sociais nos últimos anos. E mais — serve de instrumento apologético na defesa dos valores cristãos que de forma tão custosa nos foram deixados como herança por nossos pioneiros e pais.

Deus abençoe a todos.

José Gonçalves, Água Branca, PI, março de 2022.

E-mail: [goncalvescostagomes@gmail.com](mailto:goncalvescostagomes@gmail.com)

# Capítulo 1

## As Sutilezas de Satanás contra a Igreja de Cristo

Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios, pela hipocrisia dos que falam mentiras e que têm a consciência cauterizada, que proíbem o casamento e exigem abstinência de alimentos que Deus criou para serem recebidos com gratidão pelos que creem e conhecem a verdade. Pois tudo o que Deus criou é bom, e, se recebido com gratidão, nada é recusável, porque é santificado pela palavra de Deus e pela oração. Expondo estas coisas aos irmãos, você será um bom ministro de Cristo Jesus, alimentado com as palavras da fé e da boa doutrina que você tem seguido. Mas rejeite as fábulas profanas e de velhas caducas. Exercite-se, pessoalmente, na piedade. Pois o exercício físico tem algum valor, mas a piedade tem valor para tudo, porque tem a promessa da vida que agora é e da que há de vir. Fiel é esta palavra e digna de inteira aceitação. Pois é para esse fim que trabalhamos e nos esforçamos, porque temos posto a nossa esperança no Deus vivo, Salvador de todos, especialmente dos que creem. (1 Tm 4.1-10, NAA)

O escritor Paul E. Holdcraft disse certa feita que “o diabo pode estar fora de moda, mas não de suas maléficas atividades”.<sup>1</sup> Os cristãos ao longo da história se aperceberam desse fato. O Diabo não deixou de ser Diabo nem tampouco de trabalhar. Contudo, devemos dizer que a maneira como o Inimigo trabalha nem sempre é percebida. Em vez de se expor, o Adversário prefere o anonimato ou os bastidores no qual veladamente

maquina e executa suas nefastas atividades. A sutileza é a marca registrada de suas ações. Quanto a isso, as Escrituras são bastante claras (Ef 6.11).

Em sua primeira carta, o apóstolo Pedro alertou os cristãos ao informá-los que o Diabo andava em derredor procurando alguém para devorar (1 Pe 5.8). Naquele contexto, o apóstolo tinha consciência de que o Diabo trabalhava contra a igreja. E como fazia isso? Com certeza, não era de uma forma física e visível. Não se imagina que o Diabo tenha se materializado ou assumido alguma forma física e assim tenha se encontrado face a face com os cristãos daquela época.

Vejamos o que diz o apóstolo Pedro:

Sejam sóbrios e vigilantes. O inimigo de vocês, o diabo, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar. Resistam-lhe, firmes na fé, certos de que os irmãos de vocês, espalhados pelo mundo, estão passando por sofrimentos iguais aos de vocês. (1 Pe 5.8,9, NAA)

É importante destacar que Pedro escreveu aos cristãos que viviam em um contexto de intensas perseguições. A fé cristã não era aceita e muito menos tolerada. Sendo uma fé periférica e não reconhecida pela população e pelo Estado, o cristianismo era considerado uma cultura nociva ao sistema existente. Assim, por onde iam, os cristãos experimentavam perseguições. Nesse aspecto, o apóstolo Pedro sublinha que os cristãos no mundo todo estavam passando por “sofrimentos”. O contexto deixa claro que essas aflições, que Pedro chamou de “fogo ardente” (1 Pe 4.12, ARA), vinham por conta da não aceitação da fé cristã. Nenhum cristão tinha a liberdade de livremente exercer a sua fé. De uma forma bem perceptível, o Estado e o sistema religioso daquele tempo eram os inimigos visíveis para reprimir o cristianismo. Contudo, de acordo com a Escritura, o verdadeiro agente opositor, o Diabo, era quem, de fato, estava usando o sistema estatal e religioso da época para tentar devorar a fé cristã. O Diabo atuava por trás de pessoas, instituições e do sistema.

Isso nos mostra que, mesmo não sendo visto ou exposto, Satanás trabalha contra a igreja. Em diferentes épocas e momentos da história, os cristãos se deram conta de que alguma coisa muito grave estava acontecendo. Na presente era não é diferente. Assim como o Diabo usou a cultura existente no contexto neotestamentário para se opor à igreja, da mesma forma acontece agora. Se o Diabo provocou aflições e sofrimentos aos primeiros

cristãos, não deve causar surpresa para ninguém que ele ainda continue fazendo o mesmo. Quem vive a fé cristã na sua integridade já se deu conta de que algo muito sombrio e nefasto tem rondado a igreja do Senhor.

É interessante observar que, assim como Pedro alertou os cristãos sobre a sutil investida do Diabo contra a igreja, o apóstolo Paulo da mesma forma também o fez. Escrevendo a Timóteo, o apóstolo dos gentios disse que o Espírito Santo alertava a igreja do ataque final que a igreja iria sofrer. Isso porque Paulo põe esse ataque na esfera dos “últimos tempos” (1 Tm 4.1, ARA). Não nos compete marcar datas ou épocas para os eventos de natureza escatológicas, contudo, a Escritura põe a grande apostasia como um evento do fim dos tempos (1 Tm 4.1-10). Dessa forma, não é errado dizermos que estamos vivendo nos tempos finais.

Observa-se, portanto, que no contexto neotestamentário o ataque à fé cristã foi contra a sua liberdade de expressão e contra a sua ortodoxia. Assim, o apóstolo Pedro destaca que o Diabo infligia sofrimento (1 Pe 5.8) como uma forma de impedir que os crentes exercitassem livremente sua fé. Da mesma forma, o apóstolo Paulo destaca que os “espíritos enganadores” (1 Tm 4.1, ARA) iriam fazer isso nos tempos finais por intermédio da apostasia. De certa forma, Pedro fala de um ataque vindo de fora e Paulo de um ataque vindo de dentro. Contudo, em ambos os ataques, o Diabo e seus demônios eram os agentes.

Então é bom dizer aqui que os cristãos não devem se enganar. Há um ataque em curso contra a igreja e a cada dia que passa ele cresce em intensidade. Se nos dias dos apóstolos o Diabo se valeu tanto de uma cultura hostil e da mesma forma da corrupção doutrinária para atacar a igreja, agora não deveríamos esperar algo diferente. O que se pode dizer é que muda as estratégias, entretanto, é o mesmo Diabo. Assim, o alvo é sempre o mesmo — calar a igreja. Isso foi feito no passado tirando o direito do crente de poder exercer livremente a sua fé e, conseqüentemente, sofrer por conta disso; e sofrer também por conta de falsos ensinamentos que procuravam corroer a verdade do Evangelho. Podemos dizer, portanto, que o processo se repete. Agora com maior intensidade. Possivelmente, em nenhum outro momento da história a igreja tenha sentido tanta oposição para expressar livremente a sua fé e defender os seus valores quanto agora. Como no passado, o Diabo se vale da cultura, que por meio do sistema institucional atua como uma camisa de força contra a igreja.

Sem a necessidade de cairmos em “teoria da conspiração”, a verdade é que a igreja brasileira se encontra em meio a uma intensa guerra espiritual. Como já foi dito neste capítulo, esse ataque vem tanto de fora como de dentro. O mesmo Diabo que usa as estruturas sociais para se opor à igreja é o mesmo que provoca os falsos ensinamentos para promover a apostasia em seu meio. Assim, podemos dizer não apenas que o Maligno demonizou a cultura, que dessa forma se opõe à fé evangélica, como também é possível perceber que o mesmo modelo cultural está sendo usado para diluir a fé evangélica pelo lado de dentro. Nesse aspecto, é possível dizer que o Adversário cooptou nas fileiras evangélicas muitos líderes que agora trabalham para ele. Isso é visível quando percebemos muitos líderes que se dizem cristãos defenderem valores que são abertamente contrários à genuína fé evangélica.

Um fato notável é que esse ataque está acontecendo em esfera global. No livro *La Apostasía Venidera*, os autores, Mark Hithcock e Jeff Kinley, descrevem como isso está acontecendo, por exemplo, nos Estados Unidos da América, que já foi um reduto da fé evangélica. Esses autores desafiam seus leitores a se darem conta do que está acontecendo ali. Assim dizem:

Siga observando a seu redor e verá as autoridades estaduais e federais, juntamente com juizes da Suprema Corte, aprovando leis e decretos que legalizam, aprovam [...] as atividades homossexuais e o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Aos homens que se identificam como mulheres é permitido usarem os banheiros femininos, expondo as jovens a um potencial trauma, abuso ou ataque. A consciência moral de nossa sociedade se tem embotado de tal ponto que chamamos com orgulho o mal de “bem” e o bem “mau” [...] em nosso ambiente moral contemporâneo vale quase tudo [...] exceto, por suposto, a moral bíblica [...] o politicamente correto se converteu em um ídolo que exige veneração e culto. Não nos atrevemos a confrontar-lhes pois enfrentaremos sua ira. Por exemplo, o simples fato de não se concordar com a opinião da moda quanto a moralidade é logo taxado de incitar o ódio ou a intolerância. Os históricos valores judaico-cristãos estão sendo sistematicamente apagados das paredes da consciência e em seu lugar está sendo posta uma moral pagã e carnavalesca. Sugerir que existe uma moral absoluta e objetiva com respeito a temas como a sexualidade ou o casamento é incorrer em julgamento instantâneo e ser exposto ao ridículo, vergonha e execração no tribunal da opinião pública e ser logo apedrejado nas redes sociais. Como resultado desse e outras evidências indiscutíveis de decadência moral, muitos creem que estamos presenciando em tempo real o colapso sistemático da civilização ocidental.<sup>2</sup>

Não resta dúvida, portanto, de que há uma cultura hostil e de enfrentamento à fé evangélica em escala global. Até parece que esses autores estão vivendo no contexto cultural brasileiro tamanha é a semelhança do quadro pintado. Os cristãos brasileiros da mesma forma têm tomado consciência de que tanto o legislativo como o judiciário têm tomado medidas que vão de encontro aos valores judaicos cristãos. Isso pode ser visto, por exemplo, na aprovação da união civil entre pessoas do mesmo sexo, na defesa aberta do aborto e da ideologia de gênero. Qualquer um que se oponha a esse entendimento é logo tachado de defender um discurso de ódio. Recentemente um atleta emitiu a sua opinião sobre a decisão da indústria cinematográfica converter o filho do Super-Homem em gay. Tão logo expôs sua opinião contrária a essa decisão, o atleta foi ferrenhamente atacado nas redes sociais e teve seu patrocínio retirado. É assim que a cultura secularizada reage quando alguém reclama uma volta aos valores judaico-cristãos.

O mais grave nisso tudo está no fato de que muitos cristãos não se dão conta da realidade dessa guerra. Eles simplesmente cruzam os braços como se nada estivesse acontecendo. Só que está acontecendo e de uma forma muito rápida. Parece que o Diabo quer tomar a igreja de assalto enquanto muitos estão descuidados ou dormindo. Parece incompreensível que se veja cristãos continuarem nesse cenário flertando com o mundo e consequentemente com o seu príncipe, o Diabo. É lamentável dizer, mas muitos cristãos dormem enquanto o Inimigo está semeando o seu joio.

Neste livro mostraremos as esferas nas quais o ataque à fé cristã tem se concentrado. De uma forma geral, podemos dizer que esse ataque engloba as esferas sociopolítica, ético-moral e espiritual. Nesse aspecto, veremos que o Estado e, consequentemente, as instituições que o representam servem de escudo para aqueles que não apenas se opõem aos valores cristãos, mas querem a todo custo ver a fé cristã desconstruída. Por outro lado, como já sublinhamos, o ataque à igreja também acontece do lado de dentro. Na verdade, essa, a meu ver, é a mais letal forma de ataque que o Adversário promove contra a igreja. Isso por uma razão bem simples — líderes cristãos fracos, que não têm convicção de suas crenças, tornam-se não apenas presas do Inimigo, mas, sobretudo, instrumentos de propagação de seus erros. Isso acontece quando os líderes cristãos doutrinados se rendem à cultura desse mundo, aceitando passivamente aquilo que o espírito dessa época ditou como sendo a sua verdade.



Isso pode ser visto, por exemplo, nos recentes episódios envolvendo grandes líderes e estrelas do mundo gospel. Pregadores famosos têm se levantado para contestar o modelo ortodoxo da fé cristã e em seu lugar colocar outro evangelho que se adeque às suas crenças e convicções. Nesse aspecto, vemos a graça sendo não apenas barateada, mas, sobretudo, banalizada. Dessa forma, práticas que anteriormente eram vistas como pecaminosas ou inadequadas para o líder cristão, tais como o adultério e o divórcio, são cada vez mais aceitas sem maiores contestações. Não é incomum vermos grandes líderes envolvidos em escândalos sexuais e, da mesma forma, trocando suas esposas por outras mais jovens.

Assim, também, ainda dentro desse mesmo contexto, vemos pastores afirmando que a Bíblia é um livro que precisa ser atualizado para se ajustar às recentes conquistas sociais. A Bíblia deixa de ser a inspirada Palavra de Deus para se converter em um manual de moral que já se desatualizou. Na realidade, o que se pode afirmar com segurança é que esses líderes se renderam à cultura mundana que eficientemente desconstruiu suas convicções e fé. O mais grave disso tudo é que temos aqui um “veneno dentro da panela” que está matando pessoas dentro da igreja. Muitos desses líderes, que se renderam ao espírito deste mundo, em vez de entregarem suas igrejas, continuam de forma profana usando seus púlpitos para defender seus relacionamentos errados e suas formas equívocas de crer.

Da mesma forma, o neomarxismo e a espiritualidade holística também são bandeiras levantadas nesse contexto cultural pós-moderno. Qualquer cristão com um pouco de discernimento já tomou consciência de que há uma ideologia de natureza social que quer a todo custo suplantiar os valores cristãos. Nesse aspecto, o neomarxismo ou marxismo cultural, como tem sido rotulado ultimamente, tem se convertido numa poderosa ferramenta usada para desconstruir a cultura judaico-cristã. Isso pode ser claramente percebido através de um sistema de doutrinação que procura abranger todos os seguimentos da sociedade. O que pregam e creem esses doutrinadores é diametralmente oposto àquilo que preceituam as Escrituras Sagradas. Isso vai desde a tentativa de remoção de símbolos religiosos de espaços públicos até mesmo à tentativa de se negar a natureza biológica do sexo. Por outro lado, a espiritualidade holística ou nova espiritualidade tem cada dia ganhado mais espaço nesse caldo cultural. O enfoque agora está no modelo holístico baseado na espiritualidade oriental, e não mais nos valores ocidentais notadamente cristãos. Nesse novo modelo, tudo é “deus”

e “Deus” é tudo. Buda, Javé, Alá e Jesus são apenas nomes diferentes para a mesma divindade. Não há um céu para se conquistar nem tampouco um inferno para se evitar.

Enfim, são sutilezas do erro que espreitam a verdadeira Igreja de Cristo. Nesse contexto, cabe à igreja expressar de forma firme e com toda convicção aquilo que crê e por que crê. A igreja não pode fugir de sua missão — ser sal e luz em meio a uma sociedade corrompida. Para tal, ela precisa se revestir das armas da justiça. É preciso, portanto, que a igreja ocupe todos os espaços com a poderosa mensagem do evangelho, pois somente dessa forma poderá enfrentar as sutilezas do Diabo e desfazer os seus sofismas. Convém lembrar que não há neutralidade nesse conflito — ou a igreja conquista ou ela será conquistada.

Com esse fim, este livro também aborda as estratégias por trás dos ensinamentos que querem enfraquecer a identidade pentecostal. É um fato que o movimento pentecostal oxigenou a fé cristã ao mostrar que era, sim, possível experimentar a realidade do Cristo vivo. Foi crendo assim que os pentecostais se lançaram no mundo como o maior mover missionário depois dos apóstolos. Terras foram alcançadas e povos foram conquistados. Tudo isso teria sido impossível se não fossem as suas firmes convicções que o Espírito Santo agia por intermédio deles. Na verdade, eles não apenas criam nisso, mas, de fato, demonstraram isso. Contudo, observa-se que há aqueles que querem a todo custo arriar a principal bandeira que tremula no mastro pentecostal — os dons espirituais e sua atualidade.

Uma guerra dessa magnitude não pode combatida pela igreja usando armas carnis ou os mesmos meios usados pelo mundo lá fora. É preciso usar as armas espirituais (2 Co 10.4). O apóstolo Paulo destaca o poder da Palavra de Deus e da oração como armas eficientes no conflito espiritual (1 Tm 4.5). Aos cristãos de Éfeso, Paulo recomenda que usem a Palavra de Deus e a oração no Espírito como armas na guerra espiritual. Não há outra forma de vencer essa guerra. A guerra precisa primeiro ser travada lá em cima para que a vitória apareça aqui embaixo.

---

<sup>1</sup> HOLDCRAFT, Paul E. In: *7 Mil Ilustrações e Pensamentos*. Org. Moisés Marinho. Rio de Janeiro: JUERP, 1986.

<sup>2</sup> HITCHCOCK, Mark; KINLEY, Jeff. *La Apostasia Venidera*. Carol Stream: Tyndale House Publishers, 2017.

## Capítulo 2

# A Sutileza da Banalização da Graça

Ele lhes deu vida, quando vocês estavam mortos em suas transgressões e pecados, nos quais vocês andaram noutro tempo, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência. Entre eles também nós todos andamos no passado, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como também os demais. Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, e estando nós mortos em nossas transgressões, nos deu vida juntamente com Cristo — pela graça vocês são salvos — e juntamente com ele nos ressuscitou e com ele nos fez assentar nas regiões celestiais em Cristo Jesus. Deus fez isso para mostrar nos tempos vindouros a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus. Porque pela graça vocês são salvos, mediante a fé; e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas. (Ef 2.1-10, NAA)

A doutrina da graça é o âmago do cristianismo bíblico. De acordo com o *Diccionario Teológico Beacon*, a graça é “o amor espontâneo de Deus, ainda que imerecido, para o homem pecaminoso, revelada supremamente na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo”.<sup>1</sup> Nesse aspecto, observamos que a

graça é, em absoluto, um dom de Deus outorgado a humanidade. Não há nenhum mérito humano em recebê-la.

O termo “graça” pode ser encontrado tanto no Antigo como no Novo Testamento. Sendo, contudo, mais comum na teologia neotestamentária, especialmente nas Cartas Paulinas. No Antigo Testamento, encontramos a palavra hebraica *hen* com o sentido de favor imerecido. “Agora, se alcancei favor diante de ti, peço que me faças saber neste momento o teu caminho, para que eu te conheça e obtenha favor diante de ti; e lembra-te que esta nação é teu povo” (Êx 33.13, NAA). Por outro lado, o termo grego para graça é *charis*, que ocorre 164 vezes no Novo Testamento, sendo 101 vezes nas Cartas de Paulo. “Porque pela graça vocês são salvos, mediante a fé; e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2.8,9, NAA).

Assim convém aqui vermos os aspectos soteriológicos da doutrina da graça, isto é, como ela se revela no plano de Deus para salvar a humanidade.

*Em primeiro lugar, a graça é necessária para a salvação.*

O apóstolo Paulo afirma que por intermédio do homem entrou o pecado no mundo (Rm 5.12). Por conta da entrada do pecado no mundo, a condição da humanidade caída diante do pecado é de total impotência. O homem não pode fazer nada. É preciso a intervenção da graça de Deus para tirar a humanidade do domínio do pecado. Nesse aspecto,

todos os homens e mulheres foram atingidos pelo pecado a tal ponto que, embora tenham sido feitos à imagem de Deus, não podem, por si mesmos, chegar a Deus. Não há nada que o homem natural possua ou pratique que lhe faça merecida a graça de Deus.<sup>2</sup>

Assim, observamos que o cerne da doutrina da graça está no fato de que mesmo a humanidade merecendo ser condenada, Deus por sua infinita graça a quer salvar. Em outras palavras, Deus poderia e pode ser contra o homem, mas, por causa de sua graça, Ele fica a seu favor. Isso é claramente mostrado de forma objetiva na encarnação de Jesus Cristo, o Filho de Deus. Como afirmou Stephen Gunter, por meio de Cristo, o homem rebelde contra Deus experimenta o amor imerecido de Deus e inicia uma relação com Ele. Cristo, portanto, como afirmou o apóstolo Paulo, é a graça de Deus que se manifestou trazendo salvação a todos os homens (Tt 2.11).

A doutrina da graça, portanto, é bem definida e clara no contexto bíblico. Contudo, dentro da tradição cristã, essa doutrina, como ela se manifesta na salvação da humanidade, esteve sujeita a controvérsias. Por volta do quinto século depois de Cristo, foi travada uma longa discussão em torno da doutrina da graça. Seus efeitos sobre a formação teológica do cristianismo perduram até hoje. De um lado, afirmava-se que não havia pecado original e que o homem poderia chegar-se a Deus por vontade própria ou por seu próprio arbítrio. Em outras palavras, a humanidade pós-queda não teria herdado o pecado de Adão e nem tampouco dependia necessariamente da graça para se salvar. Assim, por intermédio de seu próprio livre-arbítrio e vontade, o homem poderia se voltar para Deus. Essa era a posição de Pelágio (350-423 d.C), um monge ascético da Britânia (350–423). A concepção pelagiana quanto à soteriologia foi considerada uma heresia e foi condenada como tal no concílio de Éfeso em 431 d.C.<sup>3</sup>

Por outro lado, havia aqueles que afirmavam a completa dependência da graça no processo da salvação. Isso por conta da depravação do pecado a quem a humanidade ficou subjugada por conta da Queda. Esse modelo soteriológico centrava seus argumentos em dois eixos — a depravação total da humanidade pós-queda e a soberania absoluta de Deus. No primeiro eixo girava o entendimento de que toda a humanidade, exceto Jesus, o Filho de Deus, herdou o pecado de Adão e por conta disso se encontra totalmente perdida e condenada.

Essa era a posição de Agostinho (354-430 d.C), bispo de Hipona. A doutrina agostiniana da necessidade da graça prevaleceu tanto no catolicismo medieval como também no pensamento dos principais reformadores protestantes do século XVI. Contudo, a sua defesa da absoluta soberania de Deus, que excluía por completo a participação humana no processo da salvação, não foi unanimidade entre eles. Nesse aspecto, aqueles que seguiram a posição agostiniana quanto à absoluta soberania divina foram chamados de monergistas. Isso significa dizer que, no processo da salvação, Deus faz tudo e não há participação alguma do homem. Por outro lado, aqueles que, nesse particular, rejeitaram o ponto de vista agostiniano, crendo que o homem, de alguma forma, poderia ter participação no processo da salvação, foram chamados de sinergistas.<sup>4</sup> Nesse aspecto, a doutrina determinista se encontra dentro da tradição monergista enquanto o arminianismo pertence à tradição sinergista. Aqui sinergismo significa simplesmente que Deus não salva ou condena os

homens à parte de suas escolhas. Se assim Ele o fizesse não seria um Soberano, mas um monstro moral, já que Deus condenaria o homem sem demonstrar nenhuma compaixão nem tampouco lhe dar uma oportunidade. Contudo, é possível dizer que, mesmo no arminianismo, aspectos do sinergismo podem ser encontrados. Isso porque o arminianismo reconhece que toda graça salvífica procede de Deus e que uma livre colaboração do homem é possível por intermédio da graça preveniente. Contudo, a tradição arminiana

Rejeita o monergismo radical, visto que o determinismo torna Deus responsável (por omissão) daqueles que ele não escolheu salvar; reduz a liberdade a um jogo de marionetes e a santificação a uma mera ficção; ainda contradiz o teor total da Escritura, a qual assume que o homem possui a capacidade de colaborar com Deus ou rejeitá-lo.<sup>5</sup>

Nesse aspecto, as Assembleias de Deus, por acreditarem que os homens podem aceitar ou rejeitar a oferta da graça, estão inseridas dentro da tradição sinergista. As Assembleias de Deus, tanto na sua vertente escandinava como americana, estão inseridas dentro da tradição arminiana. Do lado escandinavo, por exemplo, os missionários batistas suecos que se pentecostalizaram e formaram a Assembleia de Deus em solo brasileiro expressavam a soteriologia do arminianismo clássico. Durante os primeiros cinquenta anos desde a sua fundação em 1911, o pensamento teológico da Assembleia de Deus no Brasil foi formado a partir dos ensinamentos dos missionários batistas suecos. Como era característica dos batistas, os missionários suecos não transformaram a questão confessional em um campo de batalha teológico. Contudo, quando foi preciso se posicionar sobre isso, eles o fizeram. Nils Kastberg, por exemplo, refutou a doutrina determinista que afirma que “uma vez salvo, salvo para sempre” em uma edição do *Mensageiro da Paz* de maio de 1935. Kastberg escreveu:

Um ponto principal de sua doutrina está completamente errado. Eles ensinam que, quando uma pessoa é verdadeiramente salva, não pode, de maneira alguma, se perder; quer dizer, não há mais possibilidade nem perigo para um que, uma vez foi salvo, de perder a sua alma. Onde aprendestes esta doutrina satânica? A Bíblia nos mostra, claramente, que há possibilidade de cairmos e perdermos a nossa alma, uma vez que não vigiamos. Essa doutrina errônea leva os ouvintes a crerem que, uma vez

salvos, eles podem viver como quiserem, praticando toda sorte de pecados, porquanto, já ganharam a salvação e jamais a perderão — são predestinados.<sup>6</sup>

Por outro lado, a partir da segunda metade do século XX, a presença de missionários das Assembleias de Deus vindos dos Estados Unidos se intensificou no Brasil. A Assembleia de Deus americana, ao contrário da sua coirmã de raiz escandinava, tem suas origens na tradição do arminianismo-wesleyano. Isso porque o Movimento de Línguas, que inspirou o nascimento das Assembleias de Deus na América, estava inserido dentro do contexto da santidade wesleyana. As Assembleias de Deus americanas teologicamente se definem como arminianas. Isso foi feito em uma Declaração oficial emitida por seu presbitério em 2015. Nesse documento, as Assembleias de Deus norte-americanas, que tiveram origem em 1914, se declaram uma igreja arminiana. “A posição tipicamente assumida pelas Assembleias de Deus é chamada de arminianismo”, reza o documento.<sup>7</sup>

No contexto brasileiro, o reconhecimento dessa identidade arminiana das Assembleias de Deus foi feito bem antes, em 1974. Ao comentar uma lição bíblica da Escola Dominical em 14 de abril de 1974, que tratava sobre a doutrina da eleição, Lawrence Olson escreveu:

Em torno do assunto da eleição têm surgido duas escolas de pensamento: os calvinistas, que seguem os pensamentos do grande reformador João Calvino, e os arminianos, que seguem os pensamentos de Jacó Armínio, outro teólogo holandês. [...] os metodistas, episcopais e luteranos acompanham Armínio. Nós, das Assembleias de Deus, também somos da opinião de Armínio.<sup>8</sup>

A declaração de Katsberg vista anteriormente acerca da perseverança dos santos é claramente sinergista, uma vez que afirma que o crente pode cair da graça se não vigiar. Da mesma forma, também o é a afirmação de Olson, que no corpo da citada lição que ele comentou, destaca a necessidade de uma resposta humana à oferta da graça. Contudo, convém dizer que, no contexto das Assembleias de Deus, “sinergismo” não tem relação alguma com pelagianismo ou semipelagianismo. As Assembleias de Deus não são pelagianas nem semipelagianas, pois creem e defendem que sem o concurso da graça nenhum homem pode se salvar. Somos salvos pela graça somente por meio da fé (Ef 2.8). “Creia no Senhor Jesus e você será salvo — você e toda a sua casa” (At 16.31, NAA).



No tocante à Queda do homem, as Assembleias de Deus, seguindo o texto bíblico e a tradição dos reformadores, afirmam a corrupção da natureza humana por consequência do pecado:

A Queda do Éden arruinou toda a humanidade tão profundamente que transmitiu a todos os seres humanos a tendência ou inclinação para o pecado. Não somente isso, contaminou toda a humanidade [...] a natureza moral foi corrompida, e o coração humano tornou-se enganoso e perverso. Todas as pessoas estão mortas em ofensas e pecados; são inimigas de Deus e escravas do pecado. A corrupção do gênero humano atingiu o homem em toda a sua composição — corpo, alma e espírito [...] isso prejudicou todas as suas faculdades, quais sejam: intelecto, emoção, vontade, consciência, razão e liberdade. Portanto, o homem por si mesmo não consegue voltar-se para Deus sem o auxílio da graça divina.<sup>9</sup>

Esse texto, conforme exposto na *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, mostra de forma clara e inequívoca as terríveis consequências da Queda do primeiro casal e, portanto, a necessidade da graça. Sem a graça de Deus não haveria nenhuma possibilidade de o homem sair de seu estado caído. Contudo, a expressão “mortas em ofensas e pecados” aplicada aos herdeiros do pecado de Adão não significa que o homem caído não pudesse responder ao apelo da graça.

Sobre isso, diz Norman Geisler:

Mesmo depois de haver pecado e se tornado espiritualmente “morto” (Gn 2.17; cf. Ef 2.1), e, portanto, um pecador, em função de sua natureza pecaminosa”(Ef 2.3), Adão não se tornou tão completamente depravado a ponto de não ouvir mais a voz de Deus e poder responder livremente: “E chamou o SENHOR Deus a Adão e disse -lhe: Onde estás? E ele disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me (Gn 3,9-10). A imagem de Deus foi obscurecida, mas não completamente erradicada pela Queda; ela foi corrompida (afetada), mas não eliminada (aniquilada). Na verdade, a imagem de Deus (que inclui o livre-arbítrio) ainda permanece nos seres humanos — é por isso que o assassinato ou o ato de pronunciar maldição sobre qualquer pessoa, seja ela cristã ou não, é pecado, “porque Deus fez o homem conforme a sua imagem” (Gn 9.6).<sup>10</sup>

*Em segundo lugar, a salvação pela graça está condicionada à fé em Cristo.*

Não existe salvação fora de Cristo. Deus estabeleceu que Cristo fosse o Salvador daqueles que nEle cressem. Por outro lado, aqueles que o rejeitassem estariam condenados (Jo 5.4). Em Cristo somos eleitos. No dizer

das Escrituras: “Por isso, quem crê no Filho tem a vida eterna; quem se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus” (Jo 3.36, NAA). Isso implica que no processo da salvação uma resposta humana é exigida. “Creia no Senhor Jesus e você será salvo — você e toda a sua casa” (At 16.31, NAA). Contudo, essa eleição é de acordo com a presciência de Deus.

Ainda de acordo com Geisler:

Pedro falou nos “eleitos segundo a presciência de Deus Pai” (1 Pe 1.2). Dessa forma, por ser amor (1 Jo 4.16), é necessário que Deus aja de maneira amorosa, mas também por ser justo, faz-se necessário que Ele aja de maneira justa (Gn 18,25; Rm 2.11; 3.26). Entretanto, não havia necessidade de Deus formar criaturas morais; mas se Deus escolher formar criaturas morais [...] é necessário que, diante das condições escolhidas por Deus para criar e salvar essas criaturas morais, Ele o faça de acordo com a liberdade que as concedeu. Logo, não existe nenhuma condição para que Deus conceda a salvação, mas existe uma (e somente uma) condição proposta para se receber o dom da vida eterna: a fé (At 16.31; Rm 4.5; Ef 2.8-9). Portanto, o recebimento da salvação está condicionado ao nosso crer. A salvação é incondicional da perspectiva daquele que a concede, mas é condicional do ponto de vista daquele que recebe (pois este precisa crer para recebê-la). Em suma, a salvação vem de Deus, mas a recebemos por meio da fé: “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé” (Ef 2.8).<sup>11</sup>

Assim, observamos que Deus não decretou desde a eternidade salvar alguns e condenar outros independentemente de suas vontades e escolhas. Aqueles que acreditam que Deus impõe sua vontade independentemente das escolhas humanas pensam que essa é a única forma de Ele satisfazer a sua justiça. De fato, Deus é justo e sua justiça exigia a punição do pecado. Contudo, o mesmo Deus que é justiça também é amor. Se a sua justiça exigia a punição do pecador, por outro lado o seu amor exigia a sua redenção. É exatamente no nosso bendito Salvador Jesus Cristo que as exigências da justiça e da misericórdia divina são satisfeitas. Em Cristo o nosso pecado é punido e em Cristo o grande amor de Deus também é revelado.

*Em terceiro lugar, a graça é extensiva e a salvação universal.*

Ao se tratar da doutrina da extensão da salvação é preciso que se faça distinção entre *universalidade* e *universalismo*. A salvação é universal porque Deus no seu grande amor quer salvar todos os homens (Jo 3.16). Deus

“deseja que todos sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade” (1 Tm 2.4, NAA).

Argumentando contra aqueles que veem uma expiação limitada nos textos do Evangelho de João 1.29; 3.16 e 1 Timóteo 2.4-6, David Allen destacou que essas passagens bíblicas não podem se ajustar a ideias pré-concebidas trazidas para se juntar a esses textos.

Passagens como João 1.29, João 3.16 e 1 Timóteo 2.4-6 simplesmente não podem ser acorrentadas às cadeias lexicais limitadas que restringem o significado de “mundo” e “todos” a algo menor que a humanidade. Este é um enorme erro linguístico. D.A. Carson apontou corretamente [...] que mundo nas Escrituras nunca significa “os eleitos”. O contexto geralmente deixa claro se “todos” ou “mundo” significa “todos sem exceção” ou “todos sem distinção”. Estes três textos são claros, para não mencionar uma dúzia de outros textos do Novo Testamento. Simplesmente não é exegeticamente possível interpretar “todos” e “mundo” nos três textos listados acima, e vários outros, de uma forma limitada.<sup>12</sup>

Assim vemos que a expiação é ilimitada porque é extensiva a todos os homens. Isso evidentemente, não quer dizer que todos os homens serão salvos porque nem todos creram na mensagem do evangelho e nem tampouco responderão a ela. Por outro lado, o *universalismo* acredita que Deus, devido a sua bondade, salvará a todos independentemente de suas vontades e escolhas.

*Em quarto lugar, a graça é resistível e a oferta da salvação pode ser recusada.*

Quando discursava perante os líderes religiosos de seu tempo, Estevão, um dos diáconos da Igreja Primitiva, disse: “Homens teimosos e incircuncisos de coração e de ouvidos, vocês sempre resistem ao Espírito Santo” (At 7.51, NAA). Essa Escritura mostra de forma inequívoca que a graça pode ser resistida. Deus não convence quem não quer e recusa-se a ser convencido. Isso é diametralmente oposto à ideia segundo a qual todos os chamados serão infalivelmente salvos. De acordo com as Escrituras, o Evangelho é para todo aquele que crer (Mc 16.16), e que no plano salvífico de Deus uma resposta humana é exigida.

Dessa forma, Geisler sublinha:

[...] Embora ninguém possa crer para a salvação sem a ajuda da graça salvífica de Deus, o ato gracioso pelo qual somos salvos não é monergista (um ato solitário da

parte de Deus), mas sinergista (um ato de Deus e da nossa livre-escolha). A salvação vem de Deus, mas se completa com a nossa cooperação.<sup>13</sup>

Com a Queda, toda a humanidade ficou presa ao pecado. Assim, sem o auxílio da graça ninguém jamais poderia se libertar das garras do pecado. Sabendo que o homem não poderia salvar a si mesmo, Deus estendeu-lhe a oferta da graça. O *Dicionário Global de Teologia Wesleyana*, seguindo a tradição soteriológica arminiana, destacou que no processo da salvação, a graça se apresenta de forma preventiva (preveniente), justificadora e santificadora. Nesse aspecto,

A graça preveniente precede e capacita a resposta de uma pessoa ao chamado de Deus. Ela não produz conversão ou regeneração, mas inicia a consciência de Deus e da necessidade de salvação. A graça também pode ser regenerativa e reconciliadora se uma pessoa responde obedientemente ao chamado de Deus. Ele ou ela se arrepende, experimenta o perdão de Deus e é restaurado a um relacionamento correto (nascido de novo do alto) com Deus e os outros. A transformação é radical; envolve a transição de uma vida egocêntrica para uma centrada em Jesus Cristo. Esta é uma vida marcada pela comunhão com Deus e pela liberdade responsável. É energizado pelo Espírito Santo. A graça de Deus posteriormente opera para santificar, continuamente transformando uma pessoa à imagem de Cristo. Importante para a explicação de Wesley da graça é que ela se estende universalmente a todas as pessoas, com o intuito de sua salvação.<sup>14</sup>

Assim também pontua a *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*:

Deus derrama sua graça, sem a qual o homem não pode entender as coisas espirituais, ou seja, foi Deus quem tomou a iniciativa na salvação, “do Senhor vem a salvação” (Jn 2.9), agindo em favor das pessoas. Graça é um favor imerecido. É por meio da graça que Deus capacita o ser humano para que ele responda com fé ao chamado do evangelho: “Mas, se é por graça, já não é pelas obras; de outra maneira, a graça já não é graça” (Rm 11.6). Todavia, os seres humanos, influenciados pela graça que habilita a livre escolha, são livres para escolher: “Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina, conhecerá se ela é de Deus ou se eu falo de mim mesmo” (Jo 7.17). Deus proveu a salvação para todas as pessoas, mas essa salvação aplica-se somente àquelas que creem: “isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos e sobre todos os que creem” (Rm 3.22). Nesse sentido, não há conflito entre a soberania de Deus e a liberdade humana.<sup>15</sup>

*Em quinto lugar, é possível cair da graça.*

A doutrina determinista destaca que ninguém pode cair da graça. Uma vez salvo, salvo para sempre. Isso porque da mesma forma que o homem não teve liberdade para aceitar a oferta da graça, assim também ele não tem liberdade para rejeitá-la. Dizendo isso de outra forma, se não houve liberdade para entrar também não haverá liberdade para sair.

Assim, Nils Kastberg comentando diz:

falando da predestinação, precisamos nos lembrar que, como um livro tem dois lados, assim, também, este assunto o tem. Deus nos mandou o Seu filho, para que todo aquele que for a Ele se salve, e todo aquele que for é predestinado, mas com a condição de ficar em Cristo, obedecendo a sua Palavra. O homem tem a possibilidade de entrar e crer Nele, mas tem, também, a possibilidade de sair e, como já afirmamos, de novo crucificar o Filho de Deus. Os pregadores que pregam a predestinação incondicional têm visto e estudado o assunto só dum lado, ou com um só olho; é preciso que abram o outro olho também, e comecem a estudar o outro lado da Bíblia, neste sentido.<sup>16</sup>

Da mesma forma a *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*

Rejeitamos a afirmação segundo a qual “uma vez salvo, salvo para sempre”, pois entendemos à luz das Sagradas Escrituras que, depois de experimentar o milagre do novo nascimento, o crente tem a responsabilidade de zelar pela manutenção da salvação a ele oferecida gratuitamente: “Vede, irmãos, que nunca haja em qualquer de vós um coração mau e infiel, para se apartar do Deus vivo” (Hb 3.12).<sup>17</sup>

As Assembleias de Deus, portanto, afirmam em seus códigos doutrinários que os homens possuem liberdade tanto para aceitarem a oferta da graça como para rejeitarem. Assim as Assembleias de Deus destacam que a possibilidade da queda da graça é um fato mostrado com clareza meridiana nas Escrituras Sagradas (Hb 3.12; 6.4-6; 10.26-29; 1 Co 10.12).

Observamos que a graça de Deus é o principal pilar sobre o qual todos os ouros se alicerçam. Contudo, mesmo sabendo da importância da graça, muitos cristãos não a valorizam como deveriam. O que se verifica no cristianismo moderno é uma banalização da graça. Por acreditarem que estamos debaixo da graça e não da lei, muitos cristãos extrapolam os limites da liberdade cristã. Dessa forma, as mais questionáveis práticas e comportamentos são legitimados em nome da graça. Entendem que a graça

valida até mesmo comportamentos reprováveis. Contudo, à luz da Bíblia, a advertência para aqueles que estão debaixo da graça é muito mais dura do que para aqueles que se encontravam debaixo da lei. “Quem tiver rejeitado a lei de Moisés morre sem misericórdia, pelo depoimento de duas ou três testemunhas. Imaginem quanto mais severo deve ser o castigo daquele que pisou o Filho de Deus, profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado e insultou o Espírito da graça!” (Hb 10.28,29, NAA).

---

<sup>1</sup> GUNTER, W. Stephen. In: *Diccionario Teológico Beacon*. Lenexa, Kansas, EUA: CNP, 1984.

<sup>2</sup> *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

<sup>3</sup> OLSON, Roger. *História da Teologia Cristã*. São Paulo: Vida, 2001, p. 272-281.

<sup>4</sup> O termo *sinergismo*, do grego *synergeo*, aparece 5 vezes no Novo Testamento Grego. “Cooperando (*synergeo*) com eles o Senhor” (Mc 16.20); “Todas as coisas cooperam (*synergeo*) para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm 8.28); “Portanto, sujeitem-se a pessoas como eles, bem como a todo aquele que é cooperador (*synergeo*) e obreiro” (1 Co 16.16); “E nós, na qualidade de cooperadores (*synergeo*) com ele, também exortamos a que vocês não recebam em vão a graça de Deus” (2 Co 6.1) e “Você percebe que a fé operava (*synergeo*) juntamente com as suas obras e que foi pelas obras que a fé se consumou” (Tg 2.22). Por outro lado, o termo *monergismo* não aparece no texto grego do Novo Testamento.

<sup>5</sup> *Diccionario Beacon*. Lenexa: CNP, 1984.

<sup>6</sup> KASTBERG, Nils. *Mensageiro da Paz*, ano V, nº 10, 2ª quinzena de maio de 1935.

<sup>7</sup> Veja: “*Uma Resposta das Assembleias de Deus à Teologia Reformada*”. Declaração Oficial adotada pelo Presbitério das Assembleias de Deus norte-americanas em sessão de 1 a 3 de agosto de 2015.

<sup>8</sup> OLSON, Lawrence. *Lições Bíblicas*, p. 775, 2º Trimestre de 1974. Coleção Lições Bíblicas, CPAD, 2013. Convém destacar que, mesmo se posicionando teologicamente como arminiano, Olson evita a radicalização em torno da doutrina da predestinação. Ao contrário do contexto atual, ele acreditava que era possível encontrar pontos positivos em ambas as escolas.

<sup>9</sup> *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

<sup>10</sup> GEISLER, Norman. *Teologia Sistemática. Vol.2*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

<sup>11</sup> GEISLER, Norman. *Teologia Sistemática: pecado, salvação, igreja, últimas coisas*. Vol 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

<sup>12</sup> ALLEN, David. *Todos Podem Ser Salvos*. Rio de Janeiro: Verbum Publicações, 2020.

<sup>13</sup> GEISLER, Norman. *Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 115.

<sup>14</sup> RAINEY, David. *Global Wesleyan Dictionary of Theology*. Kansas City: Beacon Hill Press, 2013, p. 223.

<sup>15</sup> *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 113.

<sup>16</sup> KASTBERG, Nils. Doutrinas Errôneas. *Mensageiro da Paz*, ano 5, n° 17, p. 6, 1ª quinzena de setembro de 1935.

<sup>17</sup> *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 114.

## Capítulo 3

# A Sutileza da Imoralidade Sexual

Nas últimas décadas, presenciamos profundas mudanças na sociedade global. Isso aconteceu desde as novas configurações geopolíticas até aquelas de natureza sociocomportamentais. Dentro desse contexto, as mudanças mais profundas dizem respeito àquelas ligadas à sexualidade humana. É inegável que a forma como se define o certo e o errado em relação ao comportamento sexual mudou de forma drástica nos últimos anos. Assim, a ideia de que o sexo era algo sagrado para ser experienciado somente na esfera do casamento, como definia a moral cristã, passou a ser duramente contestada. Cada vez mais, práticas que fugiam da forma tradicional de expressar a sexualidade ganharam aprovação popular. O sexo livre, praticado fora da esfera do casamento, e a infidelidade conjugal tornaram-se práticas cada vez mais normais dentro desse novo paradigma cultural.

## A Revolução Sexual

Os pesquisadores costumam vincular essas mudanças comportamentais em relação à expressão da livre sexualidade aos acontecimentos ocorridos nos anos 1960. Foi naquela década que a sociedade passou por profundas



mudanças de natureza sociopolíticas e comportamentais. O que ocorreu nos anos sessenta acabou por de alguma forma modelar as gerações futuras. Os movimentos de contestações, que se posicionaram contra os conflitos bélicos e também contra a moral conservadora, deram o tom do que viria pela frente.

A explosão sexual, portanto, que presenciamos hoje é fruto de uma ideologia cultural que há anos vem sendo construída no Ocidente. Ao mesmo tempo em que se firma como um novo paradigma para a sexualidade humana, esse modelo cultural desconstrói os valores morais cristãos. Seus efeitos não são vistos apenas na cultura secular, que já se rendeu por completo a seus apelos, mas também tem causado grande impacto e influenciado de forma drástica a igreja evangélica.

## A Fornicação

Isso pode ser visto, por exemplo, até mesmo na forma como os jovens cristãos tem encarado a sexualidade. A visão de que o sexo é algo sagrado para ser vivenciado na esfera do casamento perde força a cada dia. O que as estatísticas demonstram é que um número cada vez maior de jovens cristãos pratica intercurso sexual muito antes de subirem ao altar.<sup>1</sup> Está ficando cada vez mais frequente pastores aconselharem jovens que romperam os limites da castidade envolvendo-se em relações íntimas antes de se casarem. O que era uma prática pecaminosa no passado passou a ser aceito por muitos como um comportamento tolerado e até mesmo permitido.

Com o recente advento das redes sociais, os relacionamentos virtuais, incluindo exibição íntima do corpo ou partes dele, têm se tornado muito comuns entre jovens cristãos. Evidentemente, como destacaremos nesse livro, esse também um fenômeno que atinge casados. Contudo, devido ao dinamismo dos jovens e à maior interação com as mídias sociais, não há dúvida de que a tentação de se expor no ambiente virtual é muito maior.

Aquilo que é mostrado e visto apenas no ambiente virtual logo se transforma numa prática física do mundo real — a fornicação. Sem entrar aqui em questões de natureza semântica, a fornicação é entendida no contexto evangélico como o relacionamento sexual praticado por pessoas solteiras. É bem verdade que isso sempre existiu. Entretanto, devido a nossa herança cultural ter sido moldada por valores cristãos, esse tipo de prática

era a exceção, e não a regra. Com a inversão dos valores, a exceção parece que tomou o lugar da regra.

Como pastor já tive acesso a *prints* nos quais jovens namorados mantinham diálogos de cunho sexual. Não que eu estivesse procurando tais conversas. Sempre acreditei que o Espírito Santo e a ação da santa Palavra de Deus são suficientes para modelar os comportamentos à imagem de Cristo. Obtive conhecimento dessa prática por intermédio de outros jovens que, numa interação virtual, acabaram tendo conhecimento desse tipo de diálogo e os fizeram chegar até mim. Uma rápida leitura nesse tipo de conversa nos faz ver logo que alguma coisa está errada com o comportamento sexual dos jovens. O mais preocupante está no fato de que isso parece ser uma tendência que a cada dia parece querer se normalizar no contexto cristão — o intercuro sexual entre solteiros. O que, evidentemente, é trágico.

Acredito que o exemplo de José do Egito serve para demonstrar como o jovem deve tratar a sua sexualidade. Embora José tenha sido tentado por uma mulher casada, o seu exemplar comportamento como solteiro que soube esperar em Deus deve servir de inspiração para todos aqueles que, assim como ele, sofrem tentações sexuais (Gn 39.1-20).

*Em primeiro lugar, José viveu em meio a uma cultura pagã, mas não se paganizou.*

O texto diz que “José foi levado para o Egito” (Gn 39.1, NAA). Nos dias de José, o Egito era uma grande nação e um famoso centro cultural que exercia enorme influência nos povos vizinhos. A cultura pagã e sua influência sobre o povo de Deus sempre demonstrou ser um grande problema ao longo da sua história. “De maneira que temiam ao Senhor e, ao mesmo tempo, serviam aos seus próprios deuses, segundo o costume das nações dentre as quais tinham sido transportados” (2 Rs 17.33, ARA).

Sem dúvidas, José sentiu o forte impacto da cultura pagã com a qual convivia. Contudo, ele não se deixou moldar por ela. Escrevendo aos cristãos do Novo Testamento, o apóstolo Pedro os adverte a não se “amoldarem” à forma comportamental adotada pelo mundo (1 Pe 1.14). O termo grego *syschematizomenoi*, usado pelo apóstolo, significa “tomar a forma”. Faz parte da família dessa palavra o termo português *esquema*. O cristão é desafiado a não se amoldar, tomar a forma ou entrar no esquema adotado pelo modelo do mundo. José conseguiu viver no molde e modelo de Deus.

*Em segundo lugar, José tinha tudo o que a cultura admirava — a imagem —, mesmo assim não se deixou seduzir por isso.*

“José tinha um belo porte e boa aparência” (Gn 39.6, NAA). A beleza sempre é admirada. José por certo era um escravo que chamava a atenção. Ao destacar a beleza de José, o texto está preparando para o que virá em seguida — a beleza dele atrairá atenção de alguém. Em qualquer lugar ou cultura, as imagens exercem grande influência. No contexto do século XXI vivemos um verdadeiro culto à imagem. A necessidade de se expor, às vezes, ganha contornos de problemas psiquiátricos. As redes sociais que continuam existindo são aquelas que sabem trabalhar e explorar o poder das imagens. Talvez seja por isso que o Instagram tenha sobrevivido por tanto tempo. Os recursos disponibilizados por essa rede social são enormes e em todos eles a forma como as imagens são expostas ganham relevância. Os cristãos, especialmente os jovens, não precisam se expor nas redes sociais para se sentirem admirados, estimados ou aceitos. Precisamos saber que Cristo é a fonte de toda a nossa aceitação. Se sairmos desse modelo, cairemos nas astutas ciladas do Diabo.

*Em terceiro lugar, mesmo sendo um homem de Deus, José não estava imune à tentação.* “Assim, depois de algum tempo, a mulher de Potifar pôs os olhos em José e lhe disse: — Venha para a cama comigo” (Gn 39.7, NAA). Todos nós somos passíveis de sofrermos tentações. Com José não foi diferente. O convite era, de fato, tentador. É de se supor que os hormônios de José entraram em ebulição. Sem dúvida, José se sentiu tentado. Alguém já disse que, depois do desejo de viver, o instinto sexual é o mais forte no ser humano. Os jovens devem saber disso para não ultrapassar os seus limites.

*Em quarto lugar, mesmo vivendo em uma cultura pagã, José possuía sólidos valores morais e espirituais.*

“Não há ninguém nesta casa que esteja acima de mim. Ele não me vedou nada, a não ser a senhora, porque é a mulher dele. Como, pois, cometeria eu tamanha maldade e pecaria contra Deus” (Gn 39.9, NAA). Esse texto é bem interessante. José não possuía uma Bíblia escrita, pois naquele tempo nem mesmo a Lei existia. Tudo o que ele tinha era uma tradição oral repassada por seus pais. O que ele sabia sobre Deus era aquilo que seus pais lhe contaram e foi isso o que fez a diferença. Se José não possuísse valores morais solidificados, a sua história teria sido outra. O enredo da nossa história será contado de acordo com aquilo que acreditamos e professamos. Quer escapar da tentação sexual? Firme seus valores cristãos.

*Em quinto lugar, José, mesmo sendo um homem de Deus, fugiu da tentação.*

“Então ela o pegou pela roupa e lhe disse: — Venha para a cama comigo. Ele, porém, deixando a roupa nas mãos dela, saiu, fugindo para fora” (Gn 39.12, NAA). José tinha tudo para se render aos prazeres sexuais com uma mulher, que por certo, era uma das mais bonitas de seu tempo. Contudo, ele preferiu ir contra a cultura de sua época para agradar a Deus. Para escapar do laço que lhe fora armado, José só tinha uma alternativa — fugir. E foi o que ele fez. Você nunca vencerá a tentação sexual se não sair do território do inimigo. Se você é jovem, cristão e diz temer a Deus, é, portanto, preciso saber que uma forma eficaz de vencer a tentação é fugir dela. “Fujam da imoralidade sexual” (1 Co 6.18, NAA).

## O Adultério

Já observamos que a inversão de valores provocou mudanças profundas na forma como a sexualidade é enxergada. Sem dúvidas, dentro dessa cultura, as cercas de proteção do casamento foram duramente atingidas. Muitas já foram derrubadas. O adultério anda a espreita. Possivelmente em nenhum momento da história foi tão fácil construir uma relação extraconjugal como agora. Como já destacamos, as redes sociais facilitaram esse tipo de comportamento. Sem o temor de Deus é muito fácil interagir com o sexo oposto na esfera virtual.

Não há dúvida de que infidelidade conjugal tem sido fomentada tanto na TV como nas mídias sociais. A prática do sexo livre e os ditos relacionamentos abertos são defendidos e encorajados. Em outras palavras, a infidelidade e a traição são vistas como coisas normais. Há um mito de que o parceiro perfeito é o outro e não o próprio cônjuge; afinal, a grama mais verde é a do vizinho. Convém destacar que todos os casais enfrentam problemas, desafios e desilusões. Isso não poderia ser diferente, já que se trata de interações humanas que acontecem no mesmo espaço e debaixo do mesmo teto. A tentação e o engano estão em achar que o outro, que está de fora, não passa por nada disso. A infidelidade, a traição e o adultério se tornam algo apetitoso. Um equívoco que deve ser evitado a qualquer custo. Seja fiel ao cônjuge que Deus lhe deu.

Estou certo de que, se não todos, mas quase todos os pastores de alguma forma ou de outra já tiveram que tratar da questão da infidelidade conjugal com membros de suas respectivas igrejas. Uma grande porcentagem desses

casos teve como ponto de partida o universo virtual. Não se está aqui superestimando essas informações nem tampouco os dados. A verdade é que as redes sociais se converteram num terreno fértil para a traição. O adultério é o seu fruto principal.

O livro de Provérbios de Salomão contém sérias advertências sobre o adultério e suas consequências. Pensar que algum cristão pode construir uma relação extraconjugal sem que tenha que arcar com as consequências desse ato é ledó engano. Se a Palavra de Deus diz que o fruto do adultério é amargo como a morte, então é porque é isso mesmo. Não adianta dourar a pílula ou mudar o rótulo do veneno.

Infelizmente, muitos casais cristãos tiveram que pagar o alto preço de uma traição. Divórcios, feridas, rancores e ressentimentos são marcas que demoram a desaparecer. O perdão existe, mas quase sempre ele é precedido de machucaduras que dificultam a cicatrização. Por isso vale a pena ficar atento no que diz a Palavra de Deus para evitar cair nessa armadilha do Diabo.

*Em primeiro lugar, a proteção para o adultério consiste em se criar filtros.*

“[...] as suas palavras são mais suaves do que o azeite” (Pv 5.3, NAA). Os relacionamentos extraconjugais em sua grande maioria têm início na falta de afetividade entre os cônjuges, o que forçosamente gera carências. As carências tornam os relacionamentos vulneráveis e sujeitos a ataques de fora. Quase sempre a infidelidade começa de forma despretensiosa. Às vezes, vem na forma de um elogio: “Como você está elegante hoje” ou de uma mensagem de texto: “Você é simplesmente deslumbrante”. E por aí vai. A porta para a infidelidade está sendo aberta e muitas vezes quem está sendo atacado não se dá conta disso. Devido à falta de demonstração de afeto e de amor por parte de um dos cônjuges, o laço é lançado em volta do outro. A forma de se proteger, portanto, é demonstrar amor, carinho, afeto e companheirismo. É preciso, portanto, possuir filtros.

*Em segundo lugar, a proteção para o adultério é saber que ele terá consequências danosas.*

“[...] mas o seu fim é amargo como fel” (Pv 5.4, NAA). Geralmente, quem comete um crime ou caiu em um pecado não costuma pensar nas consequências. Contudo, é exatamente isso que a Escritura recomenda. Pense no que acontecerá se você trair seu cônjuge. Que consequências isso acarretará. O interessante é que o autor sagrado disse que os lábios da mulher adúltera destilam mel, contudo, o seu fim é amargo como o fel.

*Em terceiro lugar, a proteção para o adultério não está apenas em não lhe dar lugar, mas evitar entrar no seu território ou espaço.*

“Afasto o seu caminho dessa mulher; não se aproxime da porta da casa dela” (Pv 5.8, NAA). Evitar ter intimidade com quem você sabe que não pode ter intimidade. Evitar entrar no espaço que não pertence a você, mas ao outro. Dizendo isso de outra forma, se você é casado ou casada não pode desenvolver intimidade com estranhos ou estranhas, mesmo que seja uma pessoa amiga. Ela é estranha ao relacionamento. O relacionamento é para ser vivido a dois, não a três. Nada de contar intimidade para “meu melhor amigo ou amiga”. Aqui está a maior das tragédias. Já vi isso acontecer uma dezena de vezes. Tudo começa com alguém metido a conselheiro ou conselheira que, por não ter estrutura emocional e nem tampouco temor de Deus, acaba se envolvendo com cônjuge fragilizado. Aqui, a atenção dos pastores, por estarem envolvidos diariamente nesse tipo de aconselhamento, deve ser redobrada. Há muitos casos em que cônjuges fragilizados procuram o pastor e este, por não se cercar dos cuidados necessários, acaba se envolvendo emocionalmente com a pessoa aconselhada. O final é sempre trágico.

*Em quarto lugar, a proteção para o adultério está em manter uma vida disciplinada.*

“Por que o meu coração desprezou a disciplina?” (Pv 5.12, NAA). Sim, é isso mesmo. Casais precisam saber que casamento tem sua rotina e consequentemente exige uma vida disciplinada. Na verdade, a semelhança de uma cerimônia religiosa, os casamentos também possuem seus rituais. Tanto o homem como a mulher deve aprender que há rituais no casamento que, mesmo inconscientemente, devem ser observados. Por exemplo, o hábito de comprar presentes para o cônjuge pode se tornar um ritual, contudo, é um ritual benéfico e que faz parte do relacionamento. Da mesma forma, abraçar, beijar, sair juntos para jantar e viajar são rituais necessários nos relacionamentos sadios.

*Em quinto lugar, a proteção para o adultério está em não alimentar fantasias que seriam satisfeitas somente na esfera do casamento.*

“Beba a água da sua própria cisterna e das correntes do seu poço” (Pv 5.15, NAA). Como já dito, a expressão “o mito da grama mais verde” é usada para se referir à “mística” por trás de uma relação extraconjugual. Assim, a mulher mais bonita parece ser a do outro. Da mesma forma, o homem mais elegante, bonito e charmoso parece ser o da outra. Se o eixo no qual gira o casamento sair de seu centro, deslocando-se para fora,

forçosamente o casamento fracassará. O centro gravitacional do casamento sempre deve estar no casal e não fora dele. Quando um dos cônjuges passa a se sentir mais confortável com alguém estranho ao relacionamento, e não com o seu próprio parceiro ou parceira, então algo de muito errado está acontecendo.

## A Homossexualidade

Os pesquisadores estão de acordo que o moderno movimento homossexual tem seu ponto de partida ligado aos fatos acontecidos em 28 de junho de 1969 em Stonewall, Nova York. Na ocasião, a polícia fechou um bar gay e, sob protestos, expulsou os clientes do lugar. Esse incidente aconteceu em um contexto de manifestações sociais que caracterizaram a década de sessenta na América do Norte. A contracultura dos anos sessenta, o movimento pelo direito civil dos negros e a guerra do Vietnã alavancaram protestos por toda a nação. Foi nesse contexto que o movimento homossexual também levantou sua bandeira.

## A Ideologia

Há muito é travado nas academias um debate em torno da prática homossexual no mundo antigo. É amplamente divulgado, por exemplo, que a homossexualidade era vista como um comportamento natural e uma prática normalmente aceita na antiga Grécia. Porém, em seu livro *Eros: the myth of ancient greek sexuality*, o escritor Bruce S. Thornton, considerado como uma das mais respeitadas autoridades em literatura grega antiga, destaca que a crença de que a homossexualidade era algo natural na antiga Grécia não se sustenta. Thornton destaca que a heterossexualidade, e não a homossexualidade era o padrão na antiga Grécia. Assim, ao descrever a questão homossexual na literatura grega antiga, Thornton destaca que

outro argumento contra a aceitação irrestrita da homossexualidade pelos gregos é a prevalência do padrão sexual homem-mulher nas referências às relações homossexuais, o que sugere que o paradigma heterossexual é o “natural” e que as relações homossexuais imitam e padronizam-se depois. Como diz Aristóteles, “A afeição entre homem e mulher parece acontecer de acordo com a natureza, pois os humanos, por natureza, estão mais dispostos a viver em pares do que em

comunidades políticas”. Assim, o homossexual passivo é assimilado ao papel da mulher, o que explica a animosidade tradicional entre mulheres e *kinaidoi* — os últimos estão caçando em uma reserva feminina.<sup>2</sup>

Outro argumento usado para defender a prática homossexual é o determinismo genético. Nesse aspecto, acredita-se que a homossexualidade é fruto de um determinismo biológico. Dessa forma, entendem os seus defensores que uma vez que uma pessoa já nasce homossexual não há nada que se possa fazer. Não se pode mudar aquilo que é de natureza genética. Há muito que essa teoria procura se firmar como verdade na comunidade acadêmica. Muitos estudos têm sido patrocinados com o intuito de descobrir o “gene gay”. O doutor John S. H. Tay, um geneticista com dois doutorados em genética, fez um apanhado desses estudos ao longo da história e mostrou que todos são carentes de fundamentação científica. Em outras palavras, a busca pelo gene causador da homossexualidade ainda não foi encontrado.

Se, de fato, a homossexualidade fosse genética, os gêmeos idênticos seriam homossexuais, sem exceção. Contudo, o que a realidade tem mostrado e as pesquisas confirmam é que há milhares de casos envolvendo gêmeos em que um é homossexual e o outro não. Se a homossexualidade fosse genética, isso jamais aconteceria. Em outras palavras, os gêmeos seriam homossexuais, pois possuem a mesma constituição genética.

O doutor Robert Gagnon destaca que

Gêmeos idênticos são monozigóticos, isto é, são produzidos a partir de um único óvulo e de um único espermatozoide. No que diz respeito a composição genética, gêmeos idênticos são 100% idênticos [...] como os gêmeos idênticos têm uma correspondência genética absoluta, um fundamento genético da homossexualidade precisaria se manifestar em “taxas de concordâncias” mais elevadas no caso de gêmeos idênticos em que pelo menos um dos gêmeos é homossexual. Se a homossexualidade fosse totalmente determinada pelos genes, esperaríamos que nesses casos a taxa de concordância fosse 100%. Em outras palavras, o gêmeo idêntico de um homossexual seria sempre homossexual, assim como a cor dos olhos e o sexo de gêmeos idênticos coincidem em 100% dos casos.<sup>3</sup>

Depois de um exame cuidadoso de todas as pesquisas sobre as causas genéticas da homossexualidade realizadas entre 1991 e 2009, o doutor John Tay destaca:



A conclusão surpreendente é que os fatores genéticos são muito menos importantes do que os ambientais na causa da homossexualidade. Com base nisso, a afirmação feita por homossexuais: “Eu nasci assim, por isso não posso mudar”, simplesmente não é verdadeira.<sup>4</sup>

Assim, o doutor John Tay destaca que, caso se provasse que há uma ligação genética para a homossexualidade, isso não significaria que a homossexualidade fosse natural na sua origem ou normal. Isso porque muitas doenças como o diabetes tipo 2, esquizofrenia e artrite reumatoide também têm forte ligação genética, mas não são consideradas normais em termos fisiológicos, e o tratamento se faz necessário para evitar consequências negativas.

Assim,

A opção homossexual pode ser escolhida por razões pessoais (como uma resposta a um trauma), sociais (como aglomeração ou influência subculturais), ou ambas. Ela é reforçada toda vez que é escolhida, aumentando as chances de ser escolhida novamente na próxima vez.<sup>5</sup>

## Uma Preferência Adquirida

Após avaliar várias possíveis causas que justifiquem o comportamento homossexual, o escritor Valdeci S. Santos observa que a falta de comprovação científica para o determinismo biológico da homossexualidade favorece o entendimento de que ela é uma *preferência adquirida*. De acordo com esse autor, essa preferência estaria ligada tanto a razões psicossociais como individuais de se adotar um comportamento contrário àquele que seria natural. Essa explicação se ajusta mais ao ensino bíblico sobre a natureza pecaminosa da raça humana (Sl 51.5; Jo 3.5,6; Rm 5.12; Ef 2.1,2).

Assim, de acordo com Santos

Pode-se ainda traçar um paralelo entre as raízes da homossexualidade e o que as Escrituras ensinam sobre a natureza e o desenvolvimento de qualquer comportamento pecaminoso. Segundo a Bíblia, pecado é uma desobediência e rebeldia contra a vontade revelada de Deus (1 Jo 3.4). Uma vez que a pessoa rejeita Deus pela prática do pecado, ela se torna escrava e sua vida fica sujeita à influência e até mesmo à atuação do príncipe da potestade do ar (Jo 8.34; Ef 2.1,2). A pessoa

pode ceder ao pecado por uma tentação externa (Gn 3; 2 Sm 11) ou pelo aflorar de sua cobiça interna (Tg 1.5; Cl 3.5s). Isso parece estar em harmonia com a conclusão de que “a prática da homossexualidade é um comportamento adquirido”, seja pela influência do meio, seja pela decisão íntima e individual.<sup>6</sup>

Devemos sublinhar que essa não é uma questão que deve ser tratada de forma simplista pela igreja. Que Deus pode transformar uma pessoa é uma verdade bíblica incontestável (1 Co 6.9-11; 2 Co 5.17). Contudo, todo comportamento envolve hábitos que sua vez produzem condicionamentos. Dessa forma, um comportamento ou uma preferência adquirida (no caso de um homossexual) está muitas vezes bem enraizada e a possibilidade de retornar à antiga forma de viver é uma possibilidade real. Isso não é incomum acontecer. Vez por outra a mídia noticia que celebridades que haviam declarado ter abandonado a prática homossexual retornaram novamente as suas práticas anteriores.

## A Homossexualidade e a Prática Pastoral

Essa é uma questão que tem desafiado a igreja na sua forma de lidar com a homossexualidade, tanto no seu aspecto interno como externo. Valdeci S. Santos observa que nesse aspecto a igreja precisa ser primeiramente *penitente*, isto é, arrepender-se por qualquer atitude ou sentimento de desprezo para com a pessoa do homossexual. O homossexual não é menos humano do que os outros. Ele é a imagem de Deus como são todas as demais criaturas humanas. Isso deve ser sublinhado porque muitas vezes a igreja tem sido acusada de homofobia ou atitude preconceituosa contra os homossexuais quando demonstra aversão ou medo. Essas atitudes em relação ao homossexual fazem com que muitas vezes eles deixem de procurar refúgio na igreja para irem buscar em outros lugares.

Santos comenta:

Certamente, nem todos os cristãos acusados de homofobia são homófobos. Nem todo sentimento negativo sobre a homossexualidade pode ser considerado fobia. Por outro lado, é verdade que muitas pessoas na igreja não estão preparadas para ministrar o evangelho aos homossexuais. Isso pode ter diferentes causas, inclusive a homofobia. Qualquer que seja a causa, porém, tal negligência dos cristãos quanto à sua responsabilidade evangelizadora exige arrependimento. O exercício da penitência também é devido no caso dos julgamentos infundados [...] O surgimento

de vários ministérios especializados na evangelização de homossexuais no evangelicalismo brasileiro traz em si a promessa de um cuidado maior da igreja nessas questões.<sup>7</sup>

É evidente que as questões envolvendo a união entre pessoas do mesmo sexo e a ideologia de gênero, denominada por alguns de identidade de gênero, não podem ser tratadas de forma homofóbica. Nem tampouco de forma excludente. A Bíblia diz que Deus amou a todos (Jo 3.16), homicidas, ladrões, adúlteros e também aqueles que acreditam que existe um terceiro sexo ou uma sexualidade neutra. Nós também devemos amar. Amar não significa concordar. Deus amou o mundo, mas não concorda com os pecados do mundo (Tg 4.4). Antes os reprovava. Deus ama o pecador, mas não aprova nem concorda com sua vida pecaminosa (Is 5.5-7). Diferentemente daqueles que acham que não há amor sem aprovação, isto é, quem “ama” nunca reprovava, nós cremos que a reprovação também é uma forma de demonstrar amor. Em outras palavras, quem ama também sabe dizer não.

Em segundo lugar, Santos destaca o espaço que a prevenção deve ter na igreja. A igreja deve estar preparada para responder de forma eficiente ao desafio do avanço homossexual em seu meio. Nesse caso, não se trata apenas de um trabalho de natureza apologética, mas de lugar de refúgio para aqueles que lutam com a prática homossexual. Nesse aspecto, é preciso desenvolver ministérios com famílias na igreja local. Aqui seria mostrado a importância da família e os perigos em negligenciá-la (1 Tm 3.5; 5.8). Os relacionamentos familiares, portanto, devem ser não apenas enfatizados, mas, sobretudo, fomentados e cultivados. Assim, Santos destaca que há a necessidade de conscientização quanto aos riscos que envolvem a homossexualidade,

bem como quanto aos variados estilos de vida que alimentam tal prática pecaminosa. Estudos e palestras podem ser benéficos, mas programas de discipulado são essenciais para que maridos e esposas, pais e filhos, não apenas professem, mas também vivenciem as verdades do evangelho. Tais programas visam evitar que os lares evangélicos sejam caracterizados pela fragmentação e desajustes que poderiam servir de combustível para uma orientação sexual homossexual.<sup>8</sup>

Dessa forma, como um terceiro estágio, a igreja deve acentuar o fato de que a masculinidade e a feminilidade são bênçãos de Deus que devem ser

cultivadas. Toda polarização nessa área deve ser evitada. Assim, nem o machismo nem tampouco o feminismo devem ser exaltados. O que deve ficar bem definido e sublinhado são as diferenças genéticas a fim de que não surjam mais “neutros” no meio da igreja. Um quarto componente nesse processo é a compreensão que os pais devem ter do papel de seus filhos. Os filhos são herança do Senhor (Sl 127.3), e não empecilhos à realização de um projeto pessoal.

No que diz respeito à ação interna da igreja, um quinto componente deve ser destacado — o testemunho da igreja. Esse testemunho é mostrado no zelo da igreja para com os valores morais que devem ser cultivados. A igreja não pode se mundanizar e perder o seu testemunho diante da sociedade, pois de outra forma jamais conseguirá alcançar aqueles que precisam de ajuda espiritual. Uma igreja mundana, que deixou de ser sal, não conseguirá alcançar aqueles que dela precisam, e isso inclui os homossexuais. Enfatizando que as Escrituras afirmam que serão excluídos do Reino de Deus os “adúlteros”, “maldizentes”, “injustos”, e não apenas os “sodomitas” (1 Co 6.9,10). Santos, acertadamente, destaca que “não é honesto e nem cristão condenar nos outros aquilo que a igreja recusa tratar internamente” (Jo 8.1-11).<sup>9</sup>

---

<sup>1</sup> Veja: John Ankerberg & John Weldon, *O Mito do Sexo Seguro*. São Paulo: Cultura Cristã, 1997.

<sup>2</sup> Thornton, Bruce S. *Eros: the myth of ancient greek sexuality*. Boulder, Colorado, EUA: Westview Press, 1997.

<sup>3</sup> GAGNON, Robert A. J. *A Bíblia e a Prática Homossexual: textos e hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 2021.

<sup>4</sup> TAY, John S. *Nascido Gay: existem evidências científicas para a homossexualidade?* Rio de Janeiro: Central Gospel, 2011.

<sup>5</sup> TAY, John S. *Op. Cit*

<sup>6</sup> SANTOS, Valdeci da Silva. *Uma Perspectiva Cristã sobre a Homossexualidade*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

<sup>7</sup> SANTOS, Valdeci. *Uma Perspectiva Cristã sobre a Homossexualidade*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

<sup>8</sup> SANTOS, Valdeci. *Op. Cit.*

<sup>9</sup> SANTOS, Valdeci. *Op.cit.*

## Capítulo 4

# A Sutileza da Normalização do Divórcio

Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, deixou a Galileia e foi para o território da Judeia, além do Jordão. Grandes multidões o seguiram, e ele as curou ali. Alguns fariseus se aproximaram de Jesus e, testando-o, perguntaram: — É lícito ao homem repudiar a sua mulher por qualquer motivo? Jesus respondeu: — Vocês não leram que o Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher e que disse: “Por isso o homem deixará o seu pai e a sua mãe e se unirá à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne”? De modo que já não são mais dois, porém uma só carne. Portanto, que ninguém separe o que Deus ajuntou. Os fariseus perguntaram: — Então por que Moisés ordenou dar uma carta de divórcio e repudiar a mulher? Jesus respondeu: — Foi por causa da dureza do coração de vocês que Moisés permitiu que vocês repudiassem a mulher, mas não foi assim desde o princípio. Eu, porém, lhes digo: quem repudiar a sua mulher, não sendo por causa de relações sexuais ilícitas, e casar com outra comete adultério. Os discípulos de Jesus disseram: — Se essa é a situação do homem em relação à sua mulher, não convém casar. Jesus, porém, lhes respondeu: — Nem todos são aptos para aceitar este ensinamento, mas apenas aqueles a quem isso é dado. Porque há eunucos de nascença; há outros a quem os homens fizeram tais; e há outros que se fizeram eunucos, por causa do Reino dos Céus. Quem é apto para aceitar isto, que aceite. (Mt 19.1-12, NAA)

e acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Brasil, um a cada três casamentos acaba em divórcio. De acordo com essa Fundação, nas últimas três décadas houve um verdadeiro *boom*, ou seja, aumento de casais divorciados. Enquanto nesse período os casamentos cresceram 17%, o número de divórcios alcançou a impressionante cifra de 269%. Na década de 80, por exemplo, apenas 10% dos casamentos terminavam em divórcio. Uma década depois, essa percentagem saltou para mais de 30%, o que totalizou quase 350 mil separações.<sup>1</sup>

O divórcio sempre foi visto com reservas no meio evangélico, uma vez que a ideia prevalecente entre os evangélicos é a de que o casamento é indissolúvel. Contudo, nos últimos anos, o número de cristãos divorciados aumentou drasticamente. Assim, as estatísticas mostram que a percentagem de cristãos que se divorciam é praticamente a mesma da sociedade secular. De acordo com o Instituto Barna, “o percentual de divorciados, 25%, é o mesmo entre evangélicos, católicos e pessoas de outras religiões ou sem afiliação religiosa”.<sup>2</sup> Dessa forma, faz parte dessas estatísticas não apenas leigos, mas também muitos clérigos.

As razões dadas para esse *boom*, ou seja, aumento, no número de divórcios vão desde as mudanças culturais, que deixaram de ver como estigma a pessoa divorciada, até as recentes mudanças na legislação que facilitaram a prática do divórcio. Assim, o divórcio no contexto da sociedade civil secular deixou de ser visto como uma coisa negativa para se tornar positiva. Não é mais um mal, mas um bem. Nesse contexto, as estatísticas demonstram que a igreja evangélica também passou a refletir essa visão do divórcio e confirmar essa tendência.

No início dos anos 1980, quando me converti à fé evangélica, a igreja mantinha uma visão bastante conservadora sobre o divórcio. De certa forma, a igreja refletia a mesma compreensão que a sociedade civil possuía sobre casamentos rompidos. Na verdade, sendo o contexto evangélico muito plural, com dezenas de denominações protestantes, não era de se estranhar que algumas fossem mais radicais do que outras nesse assunto.

Lembro que certa vez recebemos um irmão advindo de uma denominação pentecostal porque o seu casamento havia acabado e a igreja a qual pertencia não aceitava o divórcio em hipótese alguma. No caso daquele irmão, sua esposa havia sido flagrada em ato sexual com outra mulher, contudo, mesmo assim, a igreja não validou sua separação. Foi aí

que ele migrou para a nossa igreja. Por volta daquela época, a nossa denominação já entendia que, sob determinadas circunstâncias, o divórcio era permitido. Contudo, havia também exceções. A igreja, por exemplo, reconhecia em certos casos o novo casamento de um divorciado realizado pela autoridade civil, mas ela se negava a fazê-lo. Naquela conjuntura, nem mesmo a área do templo poderia ser emprestada para a cerimônia de casamento entre pessoas divorciadas. Geralmente, quando acontecia algum casamento de uma pessoa divorciada, isso era feito em um espaço fora do templo. Também naquele contexto, não se cogitava pastores ou obreiros serem divorciados. Se isso acontecesse, as credenciais de ministro eram retiradas.

Os tempos mudaram. Neste texto, procuraremos conhecer o contexto nos quais o divórcio aparece na história e principalmente na Bíblia, já que ela é o nosso manual de fé e conduta. Contudo, deve ser dito aqui que a questão é muito complexa, principalmente na esfera cristã, visto que o número de divorciados entre os evangélicos, incluindo pastores, cresceu bastante. O que vamos buscar são princípios que possam nos ajudar a entender essa esfera do comportamento humano e entendermos como a igreja deve se posicionar diante dele.

## Casamento e Divórcio no Mundo Antigo

Nas culturas do antigo Oriente, o casamento era planejado pelos pais e era considerado vitalício. Nesse contexto, a esposa era considerada propriedade do marido e vista, portanto, na condição de um objeto. O código de Hamurabi (1810-1750 a.C), por exemplo, diz que se um homem tomasse uma esposa e não redigisse o seu contrato, então essa mulher não era dele.<sup>3</sup> Era também exigido nesse antigo documento que a esposa fosse fiel, sendo que em caso de infidelidade conjugal a pena de morte poderia ser adotada. Assim, era esperado que os casamentos não terminassem, mas as exceções existiam. No caso de esterilidade feminina, por exemplo, o divórcio era previsto. O código de Hamurabi destaca que nesse caso o marido poderia mandar a esposa embora, contudo, deveria restituir o dote nupcial e devolver os donativos que ela trouxe da casa dos pais.



# Casamento e Divórcio no Mundo Greco-Romano

No Império Romano do primeiro século, o casamento era monogâmico e um ideal para a vida toda. Contudo, as leis romanas reconheciam que o casamento poderia acabar quando qualquer uma das partes não demonstrasse mais afeto pela outra. Nesse caso, o divórcio poderia ser requerido tanto pelo marido quanto pela esposa.<sup>4</sup> Tendo se efetivado o divórcio, o direito de se casar novamente estava garantido. O adultério era visto como fim do casamento e era punido com duras penas. Às vezes, com a expulsão do casal da comunidade e em outros até mesmo com a pena de morte.

## Divórcio no Contexto do Antigo Testamento

Precisamos sublinhar que à luz do Antigo Testamento o projeto original de Deus para o casamento é que ele fosse vitalício.<sup>5</sup> Além disso, o casamento deveria ser monogâmico e heterossexual. O divórcio, portanto, não estava no plano original de Deus para a família. Contudo, sabendo da dureza do coração humano, Deus permitiu a validação do divórcio sob determinadas circunstâncias.

Se um homem tomar uma mulher e se casar com ela, e se ela não for agradável aos seus olhos, por ter ele achado coisa indecente nela, e se ele escrever uma carta de divórcio e a entregar à mulher, e a mandar embora; e se ela, saindo da casa dele, for e se casar com outro homem; e se este passar a odiá-la, e escrever uma carta de divórcio e a entregar à mulher, e a mandar embora de sua casa ou se este último homem, que a tomou para si por mulher, vier a morrer, então o primeiro marido dessa mulher, que a mandou embora, não poderá casar-se de novo com ela, depois que foi contaminada, pois é abominação diante do Senhor. Assim, vocês não farão pecar a terra que o Senhor, seu Deus, lhes dá por herança. (Dt 24.1-4, NAA)

Outros textos no Antigo Testamento tratam do divórcio, contudo, esse é o mais específico.<sup>6</sup> Fica bastante claro que esse texto não ordena a prática do divórcio nem tampouco a estimula. A lei reconhecia que o divórcio era permitido quando alguma “coisa indecente” fosse encontrada na mulher, mas não especifica o que seria isso. Wayne Grudem<sup>7</sup> destaca que:

Este texto especifica apenas que uma mulher não pode voltar para seu primeiro marido nas seguintes circunstâncias: 1. Se ele se divorciar dela porque encontra “alguma indecência” nela, e 2. Se ela se casar com outro homem, e 3. Se esse segundo marido morre ou divorcia-se dela; 4. Então seu primeiro marido não pode se casar novamente. Podemos notar, no entanto, que a passagem pressupõe que, após o divórcio, a mulher tinha o direito de se casar com outra pessoa, e que o segundo casamento não era considerado adultério, mas, sim, um casamento legítimo: Ela “torna-se esposa de outro homem” (Dt. 24. 2).<sup>8</sup>

São essas regras sobre o divórcio que orientavam as principais escolas rabínicas nos dias de Jesus Cristo. As principais passagens do Novo Testamento nas quais Cristo discorre sobre a prática do divórcio têm como ponto de partida essa lei deuteronomica. A compreensão rabínica sobre o divórcio eram adaptações ou interpretações dessa Lei mosaica. A Mishná, por exemplo, destaca que:

A escola de Shammai diz: Um homem não pode se divorciar de sua esposa a menos que tenha encontrado falta de castidade nela. [...] E a escola de Hillel diz [...] [ele pode se divorciar dela] mesmo que ela estrague um prato para ele. [...] Rabi Akiba diz, [ele pode se divorciar dela] mesmo se ele encontrar outra mais bela do que ela.<sup>9</sup>

Observamos, portanto, nessa passagem bíblica que Jesus se opõe à concepção rabínica que permitia o divórcio por qualquer motivo. Como ficou demonstrado, a escola de Hillel via razão para o divórcio no caso de a esposa deixar a comida estragar; e em outros casos, como especifica a Mishná, o divórcio era justificado no caso de o homem encontrar outra mulher mais bonita do que a sua.

Diante desse conflito de interpretações, em que a prática do divórcio havia se tornado banalizada, foi que Jesus destacou o que, de fato, é o plano de Deus para o casamento. O seu entendimento sobre a indissolubilidade do casamento verbera o que os antigos profetas já haviam dito sobre o relacionamento entre um homem e uma mulher (Ml 2.16). Deus via o casamento como uma aliança feita entre um homem e uma mulher e como tal deveria ser levado a sério.

## O Divórcio nos Ensinos de Jesus

Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, deixou a Galileia e foi para o território da Judeia, além do Jordão. Grandes multidões o seguiram, e ele as curou ali. Alguns fariseus se aproximaram de Jesus e, testando-o, perguntaram: — É lícito ao homem repudiar a sua mulher por qualquer motivo? Jesus respondeu: — Vocês não leram que o Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher e que disse: “Por isso o homem deixará o seu pai e a sua mãe e se unirá à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne”? De modo que já não são mais dois, porém uma só carne. Portanto, que ninguém separe o que Deus ajuntou. Os fariseus perguntaram: — Então por que Moisés ordenou dar uma carta de divórcio e repudiar a mulher? Jesus respondeu: — Foi por causa da dureza do coração de vocês que Moisés permitiu que vocês repudiassem a mulher, mas não foi assim desde o princípio. Eu, porém, lhes digo: quem repudiará sua mulher, não sendo por causa de relações sexuais ilícitas, e casar com outra comete adultério. (Mt 19.1-9, NAA)

A compreensão dessa passagem sobre o divórcio é complementada por outras Escrituras neotestamentárias, que também se relacionam com o assunto (Mt 5.32; Mc 10.2-12; e Lc 16.18). Jesus esclarece que o divórcio foi uma concessão feita por Moisés por causa da dureza dos corações, e não que tenha sido esse o propósito original de Deus para o casamento.

Jesus afirmou que quem terminasse o casamento e se casasse com outra, exceto em caso de imoralidade sexual, cometeria adultério. Com isso Jesus desfez todas as interpretações liberais sobre o divórcio criadas pelas escolas rabínicas que viam qualquer motivação como justificativa para a prática do divórcio. O texto deixa claro que a *imoralidade sexual*, tradução do termo grego *porneia*,<sup>10</sup> é a única exceção permitida por Jesus para o divórcio. Assim, de acordo com Cristo, quem se divorciasse por outras razões e cassasse novamente estaria cometendo adultério. Grudem destaca que nesse caso “Jesus está dizendo que um homem que se divorcia indevidamente de sua esposa não recebeu um divórcio legítimo e, na verdade, ainda está casado com sua esposa original no momento em que inicia o segundo casamento”.<sup>11</sup> Dessa forma, Jesus elevou o conceito de casamento muito além daquele defendido pelas escolas rabínicas.

Outra questão bastante pertinente a partir da análise desse texto é a permissão dada por Jesus para um segundo casamento para a parte inocente. Alguns intérpretes objetam que Jesus não teria permitido no texto de Mateus 19 tal permissão. Argumentam que as passagens paralelas de Marcos 10.2-12 e Lucas 16.18 não contêm essa cláusula de exceção. Contudo, não é uma boa forma de fazer exegese partindo do silêncio de um

texto. O silêncio de um texto não pode calar outro que é específico. Dessa forma, se essa cláusula de exceção permitida por Jesus em Mateus não está presente em Marcos e Lucas, as razões devem ser buscadas nos seus respectivos contextos. O mais provável é que o Espírito Santo que inspirou Mateus a redigir o seu texto para judeus viu a necessidade de expor essa regra dada pelo Salvador. Por outro lado, o mesmo Espírito que inspirou Marcos e Lucas a escreverem para gentios não viu a necessidade de expor essa cláusula de exceção, pois, como já foi demonstrado, esse tipo de entendimento já era tido no mundo greco-romano. No texto de Mateus 19, Jesus deixou especificamente implícito que uma pessoa que se divorcia de outra em razão de imoralidade sexual não comete adultério se casar com outra. Assim, A. T. Robertson entende que “por implicação, Jesus, como em Mt 5.31, permite o matrimônio da parte inocente, mas não da culpada”.<sup>12</sup> Da mesma forma, Grudem observa que as palavras de Jesus

“e se casar com outra”, sugere que tanto o divórcio quanto o novo casamento são permitidos no caso de imoralidade sexual, e que alguém que se divorcia porque seu cônjuge cometeu adultério pode se casar com outra pessoa sem cometer pecado. Evidente porque se retirarmos “e se casar com outra”, o ditado não faz sentido: E eu te digo: quem se divorciar de sua mulher, exceto por imoralidade sexual, [...] comete adultério. Mas isso não seria verdade, porque alguns casos há maridos que vão se divorciar de suas esposas e não vão se casar novamente ou viver com nenhuma outra mulher. Eles permanecerão solteiros e castos. Nesse caso, eles não estariam cometendo adultério com ninguém, e as palavras de Jesus não fariam sentido. Portanto, a frase “e se casar com outra” deve estar presente para que o versículo faça sentido. E isso significa que “todo aquele que se divorciar de sua esposa [...] e se casar com outra” por causa da imoralidade sexual, não está cometendo adultério nesse segundo casamento.<sup>13</sup>

Essa, sem dúvida, é a exegese mais precisa dessa passagem e o entendimento mais natural das palavras de Jesus. Entretanto, deve ser enfatizado que mesmo Jesus reconhecendo a validade de um novo casamento em razão de traição, Ele não estimulou a prática do divórcio nem tampouco a ordenou. Há sempre a possibilidade para o perdão e a reconstrução de uma relação que foi quebrada por uma das partes.

## O Divórcio nos Ensinos de Paulo

Aos casados, ordeno, não eu, mas o Senhor, que a mulher não se separe do marido. Mas, se ela se separar, que não se case de novo ou que se reconcilie com o seu marido. E que o marido não se divorcie da sua esposa. Aos outros, digo eu, não o Senhor: se algum irmão estiver casado com uma mulher não crente, e esta concorda em morar com ele, não se divorcie dela. E se uma mulher estiver casada com um homem não crente, e este concorda em viver com ela, que ela não se divorcie do marido. Porque o marido não crente é santificado no convívio da esposa, e a esposa não crente é santificada no convívio do marido crente. Se não fosse assim, os filhos de vocês seriam impuros; porém, agora, são santos. Mas, se o não crente quiser separar-se, que se separe. Em tais casos, não fica sujeito à servidão nem o irmão, nem a irmã; Deus chamou vocês para viverem em paz. (1 Co 7.10-15)

A posição paulina sobre o casamento de cristãos é bem conhecida, contudo, é também a que mais controvérsias tem gerado. Isso em razão daquilo que os teólogos denominam de “privilégio paulino”. Em outras palavras, Paulo estaria dizendo nessa passagem, em casos de casamentos mistos, que um irmão ou irmã que foram abandonados por um cônjuge descrente estaria livre para se casar novamente. Esse entendimento surge a partir das palavras de Paulo: “não fica sujeito à servidão nem o irmão, nem a irmã” (v.15).

Assim, Grudem argumenta:

Quando combinamos o ensino de Jesus com o ensino de Paulo sobre este assunto, parece que há pelo menos dois motivos legítimos para o divórcio: (1) adultério e (2) deserção por um descrente quando todas as tentativas razoáveis de reconciliação falharam [...] posição que resumi brevemente aqui — que tanto o divórcio quanto o novo casamento são permitidos quando o cônjuge de uma pessoa cometeu adultério ou abandonou irreparavelmente o casamento — é a posição mais comum mantida entre os protestantes desde a Reforma.<sup>14</sup>

Da mesma forma, o escritor assembleiano Esequias Soares, ao discorrer sobre 1 Coríntios 7.15, escreve:

Não há dúvida alguma de que Paulo está falando do divórcio, por mais que se queira refutar ou negar essa afirmação. Ele não fez ressalva nenhuma do tipo “que fique sem casar”, como fez no v. 11, visto que emprega o mesmo verbo nos vv. 10 e 11 para “apartar”. Esse entendimento é também confirmado na nota de rodapé da Bíblia de Estudo Pentecostal. Se o cônjuge incrédulo quiser a separação, ninguém estará obrigado a manter tal casamento. Essa é a exceção do apóstolo Paulo para o divórcio. Depois dessa separação, tanto o irmão como a irmã estarão livres para

contrair novas núpcias. A parte final do versículo 15 diz: “Em tais casos, não fica sujeito à servidão nem o irmão, nem a irmã; Deus vos tem chamado à paz” (ARA). O texto sagrado afirma que “não fica sujeito à servidão”, o que parece ser referência ao novo casamento. O divórcio era conhecido e praticado naquela época pelos judeus, romanos e gregos. Se esse “apartar-se” não fosse uma referência ao divórcio, certamente o apóstolo teria dito para não se casar, como fez no v. 11, pois estava escrevendo para um povo familiarizado com o divórcio. Havendo a dissolução do vínculo matrimonial, o cônjuge fiel, portanto, estava livre para se casar com quem quisesse, desde que “seja no Senhor” (v. 39), alguém que seja crente. O impedimento para contrair novas núpcias permanece quando a separação acontece por iniciativa da parte cristã.<sup>15</sup>

A *Declaração de Fé das Assembleias de Deus* mantém entendimento semelhante reconhecendo que as únicas duas exceções para a dissolução de um casamento são a infidelidade conjugal e o abandono por parte do cônjuge descrente. Assim, reza esse documento:

Reconhecemos o casamento civil e o religioso com efeitos civis desde que não afrontem os princípios bíblicos e, em especial, não seja realizado entre pessoas divorciadas, em desacordo com o preconizado pelo Senhor Jesus. A dissolução do casamento é justificada nos seguintes casos: morte, infidelidade conjugal e deserção por parte do cônjuge descrente.<sup>16</sup>

Esse documento deixa claro em qual esfera reconhece a validade de um casamento e em quais situações e casos ele pode ser dissolvido. Assim, de acordo com a *Declaração de Fé* um casamento é válido quando feito na esfera civil e religiosa e quando contempla aqueles casos em que os princípios bíblicos não são feridos. Por outro lado, de acordo com a redação desse texto, o casamento é dissolvido quando um dos cônjuges morre, quando há infidelidade e quando um cônjuge crente é abandonado por um descrente. Ao afirmar que “a dissolução do casamento é justificada nos seguintes casos: morte, infidelidade conjugal e deserção por parte do cônjuge descrente”, esse documento admite a validade de um novo casamento nessas três situações. Assim como um viúvo está livre para se casar novamente, visto que a morte dissolveu o seu relacionamento anterior, da mesma forma, quem sofreu infidelidade ou foi abandonado por seu cônjuge descrente estará livre para contrair novas núpcias, visto que a infidelidade e o abandono quebraram a aliança conjugal.

Outra questão relacionada ao divórcio é o direito a um novo casamento diz respeito a pastores. Poderia um pastor que sofreu um processo de divórcio continuar exercendo o seu ministério pastoral? A pergunta não é tão fácil de responder quanto parece. Há o aspecto legal e moral que devem ser levados em conta. Assim, há aqueles que reconhecem a legalidade de um novo casamento para ministros que se divorciaram quando eles foram vítimas de infidelidade conjugal. Nesse caso, argumentam que o adultério dissolveu a aliança conjugal e o ministro estaria legalmente livre para se casar novamente. Por outro lado, há aqueles que reconhecem a questão legal envolvida nessa situação, contudo, acreditam que não é moral um pastor divorciado continuar exercendo o seu ministério. Nesse caso, o ministro poderia, sim, contrair novas núpcias, se assim desejasse, contudo, jamais poderia continuar como ministro do evangelho. Em outras palavras, aqueles que argumentam nesse sentido acreditam que nem tudo o que é legal é moral.

Sabendo da polarização em torno desse assunto, a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) aprovou uma resolução que trata da questão do divórcio entre pastores:

A CGADB só reconhece o Divórcio no âmbito ministerial de seus membros nos casos de infidelidade conjugal, previstos na Bíblia sagrada e expressos em Mt. 5:31-32; 19:9, devidamente comprovados. As Convenções Estaduais deverão esgotar todos os esforços possíveis no sentido de promover a reconciliação do Ministro e sua esposa, antes de serem ajuizadas Ações de Divórcio. Esta CGADB não reconhece, no âmbito da vida ministerial de seus membros, a situação de União Estável. O Ministro, membro desta CGADB, divorciado nos termos do disposto no art. 1º. desta Resolução ou no caso onde a iniciativa do divórcio partir da sua esposa (1 Co 7.15), poderá permanecer ou não, na função ministerial, decisão essa que ficará a cargo da Convenção Estadual da qual é filiado, facultando-se-lhe o direito de recurso para Mesa Diretora e para o Plenário desta Convenção Geral. O Ministro, vítima de infidelidade conjugal por parte de sua esposa, poderá contrair novas núpcias, respeitados os princípios bíblicos que norteiam a união conjugal, nos termos da permissibilidade concedida por Cristo, em Mateus 5.31 e 32; 19.9, ficando cada caso a ser examinado e decidido pelas Convenções Estaduais. Quando o Ministro der causa ao divórcio, a sua permanência ou retorno ao ministério dependerá de exame e decisão da Convenção Estadual, facultando-se-lhe ampla defesa, sendo-lhe também assegurado recurso para a Mesa Diretora e para o plenário da Convenção Geral. O Ministro, membro desta CGADB que acolher Ministro divorciado sem a observância do disposto na presente Resolução, será responsabilizado disciplinarmente, no âmbito desta Convenção Geral. Ficam os

Presidentes de Convenções e demais membros desta CGADB autorizados a divulgar entre a membresia das Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus em todo o território nacional, o inteiro teor desta Resolução.<sup>17</sup>

Uma análise dessa resolução da CGADB demonstra pelo menos três coisas:

1. O divórcio é permitido entre pastores no caso de infidelidade conjugal por parte da esposa;
2. A decisão de o ministro continuar ou não no exercício da prática pastoral ficará a cargo de cada convenção regional/estadual da qual o ministro é membro;
3. O reconhecimento ou não do direito a um novo casamento dependerá de aprovação da convenção regional da qual o ministro faz parte.

Esse documento mostra que, por não haver unanimidade em torno desse assunto na esfera convencional, a CGADB admitiu a possibilidade do divórcio entre pastores nos casos especificados, mas deixou a cargo das convenções regionais decidirem sobre o assunto. Isso porque enquanto algumas convenções são mais liberais em torno do divórcio, admitindo-o entre seus ministros, outras são bem mais conservadoras, não aceitando em seus quadros ministros divorciados. Um exemplo claro dessa última posição pode ser vista na resolução que a CEADep, Convenção Estadual das Assembleias de Deus no Piauí, que em 2019 publicou uma resolução sobre o assunto:

Esta Convenção não aceita o divórcio entre seus ministros em qualquer hipótese, e o que vier a se divorciar por qualquer motivo, será imediatamente suspenso de suas atividades e desligado da CEADep.<sup>18</sup>

Fica claro que essa resolução da CEADep parte do princípio de que, mesmo sendo legal um ministro do evangelho se divorciar, contudo, não é moral a sua permanência à frente de uma igreja. Esse entendimento, entretanto, como já foi mostrado, não é unanimidade no Brasil assembleiano. Há convenções que acreditam que a resolução da CGADB concernente ao divórcio é inteiramente legal e mais justa e por isso a seguem. No que tange ao divórcio de pastores, a recomendação dada pela



CGADB na sua resolução parece ser o melhor caminho a trilhar: “As Convenções Estaduais deverão esgotar todos os esforços possíveis no sentido de promover a reconciliação do ministro e sua esposa, antes de serem ajuizadas Ações de Divórcio”.

---

<sup>1</sup> <https://veja.abril.com.br/brasil/um-a-cada-tres-casamentos-termina-em-divorcio-no-brasil>. Acesso em: 17/12/2021.

<sup>2</sup> <https://noticias.gospelmais.com.br/divorcios-evangelicos-igualou-sociedade-88508.html>. Acesso em 17/12/2021

<sup>3</sup> BOUZON, E. *O Código de Hamurabi*. Petrópolis: Vozes, 1980.

<sup>4</sup> Veja uma exposição em Wayne Grudem: *Divorce and Remarriage*. Wheaton, Illinois: Crossway, 2021.

<sup>5</sup> Uma exegese completa sobre o divórcio pode ser encontrada na obra de Robert J. Plekker: *Divórcio à Luz da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1985.

<sup>6</sup> Veja Levítico 22.13 e Números 30.9

<sup>7</sup> Neste texto, vali-me da obra de Wayne Grudem: *What the Bible Says about Divorce and Remarriage*, por, a meu ver, ser sua argumentação bem fundamentada.

<sup>8</sup> GRUDEM, Wayne. *What the Bible Says about Divorce and Remarriage*. Crossway. Edição do Kindle, p. 17, 18..

<sup>9</sup> *Mishná, Gittin* 9:10.

<sup>10</sup> Nesse contexto, *porneia*, como destaca o léxico de Bauer, possui o sentido de todo tipo de relações sexuais ilícitas, o que sem dúvidas inclui o adultério. Veja: BAUER, Walter. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3rd ed. (Chicago: University of Chicago Press, 2000), p. 854. Em Apocalipse 17.2, *porneia* possui o sentido claro de *adultério*.

<sup>11</sup> Grudem, Wayne. *O que a Bíblia Diz sobre Divórcio e Novo Casamento*. Crossway. Edição do Kindle, p. 21.

<sup>12</sup> ROBERTSON, A.T. *Comentario al Texto Griego del Nuevo Testamento*. Barcelona: CLIE, 2003.

<sup>13</sup> Grudem, Wayne. *O que a Bíblia Diz sobre Divórcio e Novo Casamento*. Crossway. Edição do Kindle, p. 22, 23.

<sup>14</sup> Grudem, Wayne. *What the Bible Says about Divorce and Remarriage*. Crossway, p. 28. Tanto Grudem quanto Craig S. Keener (*Remarriage After Divorce in Today's Church, 3 Views*. Grand Rapids: Zondervan, 2006) admitem outras razões que consideram legítimas para o divórcio. Keener entende que o abuso físico (violência doméstica) seria uma delas. Contudo, a meu ver, a argumentação de Keener se enfraquece quando ele não consegue estabelecer um limite entre o que seria um abuso e o que seria um sofrimento altruísta por causa do evangelho. Em outras palavras, há muitas mulheres casadas que sofrem violência por parte de seus maridos, mas por uma questão de consciência cristã preferem viverem casadas assim mesmo. Por outro lado, Grudem entende que a expressão grega *em tois toioutois* (em tais casos, 1 Co 7.15) possui o sentido de *nesta e em outras situações destrutivas semelhantes*, e indica que há outros motivos que justificariam o divórcio além dos casos de infidelidade e abandono. Ele cita em favor desse entendimento o uso dessa expressão por Filo de Alexandria (30-45 d.C), Lysias (459-380 a.C) e Eurípides (480-406 a.C). Assim, dentre outros motivos, ele põe o *abuso de crianças, agressão verbal extrema e prolongada, ameaça de morte ou assassinato, uso de drogas e vício em pornografia*.

<sup>15</sup> SOARES, Esequias. *Casamento, Divórcio e Sexo à Luz da Bíblia*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

<sup>16</sup> *Declaração de Fé*. CPAD. Edição do Kindle. p. 148.

<sup>17</sup> Resolução do Plenário da CGADB Nº 001/2011. Plenário da 40ª Assembleia Geral Ordinária da CGADB em Cuiabá (MT), 13 de abril de 2011.

<sup>18</sup> Resolução do Plenário da CEADep Nº 001/2019. Plenário da 60ª Assembleia Geral Ordinária da CEADep, Teresina 26 de julho de 2019. Essa resolução foi elaborada na época em que a CEADep (Convenção Estadual das Assembleias de Deus no Piauí) era presidida pelo reverendo Nestor H. Mesquita, sendo o autor deste livro o presidente do seu Conselho de Doutrina.

## Capítulo 5

# A Sutileza do Materialismo e do Ateísmo

**N**a lição bíblica sobre o materialismo e ateísmo a que este livro serve de apoio tratamos de alguns conceitos sobre os quais esses temas se fundamentam. Contudo, um aprofundamento nessas temáticas exige que se analise tanto o materialismo como o ateísmo em seus aspectos filosóficos e doutrinários. Somente vendo como se sistematizaram ideologicamente poderemos entender suas implicações práticas. Isso porque, ao contrário de outros sistemas filosóficos que se limitaram ao debate acadêmico, tanto o materialismo como o ateísmo saíram do debate meramente acadêmico para ganharem existência concreta no contexto social. Em outras palavras, se objetivaram. Somente enxergando-os dessa forma, enquanto ideologias filosoficamente estruturadas, é que poderemos contrastá-los com os princípios esposados pela fé cristã.

Foi o alemão Karl Marx quem deu os contornos doutrinários à filosofia materialista e a converteu em uma poderosa força ideológica capaz de criar sistemas políticos e contrapor à doutrina cristã. Nações e governos foram influenciados pelo marxismo e sua ideologia chegou a criar modelos teológicos dentro de determinados setores do cristianismo. Isso pode ser ilustrado pelo comunismo, regime dominante em países como Rússia e China, e pela Teologia da Libertação, tão bem conhecida em nossa pátria.

Contudo, convém destacar que o marxismo, como qualquer outra ideologia, sofreu transformações e atualizações. A partir da década de 1930, por exemplo, o neomarxismo apresentou uma nova leitura, uma atualização da doutrina marxista clássica. Por ter grande influência e efeitos práticos em solo brasileiro, é sobre o neomarxismo que nosso texto se deterá em analisar.<sup>1</sup>

Por outro lado, o ateísmo também se atualizou. A partir dos anos 2000, o neomarxismo tratou de reavir a velha teoria materialista e lhe dar um contorno ideológico e doutrinário mais sofisticado e ao mesmo tempo mais digerível para a sociedade. Esse novo materialismo vem vestido em uma suposta roupagem científica em vez da meramente filosófica que marcou sua primeira versão. Nomes como Richard Dawkins e Sam Harris, somente para citar os dois principais defensores do neomarxismo, se tornaram verdadeiras celebridades. Para nosso estudo, é esse modelo que nos interessa visto sua oposição ferrenha e declarada à fé cristã.

## A Ameaça Vermelha

Pois bem, em 1947, o jornal *The Pentecost*, editado pelo pentecostal britânico Donald Gee, publicou uma palestra proferida pelo missionário J. P. Kolenda em um evento pentecostal em Grand Rapids, Michigan, EUA. O texto foi intitulado: *A Maior Igreja Evangélica do Brasil*. Nesse documento, que reproduzirei uma parte aqui, Kolenda expõe um relatório sobre o progresso do pentecostalismo no Brasil e a necessidade de construir um Instituto Bíblico para o treinamento de obreiros nativos. Kolenda diz que o investimento em obreiros autóctones já havia sido tomado em uma Convenção realizada em 1946 e que o projeto demandava urgência, pois a instabilidade política da nação exigia isso. De acordo com missionário Kolenda, a urgência de investir na evangelização estava no fato de que o comunismo era uma ameaça bem presente no Brasil, e, se o comunismo tomasse o poder, a liberdade de culto estaria ameaçada.

Kolenda se refere ao comunismo como um sistema materialista, de natureza política, que havia se formado a partir da filosofia materialista do alemão Karl Marx. Nesse aspecto, o comunismo podia ser visto como uma forma de expressão prática do materialismo. De fato, a filosofia marxista, quando sistematizada, se desdobrou em *materialismo histórico e dialético*.<sup>2</sup> Aqui

veremos as implicações práticas desse materialismo devido a sua influência no contexto político e cultural brasileiro .

Vejamos o texto de Kolenda:

“A Maior Igreja Evangélica do Brasil.” Estou feliz por poder cumprimentá-los em nome de mais de cem mil fiéis pentecostais no Brasil. Agradecemos a Deus por este glorioso avivamento que começou há cerca de trinta anos e tem continuado constantemente até o presente. Nosso número de membros registrados de crentes pentecostais no Brasil é de 104.836 e não há menos que 1.694 igrejas. Nosso ministério nativo de pregadores pentecostais brasileiros soma 1.806. Podemos dizer que somos a maior igreja evangélica do Brasil. Louvado seja o Senhor! Agradecemos a Ele por este reavivamento glorioso. Tem sido dito que talvez seja o mais notável avivamento em missões modernas. No entanto, há um grande desafio diante de nós. É isso que quero compartilhar com vocês esta noite. Não é nada para você que ainda existam milhões que nunca ouviram esta gloriosa mensagem do evangelho? É verdade que nossos respigadores do evangelho estão lançando a foice no campo maduro, mas, enquanto fazem isso, nuvens ameaçadoras rolam sobre suas cabeças. Naquelas nuvens vejo outra foice. É o martelo e a foice do comunismo. Tem varrido o Brasil, principalmente na metade do ano passado. Fez um progresso fenomenal e, atualmente, o governo brasileiro está em uma condição precária, não sabendo em que momento pode ser substituído e o comunismo pode ter o controle total. Amigos, é um tremendo desafio. O que você irá fazer sobre isso? Nós no Brasil, percebendo a urgência da necessidade, enfrentamos o desafio. Na última Convenção, em outubro de 1946, decidimos que a única maneira de evangelizar nosso grande país, o Brasil, é por meio de um ministério nativo. Embora tenhamos 1.800 trabalhadores nativos, eles são lamentavelmente despreparados, carecendo até mesmo de instrução elementar e treinamento bíblico. Infelizmente, não temos uma única Escola Bíblica no Brasil. Cerca de um ano atrás eu estava pregando e depois de um culto glorioso no qual cerca de 1.200 crentes estavam presentes, eu fui para os fundos da igreja, dois rapazes de cerca de vinte e vinte e um anos me encararam. Falei com eles, eles disseram: “Irmão, é disso que o Brasil precisa. É do bendito ministério do Espírito Santo de que nosso povo necessita. Estamos contentes por estarmos aqui”. Eu respondi: “Estou feliz por vocês estarem aqui. Quem são vocês? Posso saber?”. E eles disseram: “Nós somos alunos do Seminário Teológico da Igreja Metodista nos arredores da cidade”. Eu disse: “Estou feliz em conhecê-los, vocês poderiam vir novamente? Eles disseram: “Estaremos aqui, pregador. O fato é que temos frequentado suas reuniões pentecostais com frequência e o Senhor nos batizou com o Espírito Santo, e temos falado em outras línguas assim como o seu povo faz. Louvado seja o Senhor”. Eu disse: “Estou muito feliz em ouvir isso”. Mas eles disseram: “Pregador, o que nós queremos conversar com você é sobre isso. Já nos cansamos de sofrer oposição em nossa escola. Estamos sendo perseguidos e não sabemos quanto tempo poderemos ficar lá. Você não poderia nos indicar uma

escola pentecostal em seu movimento onde podemos continuar nossos estudos?”. Eu não posso dizer que sentimento eu tive quando conversei com esses esplêndidos jovens. “Não temos nenhuma Escola Bíblica Pentecostal no Brasil. Eu os aconselho a continuarem em sua Faculdade Metodista. Façam o melhor que vocês podem e orem a Deus, confiando nele para ajudar vocês.” Este é um exemplo de centenas de jovens brasileiros salvos, cheios do Espírito e que estão prontos para levar esta mensagem pentecostal para seu próprio povo. Eles estão nos pedindo meios e maneiras para que eles possam se preparar para evangelizar sua própria nação antes que o comunismo torne isso impossível. E não é de admirar que estejamos comovidos com a urgência dessa necessidade? Lançamos um projeto para iniciar um *Instituto Bíblico Central no Brasil*.<sup>3</sup>

No contexto do Movimento Pentecostal, o documento produzido por Kolenda se reveste de importância ímpar devido ao seu valor histórico. Ele revela aspectos da dinâmica da implantação do pentecostalismo em solo brasileiro ainda nas suas primeiras décadas. Mostra como esse movimento nasceu vigoroso e mais de sete décadas depois continuava causando impacto na evangelização de nossa pátria. Mostra como nossos pioneiros enxergavam a urgência da evangelização e como eles se preocupavam com a formação teológica de nossos obreiros leigos. Contudo, o texto de Kolenda mostra que o missionário também se preocupava com a instabilidade política na nossa nação e o perigo que a espreitava — a filosofia materialista do marxismo. De fato, o missionário tinha razões para assim se preocupar. Nessa época, a Guerra Fria havia começado e o comunismo espreitava várias nações do mundo, inclusive a América Latina. O Brasil, sem dúvidas, era um alvo da doutrina marxista.

Um fato que fica logo em evidência nesse texto produzido por Kolenda é a preocupação dos evangélicos com a doutrina materialista, conforme exposta na filosofia do comunismo marxista. No entendimento do missionário, ela era uma ameaça à evangelização. De fato, onde o materialismo marxista se estabeleceu como regime político dominante, a liberdade de culto foi suprimida. Deus foi tirado de cena, e isso poderia acontecer no Brasil caso a doutrina de Karl Marx tomasse o poder aqui.

Na sua filosofia materialista, Marx desenvolveu um sentimento de aversão para com o fenômeno religioso. Os historiadores sublinham que Marx nasceu judeu, se educou como protestante e viveu como ateu.<sup>4</sup> No entendimento de Marx, a religião alienava as pessoas. Dessa forma, a religião era o produto da alienação social e econômica.<sup>5</sup> Assim, ele via a

religião como uma fuga da realidade e nesse sentido agia como o “ópio do povo”. Uma droga que agia para criar uma realidade utópica. Em última instância, a religião era, portanto, no entender de Marx, uma muleta na qual os homens se escoravam.

De acordo com McGrath

Marx argumenta que a religião continuará a existir enquanto satisfizer uma necessidade na vida de pessoas alienadas. “O reflexo religioso do mundo real pode [...] se dissipar somente quando as relações práticas da vida diária oferecerem ao homem reações nada menos que perfeitamente inteligíveis e racionais com os outros homens e a natureza.” Em outras palavras, quando um ambiente econômico e social não alienante é produzido por meio do comunismo, as necessidades que dão surgimento à religião desaparecerão. Com a eliminação de suas necessidades materiais, a fome espiritual também será extinta.<sup>6</sup>

A implantação de regimes marxistas totalitários na União soviética em 1917 e, posteriormente, na China e Cuba, fez com que o marxismo entrasse em crise. O comunismo simplesmente não funcionou como previa o manual marxista. Nessas nações, a utopia marxista foi engolida pelo totalitarismo. Dessa forma, muitos teóricos marxistas procuram remasterizar, ou seja, melhorar a qualidade do socialismo de Marx para torná-lo digerível para os tempos modernos. Assim, esses teóricos procuram revisar a teoria marxista para torná-la relevante para a sociedade.<sup>7</sup>

## O Neomarxismo, uma Atualização do Materialismo Marxista

Nos anos 1930, alguns filósofos se uniram para revisar a teoria social de Marx. Dentre eles, se encontravam: Theodor Adorno, Walter Benjamin, Max Horkheimer, Herbert Marcuse e Jurgen Habermas. Ficaram conhecidos como *Escola de Frankfurt*. Esses teóricos, especialmente Marcuse, criticaram o progresso do paradigma cultural da modernidade que por intermédio do racionalismo científico e técnico havia convertido o homem, segundo ele, em escravo de sua própria técnica.<sup>8</sup> Dessa forma, passaram a criticar a massificação produzida na sociedade pela indústria cultural. No entendimento desses teóricos, a indústria cultural do capitalismo criava falsas necessidades.

a cultura popular é semelhante a uma fábrica que produz bens culturais padronizados — filmes, programas de rádio, revistas, etc. — usados para manipular a passiva sociedade por mais difíceis que sejam suas circunstâncias econômicas [...] o perigo inerente à indústria cultural é o cultivo de falsas necessidades psicológicas que só podem ser atendidas e satisfeitas pelos produtos do capitalismo.<sup>9</sup>

O revisionismo marxista feito pela Escola de Frankfurt conquistou as academias e produziu profundo doutrinamento. Contudo, nenhum teórico teve tanto êxito no revisionismo materialismo marxista quanto Antonio Gramsci. Gramsci foi um marxista italiano que com a ascensão do fascismo na Itália foi aprisionado. Durante o tempo de prisão, Gramsci escreveu seus *Cadernos do Cárcere* e as *Cartas da Prisão*, onde expõe o seu revisionismo do materialismo marxista. As ideias de Gramsci, conforme expostas nos seus cadernos do cárcere, só foram popularizadas muitos anos depois de sua morte.

## O Neomarxismo de Antonio Gramsci

O entendimento de Gramsci era que a história não podia ser vista como o desenvolvimento apenas de forças produtivas, como pensava Marx, mas, sim, como a expressão de modelos culturais. Muito mais importante do que ver a sociedade a partir do seu espectro econômico é enxergá-la a partir do seu espectro cultural. A cultura se torna primordial nesse revisionismo marxista gramsciano. Gramsci entendia que para se mudar um sistema ou regime de um povo ou nação era necessário, primeiramente, mudar sua cultura.

O pensamento de Gramsci<sup>10</sup> se move em três eixos.<sup>11</sup> 1. *Revisar o marxismo à luz das mudanças surgidas no cenário social após Marx*. Dessa forma, compreender a nova configuração social surgida com as mudanças ocorridas na passagem do século XIX e XX. O que Marx não havia previsto? Como atualizar Marx nesse novo cenário? 2. *Politização do conhecimento*. O uso político da cultura. 3. *Dimensão pedagógica do processo político*. Há toda uma prática pedagógica a ser seguida se o objetivo a alcançar é a tomada do poder.

1. *Revisão do marxismo*. No primeiro eixo, Gramsci observa que a nova configuração do capitalismo, principalmente pelo alavancamento da indústria automotiva americana nas primeiras décadas do século XX, na



qual aliava a produção em massa com o consumo em massa, fez com que Gramsci procurasse reavaliar o modelo marxista clássico. Isso porque haviam mudado as relações entre a classe burguesa e o proletariado, entre o patrão e o empregado. Nessa nova configuração das relações de produção, haviam se esvaziado as razões que justificavam um enfrentamento físico entre as classes. Gramsci entendeu que havia nessa nova modalidade de capitalismo forças de natureza política, cultural e ideológica, que atuavam ocultamente para formar o sistema e o conservarem. Ele entendeu que o Estado era formado pelo equilíbrio da sociedade política com a sociedade civil em que organizações privadas, como igrejas, sindicatos, escolas, etc., exerciam um papel fundamental.

Assim, Gramsci entendia que a tomada do poder, diferentemente de como acontecia no marxismo clássico, agora deveria acontecer de outra forma. Seria uma “guerra de posição”. Uma guerra a ser travada na esfera da cultura. Assim,

Esta estratégia de passagem ao socialismo estabelece que agora a luta pela conquista do poder pela e para as classes subalternas não se resume a tomá-lo em um só golpe, ou seja, mediante uma “guerra de movimento”. Isso porque o poder não mais se encontra centralizado — no “chão da fábrica”, por exemplo — e agindo somente pela lógica societária da força, da coerção e repressão. Pelo contrário, ele é mantido e consolidado graças à atuação de diferentes aparelhos privados, que difundem para todo o coletivo social a visão bastante comum e tendente a tornar-se consenso entre os diferentes grupos e classes sociais [...] é nesse novo contexto das sociedades ocidentais que Gramsci validou e legitimou o embate no campo cultural e ideológico para a superação do modo de produção capitalista. Isso é uma inovação no campo marxista.<sup>12</sup>

Dessa forma, Gramsci não está preocupado apenas com o controle da dominação da produção material, mas, sobretudo, com a direção política, ética e ideológica da sociedade.<sup>13</sup> A conquista da sociedade não se dá mais por intermédio das armas, mas das ideias marxistas que fermentam a cultura.

2. *O uso político do conhecimento e a politização da cultura.* No segundo eixo, Gramsci entendia que o conhecimento ocupava um papel fundamental dentro do seu sistema. No processo de dominação social, o conhecimento se converte numa poderosa arma para se alcançar esse fim. Nesse aspecto, ele

entendia que qualquer grupo que conseguiu ascender sobre os outros, conquistando o poder, o fez por conta de impor sua visão de mundo sobre os outros. De acordo com Gramsci, para se tirar a elite que alcançou a hegemonia do poder é necessário criar uma contra hegemonia. Para isso é necessário,

1. Conhecer qual é a visão de mundo que orienta a vida das diferentes classes e grupos sociais, e até seus indivíduos, além de também desvelar como essas visões são elaboradas, disseminadas e “cimentadas” no meio social. 2. Conceber um processo pelo qual se poderá superar a visão de mundo das classes subalternas, promovendo uma elevação cultural delas, uma “catársis”, que possibilite aos subalternos tornarem-se uma “classe para si”, movimento necessário à reforma moral e intelectual pelo comunista revolucionário sardenho.<sup>14</sup>

Em outras palavras, somente por meio da revolução cultural, que ataca e desconstrói a cultura dominante, é que se chega ao poder. Para tal, Gramsci entendia que, para que se criasse outra cultura, não necessariamente precisaria criar algo novo, mas ressignificar conceitos já existentes na sociedade. Dessa forma, ele escreveu:

Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas “originais”; significa também, e, sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, “socializá-las” por assim dizer, transformá-las, portanto, em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral. O fato de que uma multidão de homens seja conduzida a pensar coerentemente e de maneira unitária a realidade presente é um fato “filosófico” bem mais importante e “original” do que a descoberta por parte de um “gênio filosófico”, de uma verdade que permaneça como patrimônio de pequenos grupos intelectuais.<sup>15</sup>

Percebemos que Gramsci estava mesmo vivendo no início do século XX, ele estava muito à frente de seu tempo. Ele fez uma leitura precisa do que seria uma cosmovisão.<sup>16</sup> Muito mais do que isso, Gramsci viu como os paradigmas culturais se formavam e como poderiam ser substituídos ou desconstruídos.

3. *Dimensão pedagógica do processo político.* Aqui é possível perceber como Gramsci ensina a fazer uso pedagógico da cultura a favor da ideologia. Gramsci entendia que a dominação cultural existiria quando o consenso

cultural fosse alcançado, e todos comessem a pensar e a falar a mesma coisa. Nesse aspecto, a ideologia que se almejava implantar havia logrado êxito. A sociedade havia sido cimentada com os valores da nova ideologia.

Para que a dominação cultural fosse alcançada, Gramsci fala da importância do *intelectual orgânico*. É o sujeito encarregado de disseminar e até mesmo infiltrar suas ideias e valores na cultura com a intenção de ressignificá-la. Pode ser um indivíduo neomarxista ou mesmo um partido político.<sup>17</sup> Assim, esses agentes do marxismo, que podem ser encontrados em escolas, em igrejas, na mídia, na imprensa e na literatura, imprimem sua compreensão de mundo no senso comum. O objetivo é promover o controle ideológico da sociedade.

Assim,

Nessa disputa travada no solo cultural e ideológico para que se consiga determinar a direção da ação coletiva, destaca-se o papel dos intelectuais. Na acepção gramsciana, eles devem educar ética e politicamente à realidade prática dos grupos aos quais se vinculam organicamente, adequando as suas consciências, os seus valores e os seus comportamentos à situação concreta da formação econômica e social, tendo em vista os interesses e as necessidades de classe. Para tanto, é indispensável todo um trabalho epistemológico — isto é, de crítica da concepção de mundo e da própria visão que o indivíduo tem de si mesmo — e educativo, para que se possa ensinar os grupos sociais ou a manterem a sua hegemonia, no caso dos grupos dominantes e dirigentes, ou a lutarem contra as relações de poder em vigor, no caso das classes subalternas. E por isso que se pode dizer que esta visão gramsciana da educação articula-se com toda a formulação teórico-sociológica do revolucionário sardenho, segundo a qual o poder só é conquistado de fato quando uma nova visão de mundo estiver sedimentada no coletivo social, forjando uma nova hegemonia.<sup>18</sup>

É exatamente aqui que entra o papel a ser desempenhado pela educação. É aqui que acontece a doutrinação. Ela ocorre desde o Ensino Fundamental até a Educação Superior. O indivíduo doutrinado agora se converterá em um agente marxista para atuar com eficácia em seus respectivos *hábitats*, que podem ser em igrejas, na televisão, nas redes sociais ou em tribunais superiores. Isso porque,

Segundo a visão gramsciana, a educação ganha um duplo papel ético-político. De um lado, ela é utilizada para manter a situação vigente, forjando nas massas o consenso em relação à visão de mundo da classe dominante e dirigente, e

adequando o comportamento dos subalternos às necessidades do grupo no poder. De outro, a educação pode também ser utilizada para disputar o poder, criando as condições objetivas para romper com a hegemonia em vigor e, assim, possibilitar a construção de uma nova civilização.<sup>19</sup>

Nas últimas décadas, o Brasil passou por uma profunda doutrinação marxista. O patrono da educação brasileira, Paulo Freire,<sup>20</sup> era um ardoroso seguidor da filosofia gramsciana. Em uma série de vídeos produzidos sobre o papel dos filósofos na educação, o filósofo Antonio Joaquim Severino, doutor em Filosofia pela PUC-SP, expõe com maestria a filosofia da educação dos principais filósofos da educação, inclusive Antonio Gramsci. De acordo com Severino, Paulo Freire orientou sua teoria pedagógica seguindo os princípios gramscianos.

Não há como não fazer uma aproximação bastante óbvia, por exemplo, entre as propostas que o Paulo Freire fez com respeito à educação a esta inspiração gramsciana. Não há dúvida alguma que o lado marxista do pensamento freiriano se faz muito sob essa inspiração do Gramsci. Até quando o Paulo Freire fez suas propostas bem práticas da alfabetização de adultos, de camponeses, ele estava justamente nada mais fazendo do que explorar as potencialidades do senso comum desta população em busca da explicitação de um bom sendo.<sup>21</sup>

Em outras palavras, como um seguidor das ideias de Gramsci, o educador Paulo Freire imprimiu na cultura brasileira a cosmovisão do pensador italiano. Não é de admirar as tentativas de elaborar propostas pedagógicas que orientem os currículos escolares a adotarem bandeiras notadamente marxistas. Isso vai desde a defesa do movimento feminista, liberação do aborto e a ideologia de gênero. O que demonstra sem sombras de dúvidas que o Brasil tem passado ao longo dos anos por um forte doutrinação ideológico. Nada escapou desse doutrinamento. Ele pode ser encontrado desde o Ensino Fundamental até o superior. Encontra-se em tribunais e também em igrejas.

## Neoateísmo

O materialismo e o ateísmo andam de mãos dadas. Embora nem todo ateu seja marxista, contudo, todo ateu é materialista, uma vez que para ele a única realidade existente é a material, não existindo, portanto, o mundo

espiritual. Dessa forma, não existe para o ateu um Deus criador nem tampouco milagres ou fenômenos espirituais. Apesar disso, deve ser destacado que o ateísmo, embora esteja embutido na natureza desde a Queda, fazendo parte, portanto, da história humana desde os primórdios da civilização, foi, contudo somente nas duas últimas décadas que passou a ganhar grande visibilidade. Isso se deu por meio do neoateísmo, uma forma revitalizada do antigo ateísmo.

Esse novo ateísmo ou neoateísmo se tornou um tipo de ativismo militante, extremamente agressivo e hostil ao fenômeno religioso e a tudo aquilo que se refira a Deus. São organizados e fizeram dos espaços acadêmicos, especialmente as universidades, os seus hospedeiros. São fanáticos e fundamentalistas da mesma forma que o é um radical religioso. Esse despertar do ateísmo aconteceu após os ataques terrorista no 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos da América. Três anos após o ataque do World Trade Center, em 2004, Sam Harris lançou o livro: *A Morte da Fé: religião, terror e o futuro da razão*. O livro de Harris é considerado como tendo sido o ponto de partida do neoateísmo.

Harris, que nasceu em uma família *quaker*, culpou a religião pelos atentados no 11 de setembro. De acordo com Valmor Santos,

O 11 de setembro foi para Harris o momento que fez o crítico do fundamentalismo vir à tona. Seu livro *A morte da fé* viria a lume três anos depois, em 2004, tornando-se um *best-seller* durante semanas nos Estados Unidos. Em 2006, escreveu *Uma carta a uma nação cristã*, em resposta às críticas que seu livro havia recebido. A tese mais contestada no livro foi a alegação de Harris de que os religiosos moderados são responsáveis pelo fundamentalismo, pois aceitam crenças não racionalmente fundamentadas e pedem respeito por elas; assim, a porta está aberta para os fundamentalismos. Uma análise das crenças religiosas baseadas na fé não seria justificada, segundo Harris (YOUNES, 2009, p. 142), o qual sustenta que as alegações da fé teriam que ser tomadas como outras proposições empíricas que fazemos e, portanto, deveriam ser submetidas a teste empírico (YOUNES, 2009, p. 142).<sup>22</sup>

Embora Harris tenha sido o pioneiro do movimento neoateísta, contudo, outro autor lhe deu ampla visibilidade — Richard Dawkins. Em 2006, Dawkins escreveu seu *best-seller*: *Deus: um delírio*. O livro de Dawkins é um ataque frontal às religiões, porém tendo a religião judaico-cristã como seu principal alvo. Valmor Santos destaca :

Em relação a Deus, o foco é fundamentalmente o Deus das religiões abraâmicas. Mas o livro examina principalmente a compreensão cristã de Deus, pois, como afirma o próprio Dawkins, é a religião que ele mais conhece. O seu foco não é o Deus do panteísta, de um Espinosa ou de um Einstein, mas principalmente o Deus do Antigo Testamento, Javé (2007, p. 44-45), comum ao judaísmo, ao cristianismo e ao Islã. Contudo, para simplificar, Dawkins nega todos os deuses, sejam do monoteísmo ou do politeísmo, e usa para ambos os posicionamentos religiosos o nome Deus (DAWKINS, 2007, p. 61). A tese básica de seu livro é a negação de qualquer tipo de supernaturalismo (ibidem, p. 62): “Estou atacando Deus, todos os deuses, toda e qualquer coisa que seja sobrenatural, que já foi e que ainda será inventada” (p. 63).<sup>23</sup>

Tanto o posicionamento de Richard Dawkins como o de Sam Harris fazem parte de uma ideologia anticristã. De acordo com esses autores, a religião é má; Deus não existe e a ciência refuta Deus. Esse novo tipo de ateísmo se diferencia do antigo racionalismo que buscava na filosofia argumentos contra a existência de Deus. Em vez disso, o neoateísmo procura se escudar na ciência para atacar o cristianismo. Entretanto, o que deve ser observado, como destacou Alister McGrath em seu livro *O Delírio de Dawkins*, é que nenhum desses autores, de fato, se valem de argumentos científicos para negar a fé. McGrath, que é PhD em biofísica molecular, destaca que o ateísmo de Dawkins é de natureza ideológica, e não científica. Na verdade, esses autores adotaram o cientificismo, um discurso que está estreitamente ligado ao materialismo filosófico. Para eles, a realidade última do universo é a matéria. Assim, o que não passar pelo crivo dos supostos argumentos científicos deve ser rejeitado.

O fato é que a ciência não refuta Deus, mas antes confirma a sua existência. A negação desse fato não se baseia em provas científicas, mas numa simples incredulidade que se recusa a admitir as evidências que demonstram a existência de um Criador.

---

<sup>1</sup> Convém destacar que embora o marxismo seja a expressão máxima do materialismo enquanto ideologia, e o comunismo seja sua manifestação concreta, contudo, uma cultura moldada por princípios materialistas pode ser encontrada também numa sociedade regida pelo sistema capitalista. É o caso, por exemplo, do consumismo, representado pela teologia da prosperidade. Contudo, não trataremos do materialismo no contexto do capitalismo, visto que já fizemos isso de forma exaustiva no livro *A Prosperidade à Luz da Bíblia*, CPAD, 2012.

<sup>2</sup> Veja uma conceituação desses na obra de Hilton Japiassú: *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2006.

<sup>3</sup> KOLENDA, J. P. The Largest Evangelical Church in Brazil. *The Pentecost*, Number 2. Zurich, december, 1947.

<sup>4</sup> CRUZ, Antonio. *Sociología una Desmistificación: una análisis cristiano del pensamiento sociológico moderno*. Barcelona: CLIE, 2001.

<sup>5</sup> Uma exposição completa pode ser vista na obra de Battista Mondin: *Curso de Filosofia*, vol 3. São Paulo: Paulus, 1983.

<sup>6</sup> MCGRATH, Alister. *Apologética Cristã no Século XXI: ciência e arte com integridade*. São Paulo: Editora Vida, 1992.

<sup>7</sup> Algumas obras são essenciais para se entender o conceito de neomarxismo, também denominado de “marxismo cultural”. Dentre as quais, cito: BRESHEARS, Jeffrey D. *American Crisis: cultural marxismo and the culture war: a Christian response*. Centre-Point Publishing, 2020; CALLEJAS, Ángel Velázquez. *El Libro Rojo del Marxismo Cultural: reflexiones, refutaciones y análisis*. Exodus, 2020; LEVIN, Mark R. *Marxismo Americano*. Citadel, 2021; ELDER, Alasdair. *The Red Trojan Horse: a concise análisis of cultural Marxism*. Cambrige, Inglaterra, 2017; FRENCHMAN, William. *The Tentacles of Cultural Marxism*. 2020; ALLEN, Scott. *A Toxic New Religion: understanding the postmodern, neo-marxist faith that seeks to destroy the judeo-chhristian culture of the west*. Phoenix, Arizona, 2020.

<sup>8</sup> Uma ampla exposição sobre o paradigma *moderno* e *pós-moderno* pode ser visto na obra de Antonio Gruz: *Postmodernidad: um estudio de la filosofia postmoderna y la proclamación del evangelio em los tiempos actuales*. Terrasa. España, 1996.

<sup>9</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ind%C3%B3ria\\_cultural](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ind%C3%B3ria_cultural).

<sup>10</sup> Um comentário exaustivo sobre Gramsci e sua obra pode ser encontrado no *Dicionário Gramsciano*. Org. LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale. São Paulo: Boitempo, 2017.

<sup>11</sup> Aqui me dirigi pelo excelente texto de Marcos Francisco Martins, professor do mestrado em educação da UNISAL, conforme publicado no livro: *Marxismo e Educação: debates contemporâneos*. Campinas, SP. Autores Associados, 2008. Contudo, devo sublinhar que a minha compreensão da ideologia gramsciana é feita a partir dos valores judaico-cristãos.

<sup>12</sup> LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Demerval. *Marxismo e Educação — debates contemporâneos*. São Paulo: Autores Associados, 2008.

<sup>13</sup> Veja MARTINS, Marcos Francisco. In: *Reflexões e Disputa pela Hegemonia: reflexões em torno do valor ético-político e pedagógico do senso comum e da filosofia em Gramsci*. Campinas, São Paulo:

Autores Associados, 2008, p. 135.

<sup>14</sup> MARTINS, Marcos Francisco. In: *Reflexões e Disputa pela Hegemonia: reflexões em torno do valor ético-político e pedagógico do senso comum e da filosofia em Gramsci*. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2008, p. 139.

<sup>15</sup> Conforme citado por Marcos F. Martins. *Op.cit.*, p.140,141.

<sup>16</sup> Cosmovisão são as lentes com as quais enxergamos o mundo, os indivíduos, seus respectivos papéis e as relações humanas na sociedade. Uma cosmovisão é uma visão macro da sociedade, incluindo a sua cultura, religião, política, etc. Um excelente texto abordando a questão da cosmovisão é o livro de Michael W. Goheen e Craig G. Bartholomew: *Introdução à Cosmovisão Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2016.

<sup>17</sup> Como um leitor ávido de Maquiavel, Gramsci entendia que o partido político poderia desempenhar o mesmo papel do “Príncipe” do pensador Florentino.

<sup>18</sup> MARTINS, Marcos Francisco. In: *Reflexões e Disputa pela Hegemonia: reflexões em torno do valor ético-político e pedagógico do senso comum e da filosofia em Gramsci*. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2008.

<sup>19</sup> Idem, p.152.

<sup>20</sup> Veja a exposição das principais ideias de Paulo Freire no contexto da educação nas obras: *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2002; *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2011; *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

<sup>21</sup> SEVERINO, Antonio Joaquim. *Filósofos e a Educação: Gramsci*. São Paulo: Paulus, s/d.

<sup>22</sup> SANTOS, Valmor Ferreira. *Uma Introdução ao Movimento do Neoateísmo: definições e metáteses*. Tese de mestrado em ciências da religião. Universidade Federal de Sergipe, 2016.

<sup>23</sup> SANTOS, Valmor Ferreira. *Op.cit.*, p.42,43.



## Capítulo 6

# A Sutileza das Ideologias Contrárias à Família

O Senhor Deus disse ainda: — Não é bom que o homem esteja só; farei para ele uma auxiliadora que seja semelhante a ele. Havendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todos os animais do campo e todas as aves dos céus, trouxe-os a Adão, para ver que nome lhes daria; e o nome que ele desse a todos os seres vivos, esse seria o nome deles. O homem deu nome a todos os animais domésticos, às aves dos céus e a todos os animais selvagens; mas para o homem não se achava uma auxiliadora que fosse semelhante a ele. Então o Senhor Deus fez cair um pesado sono sobre o homem, e este adormeceu. Tirou-lhe uma das costelas e fechou o lugar com carne. E da costela que havia tirado do homem, o Senhor Deus formou uma mulher e a levou até ele. E o homem disse: “Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne; será chamada varoa, porque do varão foi tirada.” Por isso, o homem deixa pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne. Ora, um e outro, o homem e a sua mulher, estavam nus e não se envergonhavam. (Gn 2.18-25, NAA)

## Família e Sociedade no Antigo Israel

De acordo com Wolff (2007, p. 323), no Antigo Israel, o indivíduo vivia firmemente inserido no grupo de sua família e, conseqüentemente, de seu povo. Quando ele era posto de lado ou tornava-se solitário, acontecia alguma coisa anormal, senão ameaçadora, mas finalmente também

necessária para o ser humano se tornar humano. Wolff (2007) mostra como se dava essa estruturação social no antigo Israel e como isso se torna importante na compreensão do seu valor antropológico. Wolff (2007, p. 323-325) descreve o que chama de pequena sociologia do Antigo Israel, como segue: em primeiro lugar, no Antigo Israel, o indivíduo é membro da sua família, que é chamada casa ou casa paterna.

Dessa forma, até quatro gerações podiam conviver nessa grande família. Wolff (2007, p. 324) lembra que, nessa estrutura familiar: além dos homens, há as mulheres associadas por casamento e as filhas não casadas, ademais escravos e escravas, agregados e trabalhadores estrangeiros. Se for considerado o grande número de filhos, já que um israelita com 20 anos facilmente era pai, com 40 anos, avô e, com 60 anos, bisavô, e que os irmãos mais novos do chefe da família, junto com seus descendentes, podiam fazer parte da grande família, entendemos facilmente que essa grande família fornecesse 50 homens ao exército (1 Sm 8.12). Em segundo lugar, as grandes famílias são membros de um clã. Wolff (p. 324) destaca que, à luz do registro bíblico, cerca de 20 famílias formavam um clã. A chefia desse clã estava a cargo dos anciãos, que também exerciam jurisdição (1 Rs 21.8ss). Em terceiro lugar, o clã estava unido à tribo; as tribos formavam uma comunidade que morava com os seus clãs na mesma região. À frente de cada tribo, havia um príncipe. Em quarto lugar, a comunidade das tribos chamava-se Israel ou casa de Israel. Essa “casa de Israel”, como o povo de Iavé, formava uma unidade.<sup>1</sup>

No contexto dos patriarcas bíblicos, a família era entendida como uma instituição destinada à procriação e transmissão do patrimônio tanto cultural como material, e a proteção de seus membros. Dessa forma, a família era entendida como sendo construída por parentes pelo sangue, casamento ou adoção.<sup>2</sup> Naquele contexto, a família, portanto, era vista como uma instituição social e também espiritual. Assim, no Antigo Testamento, a ideia de família é de endogamia e que tem como finalidade a perpetuação da linhagem (Dt 6.20-25). Assim sendo, uma típica família hebreia era “endógama (casavam-se entre parentes); patrilinear (descendência pai-filho); patriarcal (poder do pai); patrilocal (a mulher vai para a casa do marido); ampliada (reúne os parentes próximos todos no grupo) e polígama (tem muitas pessoas)”.<sup>3</sup> Nesse contexto, a configuração da família no antigo Israel seguia o modelo patrilocal e patriarcal, o que demonstrava a centralidade na figura paterna.

Assim, a família hebreia (*misparah*) era

claramente patriarcal desde os documentos mais antigos: o termo que caracteriza é *bêtab*, “casa paterna”, as mulheres, nas referências às genealogias, são mencionadas raramente, o parente mais próximo é o tio paterno, cf Lv 25.29, o marido é o *baal* “senhor” de sua esposa, e o pai tem, sobre todos os que com ele moram, autoridade total, que antigamente lhe dava o direito de decidir sobre a vida ou morte (como no caso de Gn 38.24, em que Judá condena sua nora Tamar por imoralidade).<sup>4</sup>

Sobre essa estrutura familiar, Koester observa que,

nas cidades como nas áreas rurais, as famílias eram unidades economicamente semi-independentes que produziam grande parte do alimento e vestuário necessários a partir de matérias-primas. A família incluía o dono da casa, sua mulher, filhos, pais idosos, parentes solteiros e também servos e escravos. Embora o pai como chefe da família fosse uma figura à parte sob muitos aspectos, os demais membros dividiam várias responsabilidades, comiam juntos (incluindo os escravos, pelo menos originariamente) e cumpriam rituais religiosos.<sup>5</sup>

Assim, dentro desse contexto, os papéis eram bem definidos. A mulher, por meio de sua missão de dar à luz, garantia a continuidade da família. Cabia a ela cuidar das crianças até o desmame, que acontecia entre os 3 e 5 anos de idade. Dessa forma, a mulher possuía um papel central na educação dos filhos, iniciando-as na tradição cultural, bem como na esfera religiosa. Assim, Fideles destaca que “o papel da mulher era delimitado pelo papel da dona de casa, que deveria ocupar-se dos filhos, da casa, e assumir todas as tarefas ‘naturalmente’ cabíveis ao feminino”.<sup>6</sup>

Por outro lado, cabia ao pai o papel de ensinar os filhos as atividades manuais bem como inseri-los nas atividades religiosas. De acordo com Figueira e Junqueira,

A visão desde o antigo Israel era de que os pais representavam a autoridade de Deus e por isso tinham a função de ensinar e orientar os filhos, e desde pequenos os filhos participavam dos ritos domésticos, das festas e frequentavam os santuários (1 Sm 1.4,20). Lá ouviam os salmos e as narrativas históricas. A instrução familiar também ocorria nos ambientes de trabalho (roçado e comércio), na porta e nas ruas (cf Pv 1-9). De acordo com a estruturação da sociedade a partir da Lei (Torá), o ensino fundamental das tradições para as crianças começava com o livro de Levítico.<sup>7</sup>

No contexto do Novo Testamento, o termo usado para se referir à família é *oikos*, que equivale a *oikia*, com o sentido de “casa, família”. Esse termo era entendido como sinônimo de “a casa do pai”, e se usava para se referir aos habitantes de uma casa, incluindo os serventes e qualquer outro dependente.

No contexto da Igreja Primitiva, a família se reveste de especial importância. Desse modo, vemos os primeiros missionários sendo enviados às casas das famílias (Mt 10.11-14); o culto na Igreja Primitiva consistia também de “partindo o pão de casa em casa” (At 2.46; 5.42; 12.12; 20.20); assim a igreja também mantinha o hábito de reunir-se nos lares, isto é, na casa das famílias (Rm 16.23; 1 Co 16.19; Col 4.15). No ambiente familiar aconteciam, por exemplo, várias conversões (At 10.24,33,44; 16.15,31-34; 18.8; 1 Co 16.16). Por isso, a escolha de líderes era feita a partir de seu comportamento na esfera da família (1 Tm 3.2-13; Tt 1.6-9).

Brent R. Kelly observa que:

No Novo Testamento, a estrutura familiar não é tratada tanto quanto os papéis e responsabilidades de seus membros. A unidade familiar mais comum era uma relação monogâmica que incluía o círculo familiar maior. No século I já existia maior independência na família, baseado na cultura romana e na vida urbana. Em Israel, geralmente, havia laços estreitos entre os membros da família. Durante Seu ministério, Jesus reafirmou a centralidade da família monogâmica e condenou a imoralidade e o divórcio. Ele falou da indissolubilidade da família e disse que mesmo os tribunais civis não podiam quebrar os laços familiares (Marcos 10:1-12). A responsabilidade de cuidar dos membros da família pode ser vista na cruz onde Jesus, embora em agonia, deu ao apóstolo João a responsabilidade de cuidar de Sua mãe (João 19:26-27). Nos escritos paulinos, há muitos ensinamentos sobre a família. A ética do lar é descrita em Efésios 5-6 e Colossenses 3-4. Nessas passagens, o marido é responsável pela saúde física, emocional, religiosa e psicológica da esposa. A submissão da esposa ocorre no contexto do casamento. As esposas são chamadas para administrar a casa. Como tais, as esposas eram responsáveis por dar conselhos e orientação à família (1 Tm 5.14).<sup>8</sup>

No contexto dos reformadores do século XVI, houve uma reação à doutrina católica do celibato do clero. Os reformadores entendiam que essa imposição romana ia contra o princípio bíblico da instituição do casamento, a base exigida por Deus para que se constituísse uma família. O celibato, portanto, deveria vir como um dom àqueles a quem Deus havia agraciado, e não como uma imposição ao clero como um todo. O apóstolo Paulo, por

exemplo, orientou que os bispos fossem casados (1 Tm 3.2). Assim, Lutero via a família como a base da sociedade a partir da qual o cristão devia servir a Deus e ao próximo. Essa compreensão dos reformadores é seguida pelos puritanos, que por meio da família expressavam sua identidade religiosa.<sup>9</sup>

Na sociedade contemporânea, em que se cultuam os direitos individuais e a igualdade entre os sexos, os pressupostos listados acima são suprimidos. No atual contexto, a família é vista apenas como uma instituição social que serve para restringir a liberdade individual e a equivalência entre os sexos. Assim, Lisa Cahill destaca que:

Sabendo que a família e as estruturas de parentesco são multiformes nas diferentes culturas, somos tentados a dizer que a família é apenas uma instituição social — e alguns exageram essa afirmação ao dizer que essa construção é inimiga da liberdade individual ou da expansão afetiva, ou da igualdade de sexos. Resta, porém, que nenhuma sociedade conhecida deixa a sexualidade humana anárquica, e que a multiplicidade das estruturas familiares apresenta o ponto comum de que existem em toda parte regras de casamento e sistemas de parentesco.<sup>10</sup>

Assim, na cultura pós-moderna, o conceito de família é fragmentado, se não, diluído. A partir da revolução sexual, em que a forma de expressar a sexualidade ganha novos contornos, isto é, não acontece apenas na esfera do casamento, o ideal de família vai sendo desconstruído. Nesse contexto, tanto o movimento feminista como o movimento homossexual, filhos legítimos da revolução sexual dos anos 1960, passaram a impor novos padrões para a expressão da sexualidade.

Aquilo que começou de forma embrionária nos anos 1960 ganha corpo e forma nos anos 2000. Isso pode ser visto, por exemplo, na *ideologia de gênero*, teoria que defende que o gênero, a orientação e a identidade sexual são resultados de uma construção social, e, portanto, não biológicos. A filósofa norte-americana Judith Butler, referência mundial no estudo da teoria de gênero, se tornou a principal voz da teoria *queer*.

Butler acredita que — não há macho e nem fêmea, nem homem nem mulher. Isso porque, de acordo com a sua teoria, gênero e sexo não têm relação alguma entre si. Gênero é algo que não está ligado ao sexo, mas a uma construção social. Dessa forma, alguém pode ter um corpo masculino, mas se sentir feminino ou possuir um corpo feminino e se sentir masculino.

Em outras palavras, alguém que nasceu homem, mas se sente mulher é porque, simplesmente, nasceu no corpo errado.

Essa teoria de Butler ganhou ampla aceitação social. Ela é vista em livros, filmes e, de uma forma massificada, nas redes sociais. Evidentemente que é uma teoria extremamente nociva para o conceito de família conforme o paradigma bíblico. Isso porque, simplesmente, não apenas subverte os papéis familiares, mas os desconstrói. Enquanto Jesus disse claramente que Deus criou macho e fêmea, homem e mulher (Mt 19-16), isto é, definiu o gênero pela sua sexualidade, essa teoria diz exatamente o contrário. Ela, portanto, subverte a ordem da criação que Deus estabeleceu no Gênesis (Gn 2.24).

Isso, evidentemente, impõe aos pais cristãos uma grande responsabilidade na educação de seus filhos. Sabedores de que possuem uma grande responsabilidade na construção da identidade dos filhos, os pais devem com todo o zelo assumir seus respectivos papéis na educação dos filhos. São eles os modelos a quem a criança deve imitar. Portanto, a educação da criança deve ser algo levado a sério. Jamais um menino deve ser criado como uma menina ou vice-versa. Infelizmente, muitos pais são omissos na educação dos filhos ou lenientes na forma como a conduzem. Isso terá reflexos na formação da personalidade da criança. Portanto, convém que a educação cristã seja firmada em princípios que reflitam os valores cristãos, e não nas teorias divorciadas da Palavra de Deus.

---

<sup>1</sup> GONÇALVES, José. *O Carisma Profético: pressupostos para uma práxis carismática autêntica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

<sup>2</sup> LACOSTE, Jena-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola, 2014.

<sup>3</sup> FIGUEIRA, Eulálio; JUNQUEIRA, Sérgio. *Teologia e Educação: educar para a caridade e a solidariedade*. São Paulo: Paulinas, 2012.

<sup>4</sup> DE VAUX. *As Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

<sup>5</sup> KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento*. História, cultura e religião do período helenístico. São Paulo: Paulus, 2005.

<sup>6</sup> Conforme citado por Figueira e Junqueira. Op. Cit. p. 128.

<sup>7</sup> *Teologia e Educação*, p.129.

<sup>8</sup> *Diccionario Bíblico Ilustrado Holman: exhaustivo, bíblico, teológico*. Nashville, Tennessee: B&H Español, 2008.

<sup>9</sup> Veja *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola, 2014.

<sup>10</sup> CAHILL, Lisa S. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola, 2014.

## Capítulo 7

# A Sutileza da Relativização da Bíblia

Mas você tem seguido de perto o meu ensino, a minha conduta, o meu propósito, a minha fé, a minha paciência, o meu amor, a minha perseverança, as minhas perseguições e os meus sofrimentos, os quais tive de enfrentar em Antioquia, Icônio e Listra. Quantas perseguições sofri! Porém o Senhor me livrou de todas elas. Na verdade, todos os que querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos. Mas os perversos e impostores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados. Quanto a você, permaneça naquilo que aprendeu e em que acredita firmemente, sabendo de quem você o aprendeu e que, desde a infância, você conhece as sagradas letras, que podem torná-lo sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o servo de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra. (2 Tm 3.10-17, NAA)

## A Bíblia Precisa Ser Atualizada?

**R**ecentemente, um famoso pregador e pastor evangélico afirmou em uma pregação que a Bíblia precisaria ser atualizada. De acordo com ele, a Bíblia estaria desatualizada, por exemplo, quando trata da questão do comportamento homossexual. Dessa forma, o comportamento homossexual



não pode ser considerado errado pelos cristãos por conta de um ou dois textos bíblicos que, segundo ele, precisariam ser ressignificados.

De acordo com esse pastor, a Bíblia é insuficiente quando se trata de questões relativas ao mundo contemporâneo. Em outras palavras, a Bíblia se tornou um livro obsoleto que necessita de revisão. A doutrina da inerrância e suficiência das Escrituras, portanto, não existem mais. É preciso atualizar o texto ou enxergá-lo com outro olhar. Em sua fala, o pastor destacou que a Bíblia é um livro insuficiente e precisa ser relido e ressignificado para que os seus princípios possam fazer sentido no mundo contemporâneo.

No entender desse pregador, uma das razões que justificaria a atualização da Bíblia diz respeito à questão de gênero da sociedade. Dessa forma, o pastor mostra que enxerga a questão do comportamento homossexual como normal. Assim, ele entende que se a igreja quiser ser de fato uma referência para esse mundo precisa atualizar o seu manual, a Bíblia, a fim de que possa enfrentar os pecados que tem cometido em relação à questão de gênero. Em outras palavras, segundo ele, ao manter uma visão conservadora e ortodoxa nessa área, a igreja estaria cometendo pecado.

Não é a primeira vez que a Bíblia sofre esse tipo de ataque. Muda a temática e a forma como é feita, contudo, a metodologia e a hermenêutica usadas são as mesmas. Em 2009, vimos um ataque à Bíblia semelhante ao que acabamos de expor. Naquela época, a Bíblia precisava ser atualizada não por conta do comportamento homossexual, mas porque continha mitos.<sup>1</sup>

## Seria a Bíblia um Livro Mitológico?

O testemunho da própria Bíblia é que esta é toda de inspiração divina. “Toda Escritura é inspirada por Deus” (2 Tm 3.16). Contudo, o que se observa é que a autoridade da Escritura vem sendo solapada por alguns pensadores evangélicos. Assim, um desses ataques diz que a Bíblia está impregnada de mitos. Essa tese defende que algumas passagens bíblicas, como, por exemplo, os primeiros capítulos de Gênesis, são de natureza mitológica. Fala-se, portanto, do mito da criação, do mito de Adão e Eva, etc.

A *Enciclopédia Judaica* revela a influência desse modernismo teológico quando diz que “a maioria das religiões possuem seus mitos da criação, e a

história da criação contada na Bíblia segue, simplesmente, o modelo universal dos mitos do mesmo gênero. O homem, nesses mitos, sentindo-se esmagado pelo mistério da vida e pelos inexplicáveis ‘porquês’ e ‘para quês’ da ordenada vastidão do universo, tenta explicar a origem de tudo e buscar a causa primitiva”.<sup>2</sup> Esses pensadores fazem coro com essa enciclopédia quando acreditam que as passagens bíblicas estão em contradição com a ciência positiva e que, portanto, não podem ser aceitas como fatos. Karen Armstrong, referência entre os pregadores liberais, por exemplo, ao falar sobre essa suposta linguagem mítica da Bíblia, diz: “Trata-se de um desejo compreensível, mas os *mythoi* (mitos) da Bíblia nunca pretenderam ser factuais. A linguagem mítica não pode traduzir-se em linguagem racional sem perder a sua razão de ser”.<sup>3</sup> Outro pensador, ainda falando da Bíblia, argumenta:

Percebo alguns textos como mitos [...] entendo o conceito de mito não no sentido popular, mas filosófico [...]. Assim, não é errado, e nem invalida a inspiração do Espírito Santo, considerar os relatos do Gênesis como poesias alegóricas que celebram o fiat criador, e não como verdadeiros tratados de física e biologia sobre a origem do universo.<sup>4</sup>

Ainda dentro dessa ótica, Leonardo Boff, famoso teólogo católico, dá sua interpretação sobre a história de Adão e Eva:

Para dar um exemplo dessa dimensão, vamos escolher a primeira página do Gênesis, a famosa história de Adão e Eva. Ela pode ser lida em muitos códigos. O cristianismo, a tradição judeu-cristã, lê num código religioso, fala de pecado original, tudo aquilo que já sabemos. Mas a leitura antropológica e filosófica descobre aí o ato supremo do ser humano: “Você não pode comer da fruta proibida. Não existe tentação maior. E ele viola, descobre a sua realidade de transcendência, se transforma em humano”.<sup>5</sup>

O autor ainda segue citando outros mitos, como, por exemplo, um que revela transcendência divina na cultura dos índios Carajás. Observa-se que aqui o mito não deve ser entendido no seu sentido comum, mas no seu sentido filosófico. Mas será que esse arranjo resolve a questão? O que é, portanto, um “mito filosófico”? O filósofo Jostein Gaarder explica que “um mito é uma história que geralmente acompanha um rito. O rito com

frequência reitera um ato em que o mito se baseia”.<sup>6</sup> Para a filosofia, portanto, o mito

é um modo ingênuo, fantasioso, anterior a toda reflexão e não crítico de estabelecer algumas verdades que não só explicam parte dos fenômenos naturais ou mesmo a construção cultural, mas que dão, também, as formas da ação humana [...]. O mito, portanto, é uma primeira fala sobre o mundo, uma primeira atribuição de sentido ao mundo, sobre a qual a afetividade e a imaginação exercem grande papel, e cuja função principal não é explicar a realidade, mas acomodar o homem ao mundo.<sup>7</sup>

Esse é o conceito filosófico de mito. Sem dúvida os muitos mitos de Platão relatados em seus inúmeros diálogos, como, por exemplo, o do cavalo alado, o mito da caverna, etc., se enquadram nesse postulado. Mas será que esses mesmos conceitos podem ser aplicados aos textos bíblicos? Estou convencido de que não. Em primeiro lugar, o mito é uma invenção humana tentando atribuir sentido ao mundo. Como ajustar esse conceito à revelação bíblica? Moisés inventou a história da criação ou Deus revelou a ele? “Não tendes lido que o Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher e que disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne?” (Mt 19.4,5). Por certo, nessa passagem bíblica, o Senhor Jesus considerou o relato de Gênesis feito por Moisés como um fato estabelecido, e não como um mito. Em segundo lugar, o mito nunca vem sozinho, há sempre uma prática ou ritual que o acompanha. Na dialética platônica, por exemplo, há uma estreita relação entre mito e logos. Os mitos davam fundamentação teórica a determinada prática grega e esta, por sua vez, reiterava o valor do mito. Mas em se tratando das Escrituras Sagradas, seria possível aplicar esse princípio sem sacrificar o conceito de revelação divina? Se o mito dá fundamentação a um ritual e este confirma o valor daquele, então como ficam os rituais mosaicos que possuem sua fundamentação na revelação divina? Fica difícil imaginarmos Moisés criando um mito para dar razão à existência de um determinado rito. A Escritura deixa claro que até mesmo os utensílios usados no cerimonial mosaico foram confeccionados a partir de uma revelação divina: “Atenta, pois, que o faças conforme o seu modelo que te foi mostrado no monte” (Êx 25.40).

## A Hermenêutica da Desconstrução

Tanto a doutrina que afirma que a Bíblia precisa ser atualizada como a que diz que ela está eivada de mitos são produtos e subprodutos da hermenêutica pós-moderna. De acordo com esse modelo interpretativo, o leitor, e não o autor, é o sujeito da interpretação. Dessa forma, pouco importa o que o autor bíblico disse sobre determinada questão. O que importa mesmo é como o leitor moderno entende esse texto ou o entendimento que ele impõe ao texto. Nesse sentido, o texto bíblico tem tantos significados quanto são os seus leitores, já que é o leitor que impõe ao texto o seu sentido.

Há algum tempo, como parte das atividades acadêmicas do meu mestrado em teologia, fiz uma resenha do livro de Kevin Vanhoozer *Há um Significado nesse Texto?*. Nessa obra, Vanhoozer faz uma análise dos enfoques contemporâneos no universo da interpretação bíblica, em especial o pós-moderno. Além de fazer um inventário do processo interpretativo ao longo da história da hermenêutica, Vanhoozer mostra como o paradigma cultural pós-moderno, também conhecido como *Desconstrução* ou *Desfazimento*, tem modelado a forma como a Bíblia deve ser lida. É importante, portanto, conhecer a análise que Vanhoozer fez da hermenêutica pós-moderna para entendermos de que forma ela tem influenciado a compreensão do texto bíblico.

Vanhoozer mostra que a “desconstrução” ou “desfazimento”, termo usado pela filosofia pós-moderna derridiana, mudou de vez a forma como os textos devem ser interpretados. A desconstrução veio como um grande tsunami desfazendo a autoridade interpretativa da igreja, mostrando que esta não passava de arbitrariedade linguística. Dessa forma, nenhuma ideologia podia se legitimar como sendo portadora da verdade.

Vanhoozer mostra como a “desconstrução” acabou por minar a figura do “autor”. O leitor, e não o autor, é o real dono do sentido do texto. Vanhoozer destaca que esse ataque à autoridade autoral é uma derivação da filosofia da “morte de Deus”. Ela entra em confronto direto com a hermenêutica cristã, pois esta repousa no significado que o autor emprestou ao texto. Derrida acusa a cultura ocidental de estarem contaminadas com a ideia de que há algum significado em determinado texto. Para Jaques Derrida, a desconstrução derribou os ídolos firmados em signos (símbolos), o que ele vai denominar de “logocentrismo”. Para Derrida, os filósofos se tornaram ventríloquos que projetam suas próprias vozes no texto. Derrida

está convencido de que a desconstrução apregoada por ele limpará a cultura dessa “razão impura”.

Assim, o leitor também passa a ser visto como o produto de diversos códigos culturais. Como observa Vanhoozer, a desconstrução também desfaz o leitor mostrando que os hábitos de leitura são produtos culturais institucionalizados e historicamente condicionados. Dessa forma, a leitura nunca é imparcial, mas interessada. Um exemplo apontado pelos intérpretes pós-modernos estaria na camisa de força que a cultura ocidental vestiu o velho continente com os valores liberal-democráticos. Em síntese, o desconstrucionista tem por objetivo libertar o leitor do texto.

Vanhoozer desenvolve o que ele chama de “refazendo a interpretação”. A sua proposta, diametralmente oposta a dos pós-modernos, é “Refazer a Interpretação”. Se a desconstrução desfez ou desmoronou o edifício interpretativo, Vanhoozer procura ver a possibilidade de mostrar uma proposta interpretativa que seja convincente na sua dura e gigantesca tarefa de reconstrução. É preciso, portanto, “ressuscitar o autor”, “redimir o texto” e “reformular o leitor”.

Ao contrário do que pensava Derrida, Vanhoozer vê o autor como um senhor da linguagem, e não como um escravo dela. Dessa forma, reconhecer os direitos do autor é receber sua comunicação, não a revisar. Longe de ser um tropeço, como viam os pós-modernos, a linguagem aqui é vista como uma dádiva de Deus aos homens. É por meio da linguagem que nos relacionamos com o mundo e procuramos entendê-lo. Derrida argumentava que não existia nada “fora do texto”. A proposta aqui é que não existe nada fora do “contexto”. O processo do entendimento, conforme aponta Vanhoozer, se dá por intermédio da ação comunicativa. O autor, portanto, é um agente comunicativo que por meio da fala expressa sua linguagem ou pensamento. Dessa forma, não há significado sem a presença de um autor. Vanhoozer destaca o papel do Espírito na ação interpretativa na comunidade de fé. Para ele, a função do Espírito em relação à Palavra de Deus é aplicar o sentido do texto, não o mudar.

Kevin Vanhoozer gasta algumas páginas de seu volumoso livro para tratar o que hoje os intérpretes denominam de Hermenêutica do Espírito, a qual ele denomina de “hermenêutica do pentecostes”. Para Vanhoozer, os teólogos deveriam ter muito cuidado para não porem a Palavra contra o Espírito. Nesse aspecto, o Espírito não é um suplemento derridiano que se soma à palavra escrita ou a aperfeiçoa. O capítulo 2 de Atos serve como

paradigma dessa hermenêutica, visto que ali é possível enxergar a relação entre o “isto” (o evento de pentecostes) com o “aquilo” (o significado da profecia de Joel). Fica claro nesse texto que o sentido atribuído à profecia de Joel não foi uma invenção de Pedro, mas uma “atualização” que o Espírito fez da mesma naquela situação. Da mesma forma, um fato semelhante pode ser visto no uso que o apóstolo Paulo faz do Antigo Testamento. Paulo, portanto, leu as Escrituras à luz do Pentecostes, isto é, da sua experiência do Espírito, e não o contrário. Em resumo: o Espírito Santo sentencia, isto é, determina o sentido do texto, atualizando-o, ilumina o seu significado, fazendo aflorar o seu sentido, e santifica o leitor no seu entendimento. Em suma: toda hermenêutica é teológica, sendo que um texto tem um só significado, mas muitas significâncias.

Observamos, portanto, que a teoria que afirma que a Bíblia precisa ser atualizada é fruto de uma compreensão pós-moderna da história. Ela se vale de pressupostos de uma interpretação centralizada no leitor do texto, e não no seu autor. Como foi destacado, essa forma de enxergar o texto tem com pano de fundo a filosofia da linguagem de Jaques Derrida e outros filósofos da chamada *desconstrução*. Esse modelo interpretativo, na verdade, é fruto de uma realidade maior — a tentativa de desconstruir o paradigma judaico-cristão, que tem na Bíblia o seu alicerce.

Tendo esse modelo exegetico influenciado as academias e virado moda entre muitos pregadores, inclusive pentecostais, acredito ser oportuno aqui traçar algumas diretrizes que ajudarão a refazer o caminho da interpretação. Sobre a necessidade de uma metodologia adequada que busque o significado do texto bíblico, e não se submeta à exegese pós-moderna, o Conselho de Doutrina e a Comissão de Apologética, órgãos da CGADB, emitiram um *Manifesto* no qual afirmam que:

[...] não nos rendemos aos métodos histórico-crítico e pós-modernos, notadamente nos aspectos que buscam fragmentar as Escrituras e negar os milagres; 3) refutamos a teologia narrativa em sua pretensão de desconstrução do texto e de seu sentido, que devem sempre guardar coesão com o contexto histórico e gramatical; 4) não empregamos métodos de interpretação subjetivista, focados no leitor, em detrimento do autor e do texto; 5) consideramos que as experiências devem sempre e necessariamente ser submetidas ao crivo da inspirada e infalível Palavra de Deus; e 6) servimo-nos de ferramentas da erudição bíblica, conscientes de que métodos e técnicas, por melhores que sejam, são humanos e, portanto, imperfeitos e

incompletos, pelo que buscamos acima de tudo a iluminação do Espírito Santo (Ef 1.18, 2Pe 1.20).<sup>8</sup>

Esse manifesto elaborado por teólogos pentecostais brasileiros reflete o que vem sendo feito já há algum tempo na outra América. James D. Hernando, teólogo ligado às Assembleias de Deus norte-americanas, professor de Novo Testamento no Seminário Teológico das Assembleias de Deus norte-americanas, por exemplo, fez uma excelente exposição sobre hermenêutica pentecostal.<sup>9</sup> Destacarei aqui, com as devidas adaptações, cinco pontos listados por Hernando para que se tenha uma hermenêutica que seja segura, bíblica e que seja centralizada no autor do texto.

1. *A exegese histórico-gramatical.* Assim como os cristãos históricos, os pentecostais usam o mesmo método histórico-gramatical que outros conservadores evangélicos usam na interpretação. O método serve para descobrir o significado original do autor bíblico por meio do uso e seleção de palavras a partir dele, o que pressupõe a lógica inerente da linguagem (ou seja, a forma como as pessoas normais se comunicam verbalmente). Deve ser mencionado que alguns estudiosos pentecostais modernos influenciados pela crítica literária pós-moderna já se apartaram dessa posição. Em suma, eles duvidam que possamos determinar o significado objetivo de um texto ou a intenção original do autor. Em vez disso, o leitor interage com o texto e determina o seu significado. O sentido extraído não tem que ser derivado ou baseado no que o autor se propôs. No entanto, essa não é a abordagem hermenêutica da maioria dos estudiosos pentecostais hoje.

2. *O papel do Espírito Santo na interpretação.* Possivelmente este é o ponto mais sensível no contexto interpretativo porque pode incorrer em subjetivismos. Aqui deve ser destacado que admitir a participação do Espírito na interpretação não é exclusivo dos pentecostais. Os pentecostais compartilham esse ponto com outros evangélicos conservadores, como demonstrou John Wyckoff em seu livro *Logos e Pneuma: o papel do Espírito na interpretação bíblica*.<sup>10</sup> Wyckoff é um pentecostal que tem tentado articular um papel epistemológico específico do Espírito na interpretação, mas não sugere que essa metodologia está disponível somente a pentecostais.

Ele vê o Espírito como cumprindo o papel de mestre ou assistente ajudando na tarefa. Além disso, estende a influência do Espírito para todo o aprendizado, além da esfera cognitiva ou racional para alcançar conhecimento e compreensão. A obra transcendente do Espírito Santo na hermenêutica, principalmente (mas não exclusivamente) trata com o aspecto volitivo do ser humano. Relaciona-se com a geração de fé, esperança, amor, certeza, confiança, coragem, etc., por meio do conhecimento e do entendimento. Entretanto, o conhecimento vai além da dimensão racional para a experimental, a qual, ainda que incorpore a primeira, ambas se unem e o transcendem. Parece que é isso que o apóstolo Paulo cunhou como uma nova palavra ao lidar com epistemologia cristã — *epignosis* (cf. Ef 1.17). O *epignosis* (“conhecimento” ou “conhecimento verdadeiro”) é um subproduto da revelação que requer uma resposta de fé. A resposta traz um conhecimento e uma compreensão que afeta empiricamente todos os aspectos da personalidade humana: o intelecto, emoção e vontade.

O Espírito Santo opera dentro da mente para fazer a mensagem da Escritura clara e inteligível. Ele apresenta a verdade quando trabalha a dimensão emotiva da psique de uma pessoa para mudar ou afetar a disposição interior do coração. Ele opera em todos os níveis e em todas as esferas da personalidade humana, em entregar a verdade de Deus. Ele trabalha para dar clareza quanto ao curso da garantia de ação em resposta (a vontade) à verdade e exige, e permite uma resposta de fé. Os pentecostais devem procurar, esperar e experimentar a ajuda do Espírito Santo na compreensão das Escrituras. Nesse aspecto, o Espírito Santo jamais irá mostrar algo fora ou além daquilo que Ele mesmo inspirou nas Escrituras.

3. *O papel que o gênero desempenha na interpretação.* O pentecostal vê a narrativa histórica (por exemplo, Atos) como uma fonte para a formulação de doutrina e padrões, e práticas (o que acreditamos e fazer). Evangélicos conservadores reconhecem o valor educativo da narrativa histórica, no entanto, eles se inclinam para as epístolas e outros escritos em prosa, nos quais é mais fácil obter a verdade proposicional. Mesmo alguns pentecostais estudiosos, como Gordon Fee, não são a favor do estabelecimento de uma doutrina normativa pentecostal (por exemplo, línguas como a evidência inicial do batismo no Espírito) com base no testemunho de Atos. Outros estudiosos pentecostais têm argumentado que a teologia narrativa é um



ingrediente essencial em todo o cânon bíblico, Antigo Testamento e Novo Testamento. Por exemplo, Roger Stronstad mostra que a doutrina pentecostal pode ser tirada da narrativa bíblica quando o autor apresenta um modelo visível apontando a sua intenção de ensinar tais doutrinas.

4. *O papel da experiência pessoal.* Enquanto todos os intérpretes, conscientemente ou não, introduzem suas experiências pessoais em suas hermenêuticas, os pentecostais fazem isso consciente e intencionalmente. Contudo, com uma consciência crítica. A experiência pessoal é uma parte essencial do que somos, e contribui para as pressuposições que trazemos para a tarefa de interpretação. Os pentecostais são acusados de não fazer exegese do texto, mas de suas experiências (p. ex., o batismo no Espírito Santo, línguas e outros dons carismáticos do Espírito). A resposta rápida a essa crítica é que os não pentecostais, de uma forma muito semelhante, fazem uma exegese de sua não experiência. Ambos os pentecostais e não pentecostais precisam atravessar a distância que separa a hermenêutica do autor bíblico, e a experiência pessoal faz parte daquela distância. No entanto, a interpretação pentecostal não é mais dependente da experiência pessoal subjetiva que a interpretações dos não pentecostais. Se concluirmos que por trás das palavras da Escritura encontramos a verdade objetiva que está ligada à realidade espiritual, é bastante razoável esperar que a experiência pessoal ateste as alegações da verdade que os autores bíblicos fizeram na Escritura.

5. *História e interpretação.* Tal como acontece com a experiência pessoal, todos os intérpretes apelam para história para validar a verdade bíblica e sua interpretação. Contudo, os pentecostais fazem conscientemente, embora criticamente. Seria realmente estranho acharmos que as Escrituras ensinam que os cristãos devem esperar serem revestidos com a presença e o poder do Espírito para facilitar a sua vida e ministério (At 2.39) e descobriremos que não há registros posteriores na história da igreja de alguém que recebeu o Espírito de uma maneira semelhante à vivida na época dos primeiros cristãos.

6. *Pressupostos teológicos.* Todos os cristãos assumem a tarefa de interpretar as Escrituras com uma variedade de hipóteses e compromissos

teológicos. Os pentecostais acreditam que há uma unidade fundamental e continuidade da ação divina, uma vez que Deus estabeleceu a igreja. Os primeiros pentecostais estavam acostumados a citar a passagem: “Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e para sempre”. No entendimento deles, isso não era consistente com uma eclesiologia dispensacional restringindo os sinais, prodígios, milagres e dons do Espírito como sendo restritas ao primeiro século. Hoje, os pentecostais têm sua teologia pentecostal mais desenvolvida, incluindo algumas perspectivas fundamentais: 1) Deus é um Deus que se revela e deseja expressar a sua presença ao seu povo. 2) Pentecostes é um desenvolvimento escatológico chave na qual o derramamento do espírito sinaliza a chegada de *Eschaton* (At 2.17) e o cumprimento da profecia de Joel (Jl 2. 28-30). Essa conformidade identifica a igreja como o povo da Nova Aliança de Deus, o povo escatológico de Deus, cuja identidade e marca é a vida (2 Co 3), a presença e o poder do Espírito, para dar testemunho de Cristo ressuscitado ( At 1.5-8).

---

<sup>1</sup> Veja uma exposição completa no livro de minha autoria: *Defendendo o Verdadeiro Evangelho*. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

<sup>2</sup> *Conhecimento Judaico*, v. 2, p. 565, conforme citado no livro *Defendendo o Verdadeiro Evangelho*. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

<sup>3</sup> ARMSTRONG, Karen. *Em Nome de Deus*. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.

<sup>4</sup> Conforme citado em *Defendendo o Verdadeiro Evangelho*. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

<sup>5</sup> BOFF, Leonardo. *Tempo de Transcendência*. São Paulo: Sextante, 2000.

<sup>6</sup> *O Mundo de Sofia*. São Paulo: Companhia das Letras.

<sup>7</sup> *Temas de Filosofia*, conforme citado em *Defendendo o Verdadeiro Evangelho*. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

<sup>8</sup> Veja <https://cpadnews.com.br>. Este autor, como integrante da Comissão de Apologética da CGADB, fez parte da equipe encarregada de elaborar esse Manifesto.

<sup>9</sup> HERNANDO, James D. *Diccionario de Hermenéutica: una guía concisa de términos, nombres, métodos, y expresiones*. Springfield, Missouri: Gospel Publishing House, 2012.

<sup>10</sup> WYCKOFF, John W. *Pneuma and Logos the role of the Spirit in Biblical Hermeneutics*. Eugene, Oregon, EUA: WIPF & STOCK, 2010.

## Capítulo 8

# A Sutileza do Enfraquecimento da Identidade Pentecostal

Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados. E apareceram, distribuídas entre eles, línguas, como de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem. (At 2.1-4, NAA)

Irmãos, não quero que vocês estejam desinformados a respeito dos dons espirituais. Vocês sabem que, quando eram gentios, se deixavam conduzir aos ídolos mudos, conforme vocês eram guiados. Por isso, quero que entendam que ninguém que fala pelo Espírito de Deus afirma: “Anátema, Jesus!”. Por outro lado, ninguém pode dizer: “Senhor Jesus!”, senão pelo Espírito Santo. Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos. A manifestação do Espírito é concedida a cada um visando um fim proveitoso. Porque a um é dada, mediante o Espírito, a palavra da sabedoria; a outro, segundo o mesmo Espírito, a palavra do conhecimento. A um é dada, no mesmo Espírito, a fé; a outro, no mesmo Espírito, dons de curar; a outro, operações de milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos. A um é dada a variedade de línguas e a outro, capacidade para interpretá-las. Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas essas coisas, distribuindo-as a cada um, individualmente, conforme ele quer. (1 Co 12.1-11, NAA)

A doutrina da evidência inicial ou as línguas como sinal do batismo no Espírito Santo é um distintivo do avivamento da rua Azusa que foi impresso sobre o pentecostalismo clássico. Na verdade, o que distingue o pentecostalismo clássico de outros “pentecostalismos” é justamente a doutrina da evidência inicial. Para os pentecostais clássicos, que têm nas Assembleias de Deus a sua representante principal, o falar em outras línguas é o sinal físico do recebimento do Espírito Santo.

Convém destacar que no passado o pentecostalismo sempre esteve sob ataque. Hoje não é diferente. Esse ataque vai desde os que consideram os fenômenos pentecostais como falsificação, histeria e até mesmo possessão demoníaca. Alguns outros simplesmente os ignoram por não acreditarem na atualidade dos dons espirituais. Por outro lado, há aqueles que já se deixaram convencer pelos fatos da validade e atualidade dos dons espirituais, contudo, negam que o batismo pentecostal seja evidenciado pelo falar em línguas. Neste capítulo vou expor como os pioneiros viam a doutrina da evidência inicial e como eles a ensinaram.

Convém dizer que a doutrina da evidência inicial ou o sinal do batismo no Espírito Santo é um distintivo das Assembleias de Deus. Nesse aspecto, a doutrina das línguas como evidência aparece em todos os códigos doutrinários das Assembleias de Deus.

Assim,

1. Declaração de Verdades Fundamentais das Assembleias de Deus americanas, 1916:

O batismo dos crentes no Espírito Santo é testemunhado pelo sinal físico inicial de falar em outras línguas conforme o Espírito de Deus lhes dá capacidade de falar. Atos 2.4. O falar em línguas neste caso é o mesmo em essência que o dom de línguas (1 Cor. 12.4-10, 28), mas diferente em propósito e uso.<sup>1</sup>

2. Declaração de Verdades Fundamentais das Assembleias de Deus britânicas, 1924:

O batismo no Espírito Santo, a evidência inicial do qual é o falar em outras línguas. At 2.4; At 10.44-46; At 11.14-16; At 19.6.<sup>2</sup>

3. Doutrinas das Assembleias de Deus Independentes Internacionais — Scandinavian [Independent Assemblies of God International]

O batismo do Espírito Santo é subsequente à regeneração e é evidenciado pelo falar em línguas. O Espírito Santo capacita os crentes a viverem vidas santas.

#### 4. Cremos das Assembleias de Deus no Brasil, 1969

No batismo bíblico com o Espírito Santo que nos é dado por Deus mediante a intercessão de Cristo, com a evidência inicial do falar em outras línguas, conforme a sua vontade. At 1.5; 2.4; 10.44-46; 19.1-6.

Um fato que pode ser observado é que tanto Vingren como Berg quando vieram para o Brasil acreditavam e defendiam a doutrina da evidência inicial. Eles viam o falar em línguas como o sinal do Pentecostes. Se as convicções teológicas de Vingren sobre a glossolalia foram formadas a partir do contexto teológico de Chicago, o mesmo não aconteceu com seu amigo Daniel Berg. A convicção de Berg sobre o fenômeno glossolálico se deu por intermédio de Lewi Pethrus na Suécia. Berg conta que, em 1909, quando em seu retorno à Suécia para passar férias, foi visitar seu amigo de infância Levi Pethrus, que nessa época já havia sido convencido por Barratt de que as línguas eram o sinal ou evidência do batismo no Espírito Santo.

De acordo com ele, sua experiência pentecostal aconteceu no seu retorno à América, algum tempo depois de haver conversado com Pethrus.

Meu melhor amigo [Lewi Pethrus] e companheiro de infância não morava mais em Vargon. Vivia em uma cidade próxima, onde pregava o evangelho. Fiquei sabendo disso através de sua mãe, quando eu a visitei na casa que eu conhecia tão bem, depois de ter transitado por aqueles caminhos tão familiares que eu percorria várias vezes ao dia, quando menino. Por meio daquela informação fiquei sabendo que o meu amigo pregava o evangelho, e eu *ouvi falar também algo novo*: o batismo com o Espírito Santo. A mãe de meu amigo insistiu para que eu fosse visitá-lo, e dentro de mim alguma coisa falou que eu deveria ir. Fiquei muito interessado em conhecer a doutrina do Espírito Santo. Li a Bíblia com muita atenção sobre o assunto, e resolvi visitar o meu amigo de infância. Quando cheguei à igreja, ele estava pregando. Sentei-me e prestei atenção para melhor entender o assunto, que *para mim era novo*. Após o culto, conversamos longamente acerca da doutrina do batismo com o Espírito Santo. Expus ao antigo companheiro de infância meus sentimentos ao que eu tinha ouvido dele e minha intenção de retornar à América. Despedimo-nos e voltei para casa de meus pais. Desejava passar meus últimos dias de férias na Suécia em companhia deles. A partir daquele momento em que conversei com o meu amigo, desejei receber o batismo com o Espírito Santo, e passei a orar para que Deus me batizasse. E o Senhor o fez [...] ao aproximar-me da América do Norte,

Jesus respondeu às minhas orações. As bênçãos divinas vieram sobre mim, e tudo se modificou. O mundo pareceu-me diferente depois que recebi a resposta àquela oração [...] Estava resolvido, a partir daquele momento, a dedicar totalmente minha vida ao Senhor, e a contar aos que desejassem ouvir o que eu recebera de Deus, e que a salvação é para todos aqueles que creem.<sup>3</sup>

Ivar Vingren, filho do pastor Gunnar Vingren, situa a experiência pentecostal de Berg logo após voltar da Suécia, no contexto da Missão da Avenida Norte, Chicago, pastoreada por William H. Durham:

Berg voltou para os Estados Unidos, onde teve contato com Durham, que trabalhava em Chicago. Lá ele foi batizado no Espírito Santo e sentiu que Deus queria que ele viajasse para South Bend para encontrar Gunnar Vingren.<sup>4</sup>

É possível que Ivar Vingren esteja se referindo à experiência pentecostal de Berg a partir de sua manifestação pública, isto é, no contexto congregacional. Nesse aspecto, quando Berg participava da adoração pública, o fenômeno glossolálico se manifestou novamente na sua vida. Para a congregação, era a primeira vez que o fenômeno ocorria, mas para Berg, não, visto que ele já o vivenciara privativamente. Era, portanto, a mesma experiência manifestando-se em tempo e lugar diferentes.

Berg diz por duas vezes em seu texto que enquanto esteve na Suécia ouviu falar sobre algo “novo” — o batismo no Espírito Santo. Sem sombra de dúvida, isso mostra que a convicção teológica de Berg sobre as línguas como sinal ou evidência inicial não se formou a partir do contexto batista sueco de Chicago, mas escandinavo europeu. Depois de ter retornado para a América e participado de uma conferência na cidade de Chicago em 1909, Berg conheceu Gunnar Vingren (BERG, 2018, p.33). Ele conta que Gunnar Vingren lhe contou que “após orar muito, recebera o batismo no Espírito Santo” (p. 34).

O relato da experiência pentecostal de Vingren aparece com detalhes no *Diário do Pioneiro*. Ele conta em uma carta citada no *Diário do Pioneiro*, datada de 1º de abril de 1930 (2018, p.196) que foi instruído por uma irmã sobre o “batismo no Espírito Santo”. Segundo Vingren, também foram algumas “irmãs” quem oraram por ele para que recebesse a promessa. Nesse relato, ele já põe o falar em línguas como distintivo de sua experiência.

No verão de 1909, o Senhor me deu fome pelo batismo no Espírito Santo e fogo. Em novembro daquele ano, pedi permissão à minha congregação para participar de uma Conferência Batista para edificação espiritual. Era para ser realizada na Primeira Igreja Batista Sueca de Chicago. Viajei para lá com a firme determinação de buscar o batismo no Espírito Santo. Bendito seja Deus, após cinco dias de espera, o Senhor Jesus me batizou com o Espírito Santo e fogo. Quando recebi o Espírito Santo, falei em novas línguas, assim como está escrito na Bíblia que isso aconteceu aos discípulos (At 2). A alegria que encheu minha alma era impossível de descrever. Eu sempre o louvarei por me batizar com o Espírito Santo e com fogo. Louvado seja seu Santo nome para sempre!<sup>5</sup>

Ao buscar a promessa pentecostal, Vingren já está convencido de que sua evidência ou sinal físico é o falar em línguas desconhecidas. Isso é explicitado por ele em um artigo escrito em 1919 no jornal *Boa Semente*. Nesse periódico, Vingren deixa clara sua convicção sobre o falar em línguas como a evidência do batismo no Espírito:

a língua estranha é a manifestação mais perfeita e real da evidência do batismo no Espírito Santo, pois que, no momento que o crente recebe o dom do Espírito Santo ele fala em língua que lhe é estranha e desconhecida.<sup>6</sup>

Posteriormente, quando em 1916 visitava a igreja Filadélfia, na Suécia, pastoreada por Lewi Pethrus, Vingren (2018, p. 82) diz que pregou ali que o “falar em línguas é a prova do batismo com o Espírito Santo” e que muitos crentes receberam a promessa. Vingren, portanto, quando veio para o Brasil, já trazia consigo a doutrina da evidência inicial. A pergunta é: como se formou a convicção de Vingren sobre a doutrina do batismo no Espírito Santo com a evidência do falar em línguas?

A convicção de Vingren de que o batismo no Espírito Santo é evidenciado pelo falar em outras línguas foi formada a partir do seu contato com William H. Durham, um metodista wesleyano radicado em Chicago e que teve uma rápida passagem pela igreja batista. Durham foi batizado no Espírito Santo em Azusa em 1907. Assim como Charles Fox Parham e William Seymour, Durham se tornou um defensor radical da doutrina das línguas como evidência do batismo no Espírito Santo.

Por outro lado, a doutrina das línguas como sinal ou evidência do batismo pentecostal chegou à Escandinávia em 1906 e 1907 por intermédio de Anders Johnson, um batista sueco que foi batizado no Espírito em



Azusa, e T. B. Barratt, um metodista norueguês que foi batizado no Espírito Santo em Nova York quando teve contato com a doutrina de Los Angeles. Convém ressaltar que Pethrus não quis transformar a doutrina da evidência inicial em uma questão teológica. Contudo, Vingren foi radical nesse sentido. Pethrus diz:

A questão do falar em línguas como sinal do batismo do Espírito foi muito debatida. Tivemos um representante radical do avivamento pentecostal em Gunnar Vingren, que era do Brasil na época. Ele destacou sobre a necessidade do batismo do Espírito e vigorosamente afirmou as línguas como um sinal disso. Alguns entre nós enfatizaram que era importante não fazermos deste assunto um assunto central e que, acima de tudo, não o tornássemos um assunto teológico.<sup>7</sup>

Essa forte convicção de Vingren de que o batismo no Espírito Santo é sempre evidenciado pelo falar em outras línguas, portanto, é uma herança que ele recebeu de William H. Durham, com quem congregou em Chicago, e não dos batistas suecos radicados nessa mesma cidade.

Durham escreveu:

Quero terminar meu testemunho dizendo a todos que o lerem: esta obra é de Deus, não há dúvida disso. E eu gostaria de aconselhar meus amigos a buscar o batismo no Espírito Santo, até receberem a evidência de línguas, pois sempre elas se seguem. Eu não conheço exceção.<sup>8</sup>

Assim, posteriormente também argumentou:

Queremos agora responder à pergunta: “Qual é a evidência bíblica para o batismo no Espírito Santo?”. Ouvi e li muito do que foi dito e escrito sobre o assunto, e ao fazê-lo tive o cuidado de ouvir e ler tudo o que foi possível contra o movimento e especialmente contra essa verdade. Então algumas razões podem ser apresentadas porque acreditamos que falar em línguas é a prova do batismo no Espírito Santo. Minha primeira razão é que está escrito. Fiquei surpreso ao ler artigos contra esse ponto, pois nenhum dos autores tentou convencer seus leitores a partir do que estava escrito no texto. E em conversa com eles, nenhum deles citou a Escritura para estabelecer sua posição. Devo ser convencido pela Escritura [...]. O Pentecostes: vamos agora observar o que aconteceu quando o Espírito Santo desceu sobre eles [...] não se diz que receberam mais amor ou que receberam um pouco mais de conhecimento das Escrituras, embora saibamos que receberam tudo isso e muito mais, mas se diz: que foram distribuídas [línguas como que de fogo] e pousou sobre

cada um deles e todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem [...]. O Derramamento sobre os gentios. Devemos considerar agora a maneira pela qual o Espírito Santo foi dado na casa de Cornélio (At 10.44-48). O Espírito desceu sobre todos os que ouviam a palavra. Agora algo muito forte e transcendente se segue e me leva a crer que aqueles que estavam com Pedro acreditavam nas línguas como evidência, pois a Palavra diz que: “todos os crentes da circuncisão, que tinham vindo com Pedro, ficaram maravilhados com o dom do Espírito Santo que também havia sido derramado sobre os gentios”. Observe o que se segue. Não é dito: eles receberam mais amor ou que eles tinham mais liberdade para pregar, testemunhar ou orar [...] havia um sinal pelo qual eles sabiam, sem sombra de dúvida, que o Espírito Santo havia caído sobre esses gentios, e o versículo 46 nos conta como eles sabiam disso: “porque os ouviam falar em línguas e louvar a Deus”. Pedro também entendeu isso como sendo o sinal e imediatamente diz que “porventura, pode alguém recusar a água, para que não sejam batizados estes que, assim como nós, receberam o Espírito Santo?” [...] Os efésios. Devemos agora observar como os efésios receberam o Espírito Santo, conforme Atos 19.4-6. Apolo havia ensinado cuidadosamente a eles tudo sobre Jesus, mas Paulo se dirige a eles: “Vocês receberam o Espírito Santo desde que se tornaram crentes?”. Sabendo que eles não o tinham, ele não disse simplesmente para clamar pelo Espírito Santo e então seguir em frente... Paulo impôs as mãos sobre eles, o Espírito veio sobre eles e falaram em línguas e profetizaram.<sup>9</sup>

Vingren e Berg congregaram com William Durham e por ele foram enviados à missão no Brasil. De fato, Gunnar Vingren antes de fazer a sua viagem missionária para o Brasil disse ter sido orientado a procurar William Durham. Vingren (2018, p. 29) escreveu que “antes de iniciarmos nossa longa viagem, tínhamos sido recomendados e enviados a uma igreja pentecostal em Chicago, onde o irmão Durham era pastor”. De acordo com o pastor sueco Paul Ongman (1987, p. 9), Vingren e Berg foram “consagrados para a nova obra na igreja do pastor Durham, em Chicago”.

Foi também inspirado em William H. Durham, de quem herdou a doutrina da evidência inicial, que Vingren batizou a nova igreja em solo brasileiro com o nome “Assembleia de Deus”. Quando se referia à igreja que aqui fundou, ele escreveu:

Chamamo-nos aqui “Assembleia de Deus” (Igreja de Deus), porque consideramos essa palavra bíblica. E, além disso, esperávamos ter um nome, porque nos perguntaram o nome da igreja quando iniciamos nosso trabalho neste país. Já que o irmão William Durham de Chicago, que nos enviou, chamou sua congregação de

“Assembleia de Deus”, então parecia natural para nós nos ligarmos com este nome, não porque queríamos formar uma organização, mas porque era realmente verdade que nós que cremos no batismo do Espírito Santo éramos a igreja de Deus.<sup>10</sup>

É importante destacar aqui que, embora Vingren tenha herdado a doutrina da evidência inicial do pentecostalismo da rua Azusa, ele foi batizado no Espírito Santo numa igreja batista sueca de Chicago. Na verdade, esse despertar entre os batistas suecos de Chicago aconteceu em fevereiro de 1906, dois meses antes do avivamento da rua Azusa, que ocorreu em abril de 1906. Vingren teve contato com o pentecostes entre os batistas suecos de Chicago, mas a sua convicção de que o falar em línguas era a evidência do batismo pentecostal foi formada a partir da rua Azusa. Isso porque os batistas suecos de Chicago, que tinham em J. W. Hjertstrom o seu principal líder, não defendiam por essa época a doutrina da evidência inicial.<sup>11</sup> Hjertstrom cria e defendia a vida cheia do Espírito, inclusive com o falar em outras línguas, sem, contudo, defini-las como o sinal do Pentecostes. Uma explicação para isso está no fato da grande resistência que o fenômeno glossolálico encontrou por parte da liderança entre os batistas suecos de Chicago. De fato, A. A. Holmgren, um batista sueco que vivia nos Estados Unidos, deixa isso claro em seu livro *Pingsttörelsen och dess Forkunnelse*, escrito em 1919. Quando escreveu sobre o avivamento escandinavo na América, Holmgren diz

O Senhor veio a uma ou outra congregação e queria dar sua bênção, mas, pelo que sabemos, nenhuma igreja escandinava (exceto em alguns casos) se abriu totalmente e deu ao Espírito o controle total, o que o impossibilitou de dar bênção completa. No entanto, o reavivamento continuou e, nos últimos anos, várias congregações batizadas no Espírito surgiram com vida e atividade no Novo Testamento, e tudo isso indica que o Senhor terá uma multidão escolhida e preparada quando Ele vier.<sup>12</sup>

Isso explica por que não encontramos Hjertstrom fazendo uma defesa do fenômeno glossolálico com a mesma intensidade que era feita na rua Azusa. Na verdade, suas convicções sobre o falar em línguas foram fortalecidas quando ele visitou a Suécia em junho de 1907. Lá ele teve contato com Carl Hedeén, um batista que vivia na Suécia, que fora influenciado sobre a doutrina da evidência inicial por Anders Johnson, missionário de Azusa na Escandinávia.

Quando Vingren foi batizado no Espírito Santo em 1909, já fazia três anos que o avivamento da rua Azusa chegara a Chicago trazendo a firme convicção de que as línguas sempre evidenciam o batismo pentecostal. Quando Vingren foi participar de uma conferência de avivamento na Primeira Igreja Batista de Chicago, ele já tinha assimilado por intermédio de William H. Durham que as línguas eram a evidência do batismo no Espírito. E foi com essa convicção que ele foi buscar o batismo pentecostal.

Tendo se radicado no Brasil, Vingren e Berg espalharam a doutrina pentecostal das línguas como evidência do batismo no Espírito nos quatro cantos da terra de Vera Cruz. Na verdade, a doutrina das línguas como evidência do batismo no Espírito Santo foi o pilar principal sobre o qual a Assembleia Brasileira foi fundada. As línguas como evidência eram uma prova física da presença do Espírito no crente e a porta para a entrada em outras manifestações do Espírito (At 19.6). Por onde iam, eles faziam discípulos e os ensinavam sobre a necessidade de serem batizados no Espírito Santo com o falar em outras línguas como sinal que o acompanhava.

Em 1950, o jornal *Mensageiro da Paz* publicou um artigo sobre o batismo no Espírito Santo escrito por Gustavo Kessler. Fica claro no artigo de Kessler como a doutrina pentecostal verberada no Brasil por Gunnar Vingren havia se consolidado. Como observou Émile Léonard em seu pioneiro livro *O Iluminismo num Protestantismo de Constituição Recente* (2015, p. 108), esse artigo foi apresentado como uma espécie de “Declaração de Fé”. O artigo foi escrito para alcançar as denominações históricas, as quais Kessler identifica como “irmãos denominacionais”.

Nós crentes das Assembleias de Deus cremos como vós que Jesus é o único e suficiente Salvador; que a salvação é inteiramente pela graça, por meio da fé, em Jesus Cristo. Nós cremos em todas as doutrinas ensinadas por Jesus Cristo e pelos apóstolos e cremos também que “Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e eternamente”. É por isso, somente por isso, que cremos que ele ainda batiza com o Espírito Santo, pois ele ainda é o mesmo. “Porque em verdade João Batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo”. O batismo com o Espírito Santo não é recebido no momento da salvação, nem na hora do batismo nas águas. Os crentes de Samaria eram salvos e batizados nas águas, mas ainda não tinham recebido o batismo com o Espírito Santo (Atos 8.15-16). Os que creram na casa de Cornélio foram salvos e receberam o batismo com o Espírito Santo antes de receberem o batismo nas águas (Atos 10.44). O sinal do batismo com o Espírito Santo é o falar em línguas estranhas; assim como ocorreu no dia de Pentecostes (At

2.4); na casa de Cornélio (Atos 10.48); em Éfeso (Atos 19.6). Em Samaria o mesmo sinal visível houve uma vez que Simão ofereceu dinheiro aos apóstolos; logo vira algum sinal sobre os que eram batizados com o Espírito Santo (Atos 8.19) [...] o batismo com o Espírito Santo não é a salvação; a salvação vem pela fé; mas o batismo com o Espírito Santo é uma bênção advinda da salvação. Aceitar a salvação que Deus oferece e rejeitar ou negligenciar o batismo com o Espírito Santo, que Deus também oferece, não pode deixar de ser uma grande falta que ofende a dignidade do bondoso Pai Celestial. Irmãos denominacionais, vós todos os salvos, buscai o batismo com o Espírito Santo.<sup>13</sup>

A doutrina pentecostal de Vingren fez escola. Sua mensagem foi consolidada. Da pena de nativos, o que ele havia crido no início do pentecostalismo estava sendo proclamado com toda força nos quatro cantos do Brasil. Aquilo que havia começado com um punhado de gente agora já era uma multidão. A identidade pentecostal gerada em Topeka e Azusa, formatada em Chicago, agora estava sendo verberada no Brasil.

---

<sup>1</sup> Artigo 8.

<sup>2</sup> Artigo 6

<sup>3</sup> DANIEL, Berg. *Enviado por Deus: memórias de Daniel Berg*. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p.28-33.

<sup>4</sup> VINGREN, Ivar. *Det Borjade i Pará*, 1994, p. 28.

<sup>5</sup> VINGREN, Ivar. *Diário de um Pioneiro - Gunnar Vingren*. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 25.

<sup>6</sup> VINGREN, Gunnar. *Boa Semente*, nº 1, 1919, p. 1.

<sup>7</sup> PETHRUS, Lewi. *Hanryckningens Tid*, 1954, p. 110.

<sup>8</sup> DURHAM, William. *The Azusa Street Papers*, fev/mar, 1907, p. 140.

<sup>9</sup> Holmgren, A. A. *Pingstroreslsen och dess Forkunnelse*, 1919, p. 240-246.

<sup>10</sup> VINGREN, Gunnar. *Evangelii Harold*, arg. 12, nº 15, 14 april, 1927, p. 191.

<sup>11</sup> Veja o livro *Frojd Den Helige Ande*, de J.W. Hjertstrom, e os vários artigos que ele escreveu no periódico batista sueco de Chicago: *Nya Wecko-posten*, especialmente a edição de julho de 1907.

<sup>12</sup> HOLMGREN, A. A. *Pingstroreslsen och dess forkunnelse*, 1919, p. 39.

<sup>13</sup> KESLLER, Gustavo. *Mensageiro da Paz*, 15 fevereiro, 1950, p. 4.

## Capítulo 9

# A Sutileza do Movimento dos Desigrejados

Portanto, meus irmãos, tendo ousadia para entrar no Santuário, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos abriu por meio do véu, isto é, pela sua carne, e tendo um grande sacerdote sobre a casa de Deus, aproximemo-nos com um coração sincero, em plena certeza de fé, tendo o coração purificado de má consciência e o corpo lavado com água pura. Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel. Cuidemos também de nos animar uns aos outros no amor e na prática de boas obras. Não deixemos de nos congregar, como é costume de alguns. Pelo contrário, façamos admoestações, ainda mais agora que vocês veem que o Dia se aproxima. (Hb 10.19-25, NAA)

**P**or ocasião do censo do IBGE de 2010, os sociólogos detectaram uma percentagem enorme de pessoas, cerca de 9% da população brasileira, que se identificavam como “sem igrejas”. A esse fenômeno os pesquisadores nominaram de “crentes indeterminados”.<sup>1</sup> São pessoas que se dizem cristãs, contudo, não se consideram parte de denominação alguma. O que se observa nesse fenômeno social é que ele não se trata apenas de uma tendência ou modismo do momento, mas de um movimento que nos últimos anos tem crescido e ganhado corpo e forma. Ele intriga os sociólogos e desafia a verdadeira igreja cristã. Dessa forma, o movimento

dos desigrejados constitui-se em um desafio de natureza não apenas social, mas também espiritual.

Os pesquisadores sociais veem, portanto, o desigrejado como alguém que se considera dentro da tradição cristã, contudo, sem possuir vínculo com uma igreja institucional. Nesse aspecto, é alguém que alega gostar de Cristo, mas não da igreja. Acreditam que conseguem ser cristãos verdadeiros fora da igreja. Evidentemente, que há causas mais profundas por trás desse fenômeno do que aquele de natureza meramente social — há uma causa espiritual. Na Parábola do Semeador (Lc 8), Jesus mostra que há razões de natureza espiritual que se tornam obstáculo à entrada e à permanência no Reino de Deus. Evidentemente, que isso também tem relação com a igreja, visto ser ela parte desse Reino. Fica claro nessa parábola que Jesus via fatores que iam além da esfera social por trás da dinâmica do pertencimento ou não do Reino de Deus. Há, portanto, causa de natureza positiva, a Palavra de Deus, que produz inclusão no Reino, e, conseqüentemente, na igreja, como negativa, o Diabo, que cria obstáculos e produz exclusão do Reino e da igreja.

Estou no ministério pastoral há pouco mais de duas décadas. Nesse espaço de tempo, já pastoreei igrejas de diferentes tamanhos e em diferentes cidades. Em todos os lugares que passei, detectei a figura do desigrejado. Há algum tempo fui transferido do pastorado de uma igreja do interior para auxiliar na capital do meu Estado. Ali chegando fui posto pelo pastor presidente para dirigir uma congregação em um dos bairros da área central. As diretrizes que recebi eram claras — a igreja que eu iria assumir precisava ser restaurada. Fui informado que ali houve conflito entre a igreja e o dirigente que me antecedeu e que, por conta disso, muitos já não se congregavam enquanto outros já haviam abandonado a igreja.

As informações eram precisas. Os fatos não haviam sido superestimados. Na minha posse, por exemplo, não havia mais do que quinze crentes e muitos deles pareciam desanimados. Isso parecia ser trágico, visto que aquela congregação era a segunda mais antiga da capital e que recentemente completara quarenta e seis anos de existência. Vi, portanto, que a missão seria dura. Contudo, não me deixei intimidar ou esmorecer. Eu e minha esposa, Maria Regina, nos mudamos de corpo e a alma para dentro daquela comunidade. Reuni os poucos crentes que ali havia e mostrei a nossa proposta de trabalho.



Juntado o povo, mostrei o programa de discipulado que cria o Senhor haver me dado para aquela comunidade. O projeto denominava-se RIAP (Restauração, Integração, Adoração e Proclamação). Tratei de compartilhar a visão. Fiz reuniões para explicar cada um desses termos. Mostrei que primeiramente a igreja precisava ser Restaurada. Disse-lhes que somente uma igreja sadia pode cumprir com eficácia sua vocação (Mt 28.19). Tínhamos, portanto, um alvo que era restaurar os crentes desanimados, apáticos, mornos e espiritualmente fracos (1 Co 11.30; Ap 2.1). A nossa visão era fazer com que cada um sentisse novamente gosto pelas coisas espirituais e, conseqüentemente, pela comunidade da qual faziam parte. Aqui compartilhei também da metodologia a ser usada — visita nos lares, onde se estimularia a oração e leitura da Bíblia; cultos especiais com estudos bíblicos que incentivariam a obra de restauração.

Em segundo lugar, apresentei o que significa o termo Integração. Aqui destaquei que uma casa dividida fatalmente se desmoronará: “Mas Jesus, sabendo o que eles pensavam, disse-lhes: — Todo reino dividido contra si mesmo ficará deserto, e toda cidade ou casa dividida contra si mesma não subsistirá” (Mt 12.25, NAA). Uma igreja desintegrada é uma igreja inoperante. O objetivo nessa fase do projeto era, portanto, além de complementar a obra de restauração anteriormente descrita, solidificar a fé dos crentes por intermédio da Integração. A solidariedade e comunhão de todos os crentes seriam estimuladas, de forma que houvesse companheirismo e amor cristão. “Rogo a Evódia e rogo a Síntique pensem concordemente, no Senhor” (Fp 4.2, ARA). Mostrei que a metodologia estaria subordinada à dinâmica da igreja, isso significava que não haveria uma regra fixa ou inflexível para ser seguida. Todos os crentes se envolveriam naquele projeto. No entanto, foi sublinhado que os crentes teriam um papel importante em identificar os dispersos, bem como integrar os novos convertidos. Palestras específicas mostrariam com todos os detalhes a dinâmica desse processo.

Em terceiro lugar, detalhei o que entendia por Adoração. Mostrei que a igreja seria estimulada a adorar a Deus de uma forma mais comunitária e entusiástica (Jo 4.24; 1 Tm 4.7; Cl 4.2; At 15.25). Ficou bastante claro que a vida devocional seria estimulada. Assim, a participação regular nas reuniões de oração da igreja seria exigida de todos os crentes. Nesse aspecto, trabalhos específicos de oração seriam incentivados, como, por exemplo,

oração por cura, por trabalho, por libertação, etc. Juntando-se a tudo isso estaria a recomendação de uma prática regular de leitura da Bíblia.

Sendo a adoração uma obra do Espírito Santo na vida do crente, o enchimento do Espírito na vida do crente, bem como o exercício de seus dons, foram incentivados (At 2.4, 19.1-6; 1 Co 12.1-8; Ef 5.18). Nesse sentido, a adoração comunitária e coletiva seria estimulada, e o louvor congregacional teria prioridade.

Em quarto lugar, tratamos da Proclamação. Essa parte do projeto mostra que a igreja deve atuar lá fora. Lá onde os pecadores estão (Mt 9.35-38; 28.19). Assim, projetamos:

1. Grupos destinados a alcançar os hospitais;
2. Grupos para presídios, distritos policiais ou delegacias;
3. Grupos de evangelismo pessoal e visita nos lares;
4. Cultos do amigo, em que cada crente procuraria introduzir um amigo no contexto da igreja;
5. Culto do estudante, visando a alcançar todos os estudantes;
6. Trabalho com casais, no qual casais crentes seriam treinados para alcançar outros casais;
7. Evangelismo em massa;
8. Realização de frentes missionárias, nas quais a igreja passaria o dia fazendo assistência social e evangelismo em um local do interior.

Como recomendação complementar para a operacionalização do projeto, disse que cada crente do projeto RIAP deveria se comprometer em participar de todos os trabalhos regulares da igreja, incluindo as reuniões de oração que seriam especificamente criadas para esse fim. Mostramos que seguiríamos também um calendário anual em que essas metas deveriam ser alcançadas. Seriam criados cursos preparatórios e de capacitação para esse fim. O projeto procuraria integrar a nossa comunidade a todas as outras.

Pois bem, esse projeto parecia muito idealista. Contudo, ele não foi apenas implantado, mas, sobretudo, operacionalizado. A igreja recebeu a visão. Não vou dizer que todos os passos mostrados aqui foram cumpridos na sua integralidade ou totalidade, mas o projeto foi desenvolvido a contendo e superou as expectativas. A igreja foi restaurada e integrada,

tornando-se uma comunidade adoradora e proclamadora. Não havia mais lugar para desigrejados.

Algum tempo depois, quando estávamos com um trabalho de discipulado intenso por conta do projeto RIAP, recebemos a visita de duas jovens evangélicas que nos procuraram no final de um culto. Ouviram falar da nossa igreja e queriam saber se as recebíamos como parte dela. Compartilho do pensamento de que a igreja é uma comunidade terapêutica e que, portanto, não pode fechar as portas ou dizer não para ninguém. Afirmei que sim, que as receberíamos. Contudo, disse-lhes que precisava antes saber de onde vinham e por que estavam saindo de lá.

Quando elas expuseram suas razões, vi que não eram justificáveis. Fiquei surpreso com a lista de igrejas que já haviam frequentado. A lista era enorme. Vi que precisava ser realista com elas, pois, se assim não fizesse, nos tornaríamos mais uma igreja a ser acrescida nas suas extensas listas. Falei como era a nossa metodologia de trabalho e como nosso sistema de discipulado exigia compromisso com a igreja local. Deixei claro que se elas quisessem fazer parte da igreja conforme nossa dinâmica de trabalho seriam bem-vindas. Contudo, precisariam vestir a camisa da igreja local onde iriam se congregar. Disseram que voltariam depois. Nunca mais voltaram.

Depois que pastorei aquela comunidade, fui transferido para ser pastor em outras igrejas. Em todas elas implantei um programa de discipulado forte e agressivo. Os resultados sempre foram os mesmos — maior integração e compromisso com a igreja local. Entretanto, vi que a comunidade evangélica, como os instrumentos de pesquisas têm detectado, está, de fato, fragmentada. O número de desigrejados aumenta a cada dia. Vi que em algumas cidades e comunidades isso chega a números alarmantes e a níveis epidêmicos.

Em determinada cidade, vi-me no dever de criar parâmetros para tratar com desigrejados. Isso tinha uma razão de ser. Um crente migratório é alguém que foi mal discipulado e, ao migrar para outra igreja, continuará com o aleijão que o fez sair de sua igreja de origem se o problema não for corrigido. Preocupado com esse rodízio de crentes de outras denominações que chegavam para se juntar a nós, achei por bem esclarecer a esses egressos o que nós criamos e exigíamos. Não estávamos interessados em inchar a igreja com números, mas promover o seu real crescimento. O desigrejado faz a igreja inchar em vez de crescer. Dessa forma, queríamos saber o que ou quais razões estavam levando esses crentes a abandonarem

suas comunidades para se juntarem a nós. Na verdade, eu queria desestimular essa prática que considero nociva para a promoção do verdadeiro evangelho. Portanto, todo crente que vem de uma outra comunidade e quer se juntar a nós precisa responder algumas perguntas: 1) Já foi membro ou congregado de outra igreja Assembleia de Deus coirmã? Quando? Por quanto tempo? Por que está querendo voltar?; Qual igreja frequenta atualmente? É membro ou congregado? Por que está querendo sair?; A quais outras denominações pertenceu e frequentou? Que funções ou cargos exerceu? Por que saiu?; Depois que saiu, já procurou conciliação com sua igreja e pastor? Por que não houve consenso ou acordo?

Esse filtro nos permitiu ver a situação daqueles que queriam congregar conosco de uma forma muito mais completa. Ele não se converteu em um instrumento de exclusão, mas de restauração e integração. Permitiu-nos enxergar quais eram as verdadeiras motivações e aquelas que não possuíam justificativa alguma. Em outras palavras, ajudou-nos a separar o joio do trigo e contribuiu para promover um crescimento verdadeiro, e sem inchaços. Em poucos casos havia justificativa para a adesão. Na grande maioria dos casos, mandei as pessoas voltarem para suas igrejas de origem. As suas motivações eram carnavais, não tendo justificativa bíblica para que as recebêssemos. Em alguns casos, vimos que o desigrejado havia se indisposto com a liderança pastoral porque simplesmente não queria ser submisso. Era um rebelde contumaz. Um colecionador de igreja.

Ao longo de duas décadas de ministério pastoral, tenho procurado seguir alguns passos que acredito que sejam saudáveis para o discipulado cristão e que impedem que a igreja se torne não apenas uma agência receptora de desigrejados, mas, sobretudo, que os fabrique. A porta dos fundos de muitas igrejas é maior do que a de entrada. Isso significa dizer que há igrejas onde o índice de evasão e abandono é muito grande. Nesse sentido, essas comunidades, por conta da falta de discipulado, estão produzindo desigrejados.

Vou expor alguns dos princípios que tenho procurado seguir:

1. *Exposição da Palavra de Deus.* Não acredito em “mágicas” quando o assunto é o discipulado da igreja. Todo processo de maturidade precisa passar pela Palavra. O lavar regenerador do Espírito passa pela Palavra de Deus (Tt 3.5). O pastor precisa dar a Palavra de Deus ao povo. Para isso ele deve, primeiramente, saber manusear a Palavra

(2 Tm 2.15). Uma forma segura e 100% eficaz é promover séries de estudos expositivos da Palavra de Deus. Já houve igreja onde gastei quinze semanas, por exemplo, ensinando expositivamente sobre a vida cheia do Espírito. A igreja quer ver seu pastor pregar a Palavra, e não falar de quem conquistou o campeonato brasileiro. Ela não quer ouvir história da carochinha. Pastor que não expõe a Palavra para a igreja está correndo um grande risco de perder seus membros. Uma ovelha bem alimentada não vê razão para procurar outros pastos. Se ela não tem capim verde em seu aprisco irá à busca de palha seca em outro lugar.

2. *Fomentar a oração.* O pastor precisa saber que muitos crentes gostam de orar. Todo culto precisa, portanto, começar com oração. Principalmente aqueles cultos que são restritos à igreja local. Trabalhos específicos como círculos de oração devem ser estimulados. Toda a igreja deve ser estimulada a orar. Alguém já disse que o trabalho do círculo de oração começou quando a igreja deixou de orar como um todo. Graças a Deus pelos trabalhos dos círculos de oração. É a única coisa viva em muitas igrejas. Contudo, essa responsabilidade não é somente dessas abnegadas irmãs. É de todos nós.
3. *Leitura da Bíblia.* A igreja deve ser estimulada a ler a Bíblia. Se passamos mais tempos nas redes sociais ou em entretenimentos do que na leitura da Bíblia, então algo muito errado está acontecendo. Nós pentecostais inseridos dentro da tradição clássica possuímos uma herança de apego às Escrituras. Viemos de uma tradição pietista em que a leitura da Bíblia era estimulada e requerida. Não era incomum nossos pioneiros saberem de memória centenas de textos bíblicos. Isso acontecia porque eles liam muito a Bíblia.
4. *Capacitação de líderes.* Nenhuma igreja cresce sadiamente se não tiver líderes capazes. Para isso é preciso capacitá-los e reciclá-los. Muitos líderes estão totalmente despreparados para o ministério porque não foram treinados e capacitados. Há líderes que possuem no rol de membros de sua igreja dezenas de pessoas com formação superior. Contudo, ele mesmo não possui nenhuma. Ele fala uma língua

enquanto a membresia fala outra. Não estou dizendo aqui que o líder deve cair em academicismos para se tornar relevante, mas que ele procure se apresentar a Deus como obreiro que não tem de que se envergonhar, e isso inclui seu processo educativo. Não se justifica mais em pleno século XXI, com a modalidade de educação à distância disponível, que o líder não saiba nem mesmo o vernáculo.

5. *Investimento na EBD.* Estou consciente de que a Escola Dominical vive uma crise. Contudo, estou 100% convencido de que essa é uma crise de liderança. Se o líder ou pastor não gostar de EBD, quem irá gostar? Se o pastor não incentiva a EBD, quem vai incentivar? Se o pastor não vai à EBD, quem irá? Sou fruto da Escola Dominical. O que tenho hoje na identidade pentecostal foi formado nos bancos da EBD. Portanto, não estou superestimando o papel da Escola Dominical. Como pastor, já me conscientizei de que a Escola Dominical é a maior agência discipuladora e formadora do caráter cristão que existe. Os líderes que desprezam a Escola Dominical estão dando “um tiro no próprio pé”. Vão ter a curto e longo prazo problema com o crescimento da igreja. Suas igrejas incharão em vez de crescer.

6. *Descentralização.* Nosso modelo de governo assembleiano é episcopal, o que significa dizer que é centralizado. Não estou dizendo que isso é mal em si. Convém dizer que nenhum modelo de governo atualmente adotado pelas igrejas evangélicas, quer presbiteral, quer congregacional, quer episcopal, seja de fato totalmente bíblico. Todos têm acertos e erros. Contudo, mesmo com a forte centralização, o nosso sistema episcopal possui mecanismos que nos permitem promover um crescimento sadio da igreja. O mais eficaz deles, a meu ver, é dar mais autonomia aos liderados. Um líder que centraliza tudo em torno de si com certeza fracassará. Os liderados não desenvolverão seus talentos e conseqüentemente a igreja não crescerá. O líder deve agir como um orientador, e não um controlador. É preciso saber que ele delega responsabilidades. Sempre procurei treinar líderes e delegar a eles responsabilidades.

Não há “mágica” no processo de crescimento da igreja. Nada do tipo: “Faça em trinta dias” funcionará. Todo processo de discipulado custa caro. Uma igreja sadia crescerá quando o crente sabe qual é seu lugar no Corpo de Cristo e age para

promover o seu crescimento. Um discípulo é alguém que aprendeu o processo e é capaz de repassar a outro o que aprendeu. Se ele não é capaz de ensinar o que recebeu, então não houve discipulado. A igreja, portanto, é um corpo e seu crescimento deve acontecer de forma harmônica e envolvendo todos os membros.

---

<sup>1</sup> TEIXEIRA, Faustino. *Religiões em Movimento*. Petrópolis: Vozes, 2010.

## Capítulo 10

# A Sutileza contra a Prática da Mordomia Cristã

E Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho. Ele era sacerdote do Deus Altíssimo. Ele abençoou Abrão e disse: “Abrão seja abençoado pelo Deus Altíssimo, que criou os céus e a terra. E bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os adversários de você nas suas mãos”. E Abrão deu a Melquisedeque o dízimo de tudo. Então o rei de Sodoma disse a Abrão: — Dê-me as pessoas e fique com os bens para você. Mas Abrão lhe respondeu: — Juro pelo Senhor, o Deus Altíssimo, que criou os céus e a terra, que nada tomarei de tudo o que é seu, nem um fio, nem uma correia de sandália, para que você não diga: “Fui eu que enriqueci Abrão”. Nada quero para mim, a não ser o que os rapazes comeram e a parte que toca a Aner, Escol e Manre, os homens que foram comigo; que estes fiquem com a parte deles. (Gn 14.18-24, NAA)

### *Maria Antonieta*

É uma serva de Deus que há pouco tempo se tornou membro da nossa igreja. Ela foi alcançada pela ação missionária que realizamos. É esposa, mãe e mora em um dos bairros mais pobres da cidade. Seu marido ainda não se converteu e nem tampouco conseguiu deixar o vício do álcool. Antonieta vive em situação de extrema pobreza. Lembro-me quando fui



visitá-la pela primeira vez. Aconteceu numa tarde quando eu e outro obreiro da igreja fomos até lá para deixar alguns donativos.

Quando vi a residência de Antonieta fiquei perplexo. A casa estava em ruínas. As paredes eram escoradas e o teto estava para cair. Pedi permissão para entrar a fim de ter uma visão melhor do estado de penúria daquela casa. Assim que entrei, vi que o teto parecia mais com uma peneira. Havia dezenas de telhas quebradas. Na verdade, as telhas eram feitas artesanalmente e haviam sido doadas por alguém. “Meu Deus, falei comigo mesmo, como pode uma família viver em uma casa assim?” Perguntei como ela e a família conseguiam viver naquela casa quando chovia. Sua resposta foi de cortar o coração. Ela me disse que quando começava a chover, ela e a família ficavam mudando de canto em canto da casa. Fiquei estupefato com sua sinceridade e simplicidade.

Imediatamente, procurei o responsável pelo departamento de obras da igreja e informei-lhe que iríamos fazer uma casa para Maria Antonieta e sua família. Os recursos viriam dos dízimos e ofertas da igreja. Disse que isso deveria ser logo, já que aquela família não tinha mais tempo para esperar por outra chuva. Compramos telhas, tijolos, madeira de alvenaria, portas e janelas, e em quinze dias fizemos a casa daquela irmã. Nossa irmã nunca mais dormiu ao relento.

## *Eduardo Miranda*

Conheci Eduardo Miranda quando fazia visita em uma das congregações da cidade onde eu pastoreava. Vi logo que ele e sua esposa eram pessoas pobres. Na verdade, paupérrimos, eles não tinham onde morar. Soube que moravam em um barraco de lona improvisado. Anunciei à igreja que iríamos fazer uma casa para a família de Eduardo.

Assim como no caso de Maria Antonieta, os recursos viriam dos dízimos e ofertas da igreja. Algumas vozes discordaram porque alegavam que ele não se firmava na fé, pois era usuário de drogas. Mostrei à igreja que a nossa ajuda ao necessitado não deve acontecer por que esperamos receber algo em troca. Ele estava frequentando a igreja e precisava de socorro urgente. Pouco mais de um mês depois, Eduardo e sua família estavam debaixo de uma casa totalmente nova.

## *Carmem Lúcia*

Conheci Carmem Lúcia logo que tomei posse na igreja da cidade na qual ela morava. Uma mulher de um poderoso testemunho cristão. Era uma pessoa simples, de poucas letras, mas profundamente comprometida com a oração. Via-a contar, certa vez, como Deus a curou de uma depressão profunda sem que houvesse a necessidade ajuda de um profissional de psicologia e nem de medicamentos. Foi, de fato, um milagre e até hoje permanece curada. Contudo, percebi que Carmem era uma mulher que tinha muitas dificuldades financeiras. Seu esposo possuía uma pequena banca no mercado onde vendia alguns legumes e verduras. Era somente para sobreviverem. Soube que estavam endividados e não tinham como pagar. Vendo que eram pessoas sinceras, profundamente comprometidas com a igreja e que estavam em falta com seus compromissos por conta da crise financeira que atravessaram, informei que a igreja iria ajudar a quitar suas dívidas.

Foi o que fizemos. Contudo, queríamos fazer mais por aquele casal. Descobrimos que eles haviam ganhado um terreno de um parente, mas não tinham condições de construir uma casa. Informei-lhes que a igreja iria construir a casa. Três meses depois, aquela família estava na sua nova residência. Tudo isso graças aos dízimos e ofertas dos crentes.

## *Camila Alvarenga*

É uma jovem da nossa igreja. Recentemente, ela teve de acompanhar o seu irmão em um hospital onde seria submetido a um tratamento cirúrgico. Um dia fui procurado por Camila e percebi que estava ansiosa e um pouco tímida. Ela disse que queria pedir ajuda, pois havia gastado todas as economias durante a internação do seu irmão e agora tinham ficado sem dinheiro para comprar os remédios. A igreja pagou os remédios do irmão de Camila e outras despesas por conta do tratamento. Mais uma vez, os dízimos e ofertas permitiram que agíssemos assim.

## *Mateus Albino*

É membro de nossa igreja e congrega em um dos bairros de nossa cidade. Um homem vigoroso e fiel a Deus. Certo dia, fui informado pelo obreiro

daquela área que Albino ficara gravemente doente e não tinha condições de pagar o tratamento nem tampouco os exames solicitados. Levei o caso perante a igreja e informei que iríamos custear todas as despesas de seu tratamento médico. Foi o que fizemos. Albino foi restabelecido. Pouco tempo depois, ele fez um culto de ações de graças na sua residência. Em suas palavras de gratidão, Albino disse emocionado que estava maravilhado com a forma como a igreja o ajudou. Tudo isso só foi possível porque temos fiéis dizimistas no rol de membros da igreja.

Esses são apenas alguns exemplos de como os dízimos e ofertas da igreja podem abençoar uma pessoa ou família. Estou certo de que há homens de Deus que estão fazendo muito mais do que isso que contei aqui. Convém dizer que ações como essas não estão condicionadas a acontecer somente em igrejas que possuem um grande orçamento. Todos os casos narrados aconteceram em igrejas pequenas ou de médio porte que não possuíam grandes receitas. Na maioria das vezes, o orçamento era apertado em todas elas. Acredito que se formos fiéis a Deus na igreja que pastoreamos, independentemente do seu tamanho, Deus irá nos abençoar. Para mim, uma igreja que tem 50 ou 200 pessoas no seu rol de membros é tão importante quanto uma que possui cinco ou vinte mil. Devem ser administradas com o mesmo zelo, transparência e seriedade. Quem não é fiel no pouco, também não será no muito. Deus sempre abençoa aqueles que são fiéis a Ele, quer seja em grandes, quer seja em pequenas igrejas.

Pois bem, em 2012, escrevi uma lição bíblica tratando da verdadeira prosperidade do crente. Alguns acharam que na época fui duro demais nas críticas que fiz à Teologia da Prosperidade. Na verdade, a crítica fora feita à teologia da barganha. No contexto no qual vivíamos, a forma incisiva como o texto foi escrito era completamente justificável. Os grandes pregadores da TV não apenas fomentavam a avareza dos cristãos como os exploravam por meio de seu articulado sistema de arrecadar ofertas.

Os dízimos, ofertas e votos que eram feitos a Deus no Antigo Testamento jamais devem ser interpretados como uma prática de barganha. A ideia de que Deus nos dará algo em troca ou que Ele agora é devedor, ficando na obrigação de pagar tudo que nos deve, porque como dizimistas nos candidatamos a receber as bênçãos sem medida, caracteriza sem dúvida alguma a prática da barganha. O barganhista faz esperando receber algo em troca. Ele condiciona a sua fé em Deus ao cumprimento dos seus desejos. Em outras palavras, se Deus fizer o que o barganhista pede ou

necessita, então ele, em contrapartida, também fará o que prometeu a Deus.

Um dos textos bíblicos muito usados para justificar essa prática é Gênesis 28.10-22, quando Jacó fez um voto ao Senhor. Uma leitura equivocada do hebraico original está por trás desse erro de interpretação. Clyde T. Francisco (1987, p. 277), erudito em Antigo Testamento, observa que: “é muito mais razoável traduzir voto, como o hebraico permite, de forma que: “o Senhor será o meu Deus”, seja parte da prótase (a cláusula “se”): “Se Deus for comigo... me guardar... me der... e o Senhor for o meu Deus, então esta pedra...”. Por outro lado, o comentarista bíblico Warren W. Wiersbe (2008, p. 161), acrescenta que:

o “se” que aparece em várias traduções no versículo 20 também pode ser entendido como “uma vez que”. Jacó não estava negociando com Deus; estava afirmando sua fé em Deus. Uma vez que Deus havia prometido cuidar dele, ficar com ele e levá-lo de volta ao lar em segurança, Jacó afirmaria sua fé em Deus e buscaria adorá-lo e honrar somente ao Senhor.<sup>1</sup>

Essas explicações são necessárias porque nos permitem ver as bênçãos de Deus, decorrentes de nossa fidelidade, como devem ser vistas, isto é, sem aquela ideia de troca tão comum em muitas igrejas neopentecostais! Nas Escrituras, portanto, é possível verificar que as bênçãos de Deus alcançam os dizimistas e ofertantes:

## ***1. Multiplicação***

Observamos que as duas alianças demonstram que Deus reconhece e recompensa a fidelidade do seu povo. Quando o crente é liberal em contribuir com o Reino, uma consequência natural do seu gesto é a bênção da multiplicação dada pelo Senhor, que promete derramar bênçãos sem medida e fazer abundar em toda graça a graça (Mt 3.10; 2 Co 9.6-10). Paulo reconhece que a generosidade dos crentes é como sementes que estão sendo plantadas e são vistas por Deus como atos de justiça. Essa semente que foi plantada em solo fértil não apenas crescerá, mas será multiplicada pelo Senhor.

## 2. *Proteção*

Não há dúvidas de que uma das necessidades básicas do ser humano é a de ser protegido. Proteção tanto na vida pessoal como na profissional. As Escrituras revelam que Deus se interessa e cuida da proteção dos seus filhos. A Bíblia também mostra que essa bênção da proteção está sobre os negócios do crente que é generoso em contribuir com seus bens para a causa de Deus (Ml 3.11). O profeta Ageu denunciou a infidelidade do povo no Antigo Testamento e responsabilizou-a como a causa da falta de prosperidade entre o povo (Ag 1.3-11). Por outro lado, lemos no livro de Êxodo que uma das bênçãos de Deus sobre o seu povo era a proteção contra as doenças (Êx 15.26). Havia, portanto, uma bênção específica concernente à saúde! Todavia o texto é claro em condicionar essa bênção à obediência aos mandamentos de Deus e à guarda de todos os seus estatutos (Êx 15.26). É lógico que a prática do dízimo como uma das leis do código mosaico estava incluída na observância desses preceitos.

## 3. *Restituição*

As Escrituras mostram que o Senhor é um Deus de restituição (Nm 5.7). Israel como uma sociedade de economia agrícola tinha suas lavouras constantemente atacadas por pragas que as devoravam. A Bíblia mostra essas pragas como sendo gafanhotos em diferentes estágios de desenvolvimento. A consequência natural dessa invasão de insetos era a destruição da plantação. Para que a nação sobrevivesse, era necessário a restituição feita por Deus daquilo que havia sido perdido (Jl 1.4; 2.25; Na 3.16). Malaquias associa o devorador como aquele “que consome o fruto da terra” (Ml 3.11). A referência aplica-se num primeiro plano às pragas de gafanhotos já citadas e em um segundo plano a toda ação do mal sobre o povo.

## 4. *Provisão*

No Antigo Testamento, Deus prometeu “derramar bênçãos sem medida” sobre o seu povo (Ml 3.10). Na Nova Aliança, Ele deseja que o crente tenha “ampla suficiência” (2 Co 9.8). A prosperidade bíblica é viver na suficiência de Cristo (2 Co 3.5; 9.8). Essa suficiência é vista como sendo a provisão de

Deus para seus filhos. Deve ser lembrado, no entanto, que essa suficiência não deve ser confundida simplesmente com a aquisição de posses materiais, e sim ter na vida material o necessário para viver com dignidade e na espiritual paz com Deus (Fp 4.11; 2 Ts 3.16). Por toda a Escritura observamos o cuidado do Senhor no sentido de prover para o seu povo aquilo que é necessário para o seu viver. Quando nos conscientizamos de que estamos honrando o Senhor com nossos dízimos e ofertas, Ele derrama sobre nós sua provisão. Vimos, pois, que a prática dos dízimos e ofertas sempre esteve presente na história do povo de Deus. Evidentemente, fica para nós o princípio de que somos abençoados não porque contribuímos, mas contribuímos porque já somos abençoados. Deus reconhece a voluntariedade do crente em contribuir para o seu Reino e por graça e misericórdia derrama sobre nós suas muitas e ricas bênçãos.

Devemos dizer que Deus quer que o cristão seja abençoado e próspero. Não há nas Escrituras uma “miséria” como bênção. A miséria está associada à entrada do pecado no mundo. Contudo, deve ser destacado que ser pobre não é pecado nem tampouco sinal do juízo divino. É bem verdade que as Escrituras mostram que em certos casos, Deus retém sua mão. Quando isso acontece é para correção de um comportamento errado de nossa parte. É uma ação que está associada, portanto, a alguma forma de disciplina. Por outro lado, convém destacar que as Escrituras condenam que na busca da prosperidade se procure barganhar com Deus. Devemos nos conscientizar de que nenhuma moeda de troca tem valor para Deus. Todas as bênçãos que alcançamos ou venhamos a alcançar foram conquistadas por Cristo. Sem o calvário não teríamos direito a nada. Cristo é o único mérito de Deus em nosso favor.

Neste capítulo, portanto, vou tratar da questão dos dízimos e ofertas tomando por base as mesmas diretrizes que usei anteriormente em outros textos. Preceitos e normas mudam, contudo, princípios não mudam. Eles valem para todos os lugares, todos os povos e em todas as épocas. Estou certo de que ao escrever sobre dízimos e ofertas me exporei a críticas. Contudo, não pauto o meu ministério pelo que os outros acham, mas por aquilo que creio firmemente ser fundamentado na Palavra de Deus. Não vou responder por outros que não agem com sinceridade nem transparência na administração da igreja. No que toca a mim, tenho me esforçado para não ser reprovado pelo meu Senhor.

Tenho a convicção de que jamais vamos ter 100% de dizimistas e ofertantes na igreja. Mesmo que falemos disso todos os dias. Pessoas infiéis, mesquinhas e avarentas existem em toda parte. Estou também consciente de que os não dizimistas de uma igreja são aqueles que mais cobram da igreja e do pastor. Murmuradores jamais vão acabar. Aham motivos para reclamar de tudo. Alegam que eles mesmos vão administrar seus próprios recursos porque, segundo eles, o pastor não saberia fazer isso. Não fazem uma coisa nem outra. A avareza não os deixa fazer. Esse tipo de gente joga no time dos desigrejados.

Estou certo de que a vida de um pastor deve ser um exemplo para os crentes verdadeiramente fiéis de que eles devem ser bons mordomos de Deus, inclusive nos dízimos e nas ofertas. Quando deixei o meu emprego em uma repartição federal e minha esposa fechou o seu consultório de odontologia para que eu fosse pastorear uma igreja longe de nossa cidade foi porque acreditamos que Deus é fiel e galardoa a quem o serve com fidelidade. Isso já faz mais de vinte anos. São mais de duas décadas que renunciamos a tudo pelo Senhor. Em todos esses anos, nada tem nos faltado nem tampouco perdemos nada. Podemos dizer sem sombra de dúvidas que temos um ministério abençoado. Vale a pena ser fiel.

## Preceitos e Princípios

Antes de tratarmos dos princípios e normas que devem direcionar a mordomia de um cristão, convém dizer que nem todas as igrejas adotam ou possuem os mesmos modelos de mordomia. Mas o que deve ficar claro é que uma pessoa, ao aceitar voluntariamente fazer parte da membresia de uma igreja, deve ficar consciente de como aquela igreja pratica a mordomia cristã. Deve saber, por exemplo, como o estatuto de sua igreja especifica os deveres de cada membro, inclusive na questão de contribuição financeira.

O que não pode é o crente aceitar fazer parte de uma comunidade que tem entre seus princípios e normas receber dízimos e ofertas de seus membros, e se recusar a cumprir o que antes havia prometido fazer. Isso porque por ocasião do batismo as igrejas costumam perguntar aos batizando se estão dispostos a seguir a orientação e as diretrizes dadas pela igreja. Ninguém é obrigado ou constrangido a fazer parte de igreja nenhuma. Toda adesão a uma determinada igreja e denominação deve ser feita de forma voluntária. Contudo, ao fazermos parte de uma igreja,

devemos estar conscientes de que temos não apenas direitos, mas também deveres. O estatuto de nossa igreja diz, por exemplo, que são direitos dos membros:

receber orientação e assistência espiritual; participar dos cultos e demais atividades desenvolvidas pela Igreja; tomar parte das Assembleias Gerais ordinárias e extraordinárias; votar e ser votado, nomeado ou credenciado.

Por outro lado, é estatutário também o cristão cumprir com seus deveres:

cumprir o Estatuto, bem como as decisões ministeriais, pastoral e das Assembleias Gerais; contribuir, voluntariamente, com seus dízimos e ofertas[...] para as despesas gerais da Igreja, atendimentos sociais, socorro aos necessitados, missionários, propagação do evangelho, empregados a serviço da Igreja e aquisição de patrimônio e sua conservação.

Se essa parte dos deveres dos crentes descritas não fosse observada pela membresia da igreja, jamais faríamos as obras sociais que destaquei. Foram os dízimos e ofertas de gente simples, mas que acredita na graça de dar, de contribuir, que podemos fazer alguma coisa pelos necessitados. Aqueles que vivem a procurar texto-prova para não serem dizimistas já foram pegos pelo espírito de avareza há anos. Estão aprisionados e tudo o que conseguem fazer é criticar. Que Deus se apiede da alma deles.

Pois bem, vamos aqui destacar alguns princípios que acredito governarem a nossa mordomia dos dízimos e ofertas.

*Em primeiro lugar, quando dizimamos e ofertamos, estamos reconhecendo a soberania e a bondade de Deus.*

Um dos princípios básicos da prática do dízimo é o reconhecimento de que Deus é soberano sobre todas as coisas. Tudo vem dEle e é para Ele (Ag 2.8). Quando o crente devolve a Deus o seu dízimo, demonstra que reconhece o Senhor como a fonte de todas as coisas. À saudação de Melquisedeque: “Bendito seja o Deus Altíssimo”, respondeu Abraão dando-lhe o dízimo (Gn 14.20). O princípio da devolução do dízimo demonstra que somos dependentes de Deus. É lamentável que alguns crentes ignorem esse fato e ajam como se as suas conquistas materiais fossem apenas mérito de seus esforços (Jz 7.2).

*Em segundo lugar, quando dizimamos e ofertamos estamos reconhecendo o valor do próximo.*



Deuteronômio registra que havia um tipo de dízimo que deveria ser repartido entre os pobres (Dt 14.28,29; 26.12-15). Esse “dízimo comunitário” devia ser praticado a cada três anos. O propósito é mostrar apreço pelos menos favorecidos. Inclusive, há uma promessa de a bênção do Senhor estar sobre todas as atividades de quem cumprir esse preceito.

*Em terceiro lugar, quando dizimamos e ofertamos, estamos nos expondo às bênçãos de Deus.*

Tanto o Antigo como o Novo Testamento demonstram que Deus reconhece e recompensa a fidelidade do seu povo. Quando o crente é liberal em contribuir para o Reino de Deus, uma decorrência natural do seu gesto é a bênção da multiplicação dada pelo Senhor. Deus promete derramar bênçãos sem medida e fazer abundar em toda graça (2 Co 9.6-10). Malaquias relaciona a prosperidade do povo de Israel à devolução dos dízimos e das ofertas (Ml 3.10,11). O mesmo princípio é destacado em o Novo Testamento quando Paulo diz que Deus é poderoso para fazer abundar em toda graça aqueles que demonstram voluntariedade em contribuir para o Reino de Deus.

O vocábulo dízimo quer dizer “a décima parte”. No contexto bíblico, refere-se àquilo que é devolvido ao Senhor, quer em dinheiro, quer em produtos e bens (Pv 3.9). Já a oferta tem o sentido de contribuição voluntária. O que deve ficar claro é que a Lei mosaica não criou as práticas do dízimo ou das ofertas, mas apenas deu-lhes conteúdo e forma por intermédio das diversas normas ou leis que as regulamentaram. Tal verdade fica patente ao constatar que o ofertar já era uma prática observada nos dias de Abel (Gn 4.4), e que o dízimo já era praticado pelos patriarcas (Gn 14.20; 28.22). No período mosaico, o dízimo aparece como preceito de um princípio já existente no período patriarcal. Os preceitos mudam e até desaparecem, todavia, os princípios são imutáveis e permanentes. De acordo com a Lei de Moisés, os dízimos deveriam ser entregues aos sacerdotes para a manutenção do culto e para o sustento dos levitas já que estes não tinham posse em Israel (Nm 18.20-32).

Há aqueles que supõem que a prática do dízimo estava restrita ao Antigo Testamento. Esses precisam entender que a natureza e os fundamentos do culto não mudaram. Mudou apenas a forma e a liturgia, mas não a sua função: a adoração a Deus deve ser em espírito e verdade! O culto levítico com seus rituais já não existe. Todavia, o princípio da adoração continua o mesmo (1 Pe 2.9). O dízimo levítico pertencia à ordem de Arão, que era

transitória. Entretanto, o dízimo cristão pertence à ordem de Melquisedeque que é eterna e, portanto, anterior à Lei de Moisés (Hb 5.10; 7.1-10; Sl 110.4). Jesus não veio ab-rogar a Lei, mas cumpri-la (Mt 5.17). Ele não apenas reconheceu a observância da prática do dízimo, mas a recomendou (Mt 23.23). Nas Epístolas, Paulo faz referência ao dízimo levítico para extrair dele o princípio de que o obreiro é digno do seu salário (1 Co 9.9-14; Lv 6.16,26; Dt 18.1). Se o apóstolo não reconhecesse a legitimidade da prática do dízimo, jamais teria usado esses textos do Antigo Testamento.

---

<sup>1</sup> Vali-me neste capítulo de alguns textos do meu livro *A Prosperidade à Luz da Bíblia* (Rio de Janeiro: CPAD, 2011).

## Capítulo 11

# A Sutileza das Mídias Sociais

Pouco mais de duas décadas são passadas desde a exibição do filme *Matrix*. Quando estreou em 1999, ninguém previa que o longa metragem americano seria um sucesso de bilheteria. Nem mesmo a mente mais otimista poderia prever que o filme alcançaria a cifra milionária de mais de 400 milhões de dólares em bilheteria. Ainda consigo lembrar que, antes de sua estreia, em maio de 1999, um dos famosos periódicos semanais brasileiros trouxe uma pequena resenha crítica sobre a estreia do filme. O crítico de cinema que fez aquele texto dizia que a película teria tudo para ser um fracasso. Segundo ele, o filme abusava dos efeitos visuais e mostrava uma realidade que não existia.

Tão logo o filme começou a ser exibido nos cinemas, e posteriormente na TV aberta, ficou meridianamente claro que as previsões negativas de um já previsto fracasso não se confirmariam. O que fez os críticos se enganarem com essa ficção científica? O que levou essa produção cinematográfica a obter tanto sucesso de bilheteria? Os críticos não se deram conta de que *Matrix* estava inaugurando uma nova era na qual o mundo digital reinaria de forma absoluta. Mesmo tendo sido lançado em um contexto em que a telefonia analógica ainda reinava soberanamente, *Matrix* se antecipou em mostrar o que viria pela frente — um mundo governado pelas máquinas digitais.

Para mim, que nasci na segunda metade dos anos 1960, a ficção científica exibida nas TVs já era algo fenomenal. Ainda lembro com precisão que eu e um grupo de amigos, todos adolescentes e jovens, nos longínquos anos 1980, costumávamos nos deslocar nas sextas-feiras, à noite, para a casa de outro amigo para assistir a filmes de faroeste. Naquele tempo, os aparelhos de TVs eram mui raros e eram quase que na sua totalidade em preto e branco. Para nós, a TV em cores só viria mais tarde. Conforme a tecnologia foi avançando, a telefonia celular apareceu timidamente nos anos 1990. Contudo, a tecnologia das redes móveis ainda era analógica e os recursos de transmissão de dados eram muitos limitados.

Vou narrar algo que vivi nesse contexto e como isso mostra o quão diferente destes nossos dias era a aquela época. Ainda tenho comigo um exemplar do dicionário de grego de Isidro Pereira e uma gramática também de grego de Antonio Freire. Ambas as obras são dedicadas ao ensino da língua grega clássica. Tive contato com essas obras pela primeira vez quando ingressei no Seminário Batista de Teresina, em 1988, para fazer o bacharelado em Teologia. Foi na biblioteca daquela instituição teológica que me deparei com aquelas obras literárias. Verifiquei que eram distribuídas pela livraria Apostolado da Imprensa e Davi Livros, que ficavam em Porto, Portugal. Para minha tristeza, aqui no Brasil não havia nenhuma livraria que vendesse aqueles livros.

Tendo as línguas bíblicas logo despertado o meu interesse, procurei ver uma maneira de entrar em contato com aquela editora. Escrevi uma carta querendo saber da possibilidade de adquirir aqueles livros. Demorou uma eternidade para eu receber a resposta. Contudo, algum tempo depois, recebi uma carta da editora lusitana. A editora me informou que tinha os livros à venda, porém, como envolvia moedas diferentes, para que seu envio se tornasse possível, eu deveria procurar o Banco do Brasil e comprar uma fatura proforma para que a transação fosse efetivada. Aquele documento bancário tornava possível converter a moeda brasileira numa estrangeira. Foi então que me desloquei para Teresina, capital do Piauí, distante cerca de 40 quilômetros da minha cidade, Altos, para procurar a agência daquela instituição financeira. Chegando à agência central do Banco do Brasil em Teresina, logo fui atendido por um funcionário que fez a conversão das moedas e me deu uma cópia da famosa fatura proforma. Os valores eram bastante elevados. Somando o preço dos livros, as despesas de envio pelos Correios, bem como as taxas de conversão bancária, o total ficou o

equivalente a meio salário-mínimo. Quando recebi essas obras literárias, escrevi do lado de dentro da capa: “Custou 1/2 salário mínimo”.

Hoje, graças à tecnologia digital, é possível fazer esse tipo de transação de forma bem simples. Exemplificando. Recentemente escrevi um livro sobre o movimento de línguas no antigo pentecostalismo e precisei de bibliografia especializada, em especial fontes primárias dos primeiros anos do movimento. Por intermédio do Google, descobri obras raríssimas na Europa e Estados Unidos que haviam sido escritas pelos pioneiros do movimento. Por meio de um rápido cadastro feito *on-line* em *sites* de venda, pude fazer o pedido dessas obras. Não demorou mais do que trinta dias para ter essas obras em mãos. Outras vezes usei o Kindle, um aplicativo que torna possível a leitura no formato digital, para ter outras obras instantaneamente à minha disposição.

Pois bem, *Matrix* mostrou que aquilo que havia começado apenas como uma tendência nos anos 1990 logo ganharia corpo e forma e se tornaria uma realidade presente no dia a dia de cada um de nós. A tecnologia digital avançaria e ocuparia todos os espaços da vida pública e privada. No entanto, tudo isso só se tornou possível graças à rede mundial de computadores, a internet. A *web* é, sem dúvida alguma, uma das maiores invenções criadas pela mente humana.

Sobre a evolução da tecnologia digital, Tom Chatfield escreveu em 2012:

Vivemos num tempo de milagres tão corriqueiros que se torna difícil enxergá-los como algo que está além do curso normal das coisas [...] O ritmo com que essas mudanças ocorrem é também sem precedentes. A televisão e o rádio foram inventados há cerca de um século; a prensa há mais de quinhentos anos. Em apenas duas décadas, no entanto, fomos da abertura da internet para o público geral à marca de mais de 2 bilhões de pessoas conectadas; e passaram-se apenas três décadas desde o lançamento do primeiro sistema comercial de celular até a conexão de mais de 5 bilhões de usuários ativos. Essa rede global inteligente deverá, no futuro, conectar-nos não apenas a outras pessoas, mas aos objetos de nosso dia a dia de carros e roupas a comidas e bebidas. Por meio de chips inteligentes e bancos de dados centralizados, estamos diante de uma forma de conexão sem precedentes não apenas uns com os outros, mas com o mundo construído à nossa volta: suas ferramentas, seus espaços compartilhados, seus padrões de ação e reação. E junto com tudo isso chegam novas informações sobre o mundo, de diferentes formas: informações sobre onde estamos, o que estamos fazendo e do que gostamos.<sup>1</sup>

Jovens que nasceram a partir dos anos 2000 e que, portanto, são nativos digitais, dificilmente conseguem entender como as gerações anteriores, como a minha, conseguiram sobreviver sem essas tecnologias modernas. Essa nova geração digital, também conhecida como *Geração I*, *Geração Z* ou ainda *Centennials*, são os denominados nativos digitais. Os *Centennials*, batizados por alguns como geração *Selfie*, vivem e convivem em um universo *on-line* que era totalmente desconhecido até pouco tempo. Essa geração vive uma nova realidade virtual, cujas fronteiras ainda são desconhecidas para a maioria das pessoas.

Em seu excelente livro *Geração Selfie*, Rodolfo Clapler identifica essa geração e como ela se comporta. Respondendo à pergunta “Quem é essa geração?”, Clapler escreve:

Nascidos a partir dos anos 2000, os *centennials* são hoje no Brasil cerca de 30 milhões, o que representa 15% da população nacional — número surpreendente, superior à população da Austrália e equivalente a mais de 379 maracanãs cheios. Os membros dessa geração passaram por grandes crises: o atentado de 11 de setembro ao World Trade Center, em 2001, a quebra do Sistema Financeiro, em 2008, diversas catástrofes ambientais e a pandemia do novo Coronavírus em 2020. Eles cresceram com telefones celulares e, ao chegarem ao ensino médio, muitos já possuíam contas no Facebook, Snapchat, Twitter e Instagram. Altamente digitais, a nova geração de meninos e meninas — que hoje estão na faixa etária dos 12 aos 22 anos — constitui o que o pesquisador americano Marc Prensky chamou de “geração singular”. A singularidade dos *centennials* estaria relacionada com a crença de que seriam mais rápidos, multifocados e inteligentes do que as gerações anteriores. No início dos anos 2000, muitos estudos sinalizavam neste sentido. Embora não comprovada, disseminou-se a ideia de que eles nasciam sabendo mais do que os adultos. Se você tem filhos adolescentes (ou se nasceu a partir dos anos 2000), sabe do que estou falando. Os adolescentes demonstram — desde muito pequenos — uma habilidade surreal no manejo de smartphones e outros equipamentos digitais. Por essa razão eles foram chamados por Prensky de “nativos digitais”, o que significa que nasceram para operar num mundo virtual com normas, padrões e táticas de comportamentos bem específicos.<sup>2</sup>

Ainda de acordo com Capler, é possível identificar essa geração digital por meio de dez marcas que a caracterizam:

a Geração Selfie é moldada por dez tendências: *internet* (passam maior parte do tempo em interações *on-line*), *desenvolvimento lento* (demoram mais para se desenvolver

fisicamente e emocionalmente), *isolamento* (pouco envolvimento cívico), *insegurança financeira* (temem as recessões financeiras no futuro), *descrença* (declínio da religião), *indefinição* (novos posicionamentos em relação a sexo, relacionamentos e filhos), *inclusiva* (aceitação, igualdade e debates com liberdade de expressão), *virtualidade* (o declínio da interação social ao vivo), *insegurança mental* (aumento agudo de transtornos mentais) e *independência política* (visões políticas próprias). Em que pese as diferenças culturais, cada uma dessas características atravessam (em menor ou em maior graus) os *centennials*, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil.<sup>3</sup>

Trata-se, portanto, de um novo mundo com uma nova realidade. Isso evidentemente envolve desafios, riscos e oportunidades. A meu ver, um dos principais desafios a serem enfrentados por essa nova geração virtual é mantê-la humana. E isso demonstra ser bastante paradoxal. Não há dúvidas de que as mídias sociais, à medida que aumentam as redes de contatos e promovem a interação virtual, também promovem a desumanização. O mundo *off-line*, onde acontece o corpo a corpo, perde lugar para o universo *on-line*. Isso porque o mundo *off-line*, diferentemente do *on-line*, expõe a arena onde de fato a nossa existência é vivida e provada. O mundo virtual, portanto, torna-se o território para aqueles que querem escapar da realidade em que vivem. Zygmunt Bauman demonstrou esse fato:

Para os jovens, a principal atração do mundo virtual deriva da ausência de contradições e objetivos contrastantes que infestam a vida *off-line*. O mundo *on-line*, ao contrário de sua alternativa *off-line*, torna possível pensar na infinita multiplicação de contatos como algo plausível e factível. Isso acontece pelo *enfraquecimento* dos laços — em nítido contraste com o mundo *off-line*, orientado para a tentativa constante de *reforçar* os laços, limitando muito o número de contatos e aprofundando cada um deles.<sup>4</sup>

Evidentemente que o comportamento virtual que molda a vida de muitos jovens hoje também tem consequências na esfera eclesial. A igreja é um organismo vivo, que se constrói a partir das interações e relações humanas: “Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles” (Mt 18.20). Em outras palavras, a igreja é humana. Onde esse corpo a corpo, essa rede de contatos *off-line* não existe, assim temos uma negação daquilo que biblicamente seria uma igreja. As redes sociais, devido à impessoalidade que as caracteriza, acabam se transformando na nova igreja da geração digital.

Em seu livro, Capler nos faz ver essa realidade:

Numa recente revisão em sua declaração de visão, o Facebook inclui assegurar que “cada pessoa tenha um senso de propósito e comunidade”. Presume-se que se uma empresa de tecnologia assegura um propósito para vida das pessoas é porque elas não o possuíam anteriormente. Assim, as Big Techs — como bem observou Lanier — se levantam como “uma nova religião”, com as redes sociais se apresentando como igreja para os *centennials*, visto que a maioria deles busca sentido existencial no ambiente digital. Segundo a minha pesquisa de campo, 73% (n=219) dos jovens entrevistados disseram correr para as redes sociais quando se sentem ansiosos. 91% (n=273) revelaram acessar as redes quando entediados. E pasmem: 95% (n=285) afirmaram entrar no Facebook, Instagram e Snapchat para preencherem um sentimento de vazio. Claramente, as redes sociais se tornaram um depósito natural dos temores dos *centennials*, assim como das suas esperanças. Da mesma maneira que em tempos passados os jovens iam à igreja em busca de aceitação e de propósito para as suas vidas, hoje, eles vão às redes sociais.<sup>5</sup>

Essas palavras de Capler refletem com precisão cirúrgica uma realidade incontestável. Devem servir não apenas de alerta, mas, sobretudo, de norte para os pastores acompanharem mais de perto as redes sociais. Só assim poderão conhecer melhor como se comportam suas ovelhas em relação ao universo virtual e dessa forma saber o que pode ser feito para não ver a sua membresia se tornar um rebanho de desigrejados.

Se por um lado o uso das redes virtuais é desafiador, por outro lado o seu uso também é cercado de riscos. No livro *Dependência de Internet em Crianças e Adolescente: fatores de risco, avaliação e tratamento*,<sup>6</sup> organizado por Kimberly S. Young e Cristiano Nabuco de Abreu, é feita uma ampla abordagem sobre o impacto das mídias sociais sobre crianças e adolescentes, especialmente a dependência por ela produzida. São abordadas entre outras coisas as questões relativas ao *sexting* (compartilhamento de conteúdo erótico, também conhecido como *nudes*), *narcisismo* e *jogos virtuais*. Embora o termo *sexting* ainda seja desconhecido para muita gente, contudo, a prática já se tornou bastante conhecida. Vez por outras ficamos sabendo que imagens íntimas acabaram vazando nas redes sociais. Muito desse conteúdo vazado acontece de forma indesejada por parte da pessoa que teve sua intimidade publicizada. Além de ser extremamente constrangedor, isso acaba criando na vítima uma censura pública com a qual muitas vezes tem dificuldade em



superar. Já houve casos em que adolescentes envolvidas nesse tipo de prática atentaram contra a própria vida. É algo, portanto, muito sério.

Se as consequências do *sexting* são tão terríveis, então por que alguém se arrisca nesse tipo de prática? De acordo com David L. Delmonico, Heather L. Putney e Elizabeth J. Griffin, isso é alimentado por algumas ilusões e desconhecimento do que está por trás do universo virtual.

***Você não me conhece e não consegue me ver.*** São conceitos que se combinam para dar aos indivíduos a sensação de estarem anônimos e em um ambiente digital onde não há regras ou limites associados a seu comportamento online. Esse fenômeno existe na psicologia social desde quando Zimbardo (1969) discutiu o conceito de desindividualização. Não é de surpreender que os conceitos de anonimato e desindividualização desempenhem um papel no comportamento de sexting dos jovens. ***Até mais*** — A internet permite aos usuários fugir facilmente das situações online, tornando, assim, mais provável o envolvimento em comportamentos de assumir riscos. Quando um usuário online tem comportamento questionável ou arriscado como o sexting, logo após o comportamento parece não haver nenhuma consequência relacionada a ele. Embora possam acabar chegando, as consequências são mais eficazes em desencorajá-lo no futuro quando vêm imediatamente após o comportamento negativo. O comportamento de sexting costuma ter consequências retardadas — pode levar dias, semanas ou meses —, mas essa capacidade de evitar as consequências é um aspecto do mundo digital que permite a continuação do sexting. ***Está tudo na minha cabeça e é apenas um jogo.*** Dá a ilusão de que o mundo online opera somente na fantasia e de que ninguém é prejudicado com nossas aventuras online. A linha entre fantasia e realidade pode ficar facilmente desfocada, já que muitas atividades online se baseiam na fantasia. Essa ideia de que o mundo digital é um jogo de fantasia também leva muitos à conclusão de que as regras do mundo real não se aplicam ao mundo online. A crença de que não há regras ou consequências é uma combinação perigosa para comportamentos online potencialmente problemáticos, inclusive os comportamentos de sexting. ***Somos iguais e somos todos amigos.*** Cria a ilusão de que todos que estão online são iguais e amigos; portanto, as regras que ditam as interações apropriadas entre os diferentes grupos (p. ex., adultos e crianças) no mundo real podem ser ignoradas online. As hierarquias que são construídas na sociedade para estabelecer papéis e limites podem ser facilmente rejeitadas.<sup>7</sup>

Fica claro que o comportamento de *sexting*, isto é, enviar conteúdo erótico para alguém, quer sejam vídeos, quer sejam imagens fotográficas, é incompatível com a vida cristã. A razão é simples — é pecado! Não existe pecado que não traga a morte. As Escrituras são claras que o “pendor da

carne dá para a morte” (Rm 8.6, ARA). Infelizmente, mesmo sabendo que essa prática é pecaminosa, muitos cristãos se envolvem nesse tipo de ato. Os resultados são escândalos, culpa e vergonha. A melhor forma de evitar essa prática pecaminosa é manter-se longe do que a promove e seguir o que diz a Palavra de Deus — manter-se puro (1 Tm 4.12).

Outro risco que se converte em perigo real nas redes sociais está associado ao narcisismo. Narciso é aquele mito grego no qual o indivíduo admirava a própria imagem a ponto de se afogar quando caiu em um lago quando a contemplava e admirava!

De acordo com Young,

Pessoas com graus mais altos de narcisismo tendem a ter maior número de amigos nas redes sociais, atualizar as postagens e fotografias mais vezes e considerar as redes sociais mais gratificantes do que os não narcisistas (Mo & Leung, 2015; Ong et al., 2011; Poon & Leung, 2011). Tais resultados consolidam o argumento de que a natureza de apresentação pessoal das redes sociais dá poder aos adolescentes com tendências narcisistas para apresentarem-se online de maneira favorável e construírem seus selfs ideais no ciberespaço (Buffardi & Campbell, 2008; Mehdizadeh, 2010). [...] O traço de personalidade do narcisismo é marcado pelo conceito grandioso e inflado de si mesmo (Buffardi & Campbell, 2008). Indivíduos com personalidade narcisista têm um senso de superioridade, sentem que têm direitos, têm um forte foco em si mesmo e forte exibicionismo (Campbell & Foster, 2007; Emmons, 1984). Narcisistas associam grande importância à obtenção de admiração e ao estabelecimento de dominância sobre os outros e estão sempre protegendo, e promovendo sua estima por meio de estratégias autorregulatórias (Morf & Rhodewalt, 2001). Simultaneamente, porém, o senso grandioso de self é vulnerável e altamente dependente das avaliações dos outros (Thomaes, Stegge, Bushman, Olthof, & Denissen, 2008). Narcisistas são dependentes da reafirmação por parte de seus relacionamentos interpessoais e, portanto, ganham e perdem autovalor rapidamente, dependendo de como os outros os estão percebendo. O aspecto vulnerável do narcisismo distingue-o da autoestima, a qual envolve uma avaliação positiva do autovalor que é relativamente estável e independente das avaliações dos outros (R. P. Brown & Zeigler-Hill, 2004).<sup>8</sup>

Por essa definição de Young, o narcisista tem a autoestima baixa e por isso vive em busca de admiração e autoafirmação. Um cristão nunca deveria ser um narcisista porque a sua identidade deve estar bem definida em Cristo. “[...] logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. E esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim” (Gl 2.20, NAA). Contudo, é possível ver e

ouvir cristãos narcisistas desfilando nas páginas da *web* quase que ininterruptamente. É possível encontrar mães cristãs brigando com os filhos *online* porque eles estão sendo um estorvo na construção de sua imagem narcísica. Da mesma forma, é possível encontrar até mesmo obreiros exibindo o seu narcisismo com o intuito de ganhar seguidores e curtidas. A pornografia é outro risco para quem faz uso das mídias digitais. Na verdade, a internet é um campo fértil em que esse mal finca suas raízes e cresce de forma copiosa. De fato, a pornografia é a porta de entrada para todas as formas de desvio e perversão da sexualidade. Muitos crimes, incluindo o estupro, o abuso de crianças e até mesmo homicídios, tiveram como ponto de partida a prática da pornografia. Esse fato pode ser percebido na exibição do programa *Investigação Discovery*, levado pelo canal a cabo da *Discovery Chanel*. Os matadores em série (*Serial Killer*), incluindo Ted Bundy, que confessou ter assassinado 30 mulheres, Jeffrey Dahmer, que matou 17 vítimas, Richard Ramirez, 15 vítimas, e John Wayne Gacy, 33 assassinatos, professaram o vício em pornografia.

A pornografia, portanto, se constitui um risco real para quem usa as redes sociais. Sendo os homens despertados sexualmente por aquilo que veem, a pornografia se torna um perigo real. Deve-se destacar que há homens e mulheres que convivem bem com sua sexualidade, não vendo nenhuma necessidade de consumir esse tipo de imagem. Contudo, como mostram as pesquisas feitas, esse é um problema enfrentado por uma boa parcela do universo masculino. No caso de cristãos, que de alguma forma acabaram caindo nesse tipo de prática pecaminosa, somente o arrependimento, a renúncia, a submissão às disciplinas espirituais e um forte compromisso com Cristo se tornam eficazes no enfrentamento dessa prática pecaminosa (At 15.29; Gl, 5.16, 19; Ef 4.22; 1 Ts 4.3; Cl 2.6).

Como vimos, há desafios e riscos nas redes sociais, contudo, também, há mídias digitais que oferecem grandes oportunidades. Nesse aspecto, as redes sociais são moralmente neutras, isto é, não são boas ou más em si mesmas. O juízo de valor deve, portanto, ser emitido para aqueles que fazem o uso das redes sociais, pois elas não passam de ferramentas. Se forem usadas de forma correta, trazem benefícios, entretanto, se usadas de forma errada, trazem danos e prejuízos. Aqui traremos de forma resumida alguns benefícios proporcionados pelas mídias sociais, especialmente no contexto das igrejas. Nesse aspecto, os livros da publicitária Vanda de Sousa Machado são de enorme valor. O que tratarei aqui sobre o uso das redes

sociais no contexto da igreja toma como ponto de partida as obras dessa autora.

De acordo com Vanda de Sousa Machado, o cumprimento do IDE de Jesus no ciberespaço segue três princípios: Idealizar, Desenvolver e Espalhar. De acordo com essa autora, Jesus, cumpriu o ideal de Deus salvando as pessoas da morte eterna; recrutou pessoas e as desenvolveu, isto é, treinou-as objetivando que elas espalhassem as Boas Novas do Reino. Machado sintetiza o IDE aplicado ao universo *online*:

*I - IDEALIZAR.* A idealização é a primeira etapa do seu plano de comunicação. Nela você levantará possíveis ideias de como espera que o seu ministério de comunicação se processe. Você vai analisar qual é o seu estado atual e onde deseja chegar com as ações que serão planejadas. *D - DESENVOLVER.* O desenvolvimento é a segunda etapa do IDE. Aqui você já terá o seu plano de comunicação montado e então aprenderá a produzir conteúdos capazes de sensibilizar a sua audiência despertando-a para conhecer mais de Deus. É neste tópico que vamos falar sobre as ferramentas que você poderá utilizar na produção das artes visuais, vídeos, áudio e textos. *E - ESPALHAR.* Depois da produção dos conteúdos é hora de espalhar a mensagem pelas mídias sociais. Mas isso não pode ser feito de qualquer jeito, você também terá que preparar um plano de mídia organizado e estratégico para que a sua mensagem consiga atingir o maior número possível de pessoas.<sup>9</sup>

Não há dúvida de que Machado fez uma leitura precisa do IDE no contexto da realidade virtual. Como pastor, estou consciente do poder do mundo digital e sei como a internet é uma ferramenta poderosa. Contudo, como demonstra Machado, poucos ainda sabem usar essa ferramenta e, quando a usam, usam de forma imprecisa. É lamentável, por exemplo, ver muitos *sites* cristãos que não passam de veículos de propaganda e fuxico digital. São bons para difamar, espalhar *fake news* e promover a discórdia.

Acredito que o conceito de seara virtual se enquadra no disse Jesus no Evangelho de Mateus 9.36-38. Como igreja, devemos aproveitar o ciberespaço para a promoção do Reino de Deus. Muitos que estão vagando pelo universo virtual estão à procura de alguma satisfação que não pode ser encontrada nas guloseimas e nas bolotas que o Diabo fartamente oferta no ambiente digital. Somente Cristo pode preencher a alma vazia. Somente Ele pode fazer isso. “Venham a mim todos vocês que estão cansados e sobrecarregados, e eu os aliviarei.

Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, porque sou manso e humilde de coração; e vocês acharão descanso para a sua alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve” (Mt 11.28-30, NAA).

---

<sup>1</sup> CHATFIELD, Tom. *Como Viver na Era Digital*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

<sup>2</sup> Capler, Rodolfo. *Geração Selfie: conheça a geração digital e seus principais comportamentos*. Editora Quitanda. Edição do Kindle, p. 17, 18.

<sup>3</sup> Ibid., p. 21.

<sup>4</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Capitalismo Parasitário*. Rio de Janeiro: Zahar.

<sup>5</sup> Capler, Rodolfo. *Geração Selfie: Conheça a geração digital e seus principais comportamentos*. *Op.cit.*

<sup>6</sup> YOUNG, Kimberly S; ABREU, Cristiano Nabuco. *Dependência de Internet em Crianças e Adolescentes: fatores de risco, avaliação e tratamento*. Porto Alegre: Artmed, 2019.

<sup>7</sup> YOUNG, Kimberly S; ABREU, Cristiano Nabuco. *Dependência de Internet em Crianças e Adolescentes: fatores de risco, avaliação e tratamento*. Porto Alegre: Artmed, 2019.

<sup>8</sup> YOUNG, Kimberly S; ABREU, Cristiano Nabuco. *Dependência de Internet em Crianças e Adolescentes: fatores de risco, avaliação e tratamento*. Porto Alegre: Artmed, 2019, Edição do Kindle, p. 53.

<sup>9</sup> MACHADO, Vanda de Souza. *A Comunicação do Ide nas Mídias Sociais: um manual prático para transformar a comunicação da igreja num poderoso instrumento de evangelização*. Comunicação Cristã. Livro 1. Edição do Kindle. Outra obra de Machado muito importante para o evangelismo virtual é *Evangelismo Digital: dez passos para um ministério digital de sucesso*. Comunicação Cristã. Edição do Kindle.

## Capítulo 12

# A Sutileza da Espiritualidade Holística

Nas últimas décadas, o Ocidente passou por mudanças culturais profundas. Isso é claramente percebido nas artes, na literatura, na política e na religião. Formas de pensar, agir e crer normalmente aceitas foram abandonadas e substituídas por outras. O paradigma cientificista, que durante séculos moldou a cultura ocidental, analisando e explicando os fenômenos existentes a partir de dados empíricos e leis fixas do universo, deixou de ser a única forma aceita e confiável de explicar a realidade. Uma nova forma de pensar e explicar o mundo das coisas apareceu — o *holismo*. O *holismo* basicamente diz que tudo na natureza e no universo estão interligados e que cada parte faz parte de um todo muito maior. Exatamente como demonstrou o filme Avatar, a humanidade faz parte da natureza, que por sua vez faz parte do universo, que por sua vez faz parte de uma realidade espiritual maior.

Com o fim da Idade Média e o começo da Idade Moderna, o mundo ocidental experimentou grandes mudanças culturais. Com o francês René Descartes, surgiu o *Racionalismo*. Isso significa dizer que a razão humana, e não a revelação, passou a ser a fonte segura na obtenção do conhecimento. Por outro lado, o *Iluminismo*, também conhecido como *Cientificismo*, movimento cultural alemão, além da razão como fonte de autoridade, deu

grande ênfase ao método científico na obtenção do conhecimento. Com as descobertas das leis da física por Isaac Newton, nada que não pudesse ser explicado pelas leis da ciência poderia ser aceito como verdade. O universo passou a ser entendido como uma máquina. Esse modelo também foi conhecido como Mecanicista. Nesse contexto, as verdades religiosas, por serem reveladas, contudo, desprovidas de provas científicas, deveriam ser abandonadas.

Essa nova forma de pensar teve enorme influência no mundo religioso, principalmente no cristianismo, tanto de vertente católica como protestante. O que se viu surgir a partir desse ponto foi uma fé cristã secularizada que, embora teísta, isto é, que dizia acreditar em Deus, passou a negar a existência de milagres e outros fenômenos de natureza sobrenatural. Isso porque não havia outra realidade além daquelas que as leis científicas podiam provar. Foi nesse contexto que surgiu o liberalismo teológico alemão, que procurou desmistificar o Novo Testamento, negando a existência de milagres, de demônios, de curas, etc. Em outras palavras, não tendo mais verdades reveladas, não havia motivo para defender aquilo que a Bíblia mostrava como sendo intervenção sobrenatural de Deus.

Com o final da Idade Moderna e o início da Pós-Moderna, grandes mudanças culturais aconteceram no Ocidente. Agora as coisas aconteceram de forma inversa. Como vimos, no modelo cartesiano (racionalista) e newtoniano, a física mecanicista ganhou proeminência e deu legitimidade e voz à ciência. O conhecimento científico tornou-se a única fonte segura de conhecimento. O cientificismo ganhou proeminência. A ciência, e não a religião, dizia o que poderia ser considerado verdade ou não. Agora tudo isso mudou. O universo deixou de ser newtoniano para se tornar quântico. Isso significa dizer que o universo não é governado apenas por leis fixas. Nem tampouco o universo é tão organizado como se pensava. Nesse sentido, a “desordem” e até mesmo o “caos” fariam parte do universo.

Da mesma forma que a visão mecanicista ou o cientificismo moldou a forma de pensar das pessoas no Ocidente, inclusive as de natureza religiosa, o modelo sistêmico também moldou a concepção de se enxergar a realidade espiritual. Nesse novo modelo sistêmico ou holístico, outras realidades, não apenas aquelas de natureza material ou física, devem ser levadas em conta. Se anteriormente a religião era posta de lado, agora ela passa a ter grande relevância. Isso porque a realidade espiritual se tornou muito importante. Ao contrário do modelo cartesiano e cientificista, em que o racionalismo

secularizou a religião, agora o misticismo se tornou o centro da expressão religiosa. Surgiu, portanto, uma nova religiosidade não mais expressa em leis físicas da natureza, mas na expressão de uma espiritualidade sensorial e mística que está conectada com o universo.

Nessa nova forma de manifestação da espiritualidade, o misticismo oriental ganhou lugar de destaque. Na verdade, as religiões orientais sempre causaram fascínio pelo seu caráter, supostamente, mais filosófico do que propriamente religioso. Assim, nas últimas décadas, o misticismo oriental tem atraído mais e mais adeptos. Desde que o físico nuclear Fritjof Capra, em 1982, inspirado no livro chinês *I Ching*, escreveu seu livro *O Ponto de Mutação*, as religiões orientais ganharam mais e mais atenção. De acordo com o I Ching, a natureza está em constante mutação. Capra entendeu que a filosofia oriental expressa no I Ching era uma ferramenta muito mais útil para entender o funcionamento do cosmos do que aquele defendido pela física clássica newtoniana. O interesse pelo budismo e hinduísmo cresceram em escala alarmante. Longe do racionalismo religioso inspirado no modelo cientificista, o I Ching proporcionaria uma visão mística e holística do universo. Dessa forma, havia espaço para uma nova espiritualidade.

Se o universo passou a ser compreendido de forma *holística*, isto é, na sua totalidade, a nova espiritualidade, por sua vez, precisa também ser expressa levando-se em conta a realidade cósmica. Nesse aspecto, o homem é divino e da mesma forma o universo e a natureza. De fato, não é mais simplesmente a Terra, mas agora a “Mãe-Terra”, que assim como as outras coisas, também é viva e divina. Assim, é possível falar de outras realidades no universo que precisam ser levadas em conta, e não apenas as de natureza material. Contudo, aqui não há um “Deus” pessoal que se possa conhecer, visto que tudo faz parte da divindade. Da mesma forma, não existe um Diabo e nem tampouco seus demônios, mas energias e realidades espirituais impessoais com as quais é possível interagir. Técnicas e práticas orientais como a yoga e a meditação tornam possível contatar essas forças espirituais.

Pois bem, em 1997, ingressei na Faculdade de Filosofia na Universidade Federal do Piauí e foi justamente naquela academia que tomei conhecimento sobre essa nova espiritualidade. Algum tempo depois, em uma aula programada, o professor de Filosofia da Linguagem convidou os alunos a se dirigirem até a sala de vídeo da Universidade para assistirmos a um filme. Todos já sabíamos que aquele professor, além do fato de ser um profissional super qualificado, gostava também de inovar em suas aulas.



Sabíamos que isso se dava por conta do grau de dificuldade que a sua disciplina apresentava. Não era muito fácil debater sobre *As Palavras e as Coisas*, de Michel Foucault, nem tampouco discutirmos sobre a filosofia da linguagem de Wittgenstein.

O filme era novo para nós, não lembro se alguém já havia falado nele antes. Tratava-se do filme *O Ponto de Mutação*, uma adaptação que foi feita para o cinema do livro de mesmo nome escrito pelo físico nuclear Fritjof Capra. Como alunos de filosofia, estávamos abertos a tudo e assistimos ao filme com curiosidade. De fato, o filme era muito provocador e tratava de algo que para nós parecia novo. Nessa época, os debates acadêmicos em torno da filosofia pós-moderna estavam começando a ganhar espaço, contudo, muito longe do que se tornou duas décadas depois. O filme era provocante e mostrava que algo diferente, um novo paradigma cultural, estava se formando na cultura ocidental.

Fiquei interessado em conhecer mais sobre o pensamento desse físico nuclear. Descobri que ele já havia escrito outra obra, *O Tao da Física*, não menos importante, mas não tanto famosa como *O Ponto de Mutação*. Resolvi adquirir essas obras, pois queria saber mais sobre esse novo paradigma. Em *O Tao da Física: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental*, os editores resenharam que Capra

analisa as semelhanças — notadas recentemente, mas ainda não discutidas em toda a sua profundidade — entre os conceitos subjacentes à física moderna e as ideias básicas do misticismo oriental. Com base em gráficos e em fotografias, o autor explica de maneira concisa as teorias da física atômica e subatômica, a teoria da relatividade e a astrofísica, de modo a incluir as mais recentes pesquisas, e relata a visão de um mundo que emerge dessas teorias para as tradições místicas do Hinduísmo, do Budismo, do Taoísmo, do Zen e do *I Ching*. O autor, que é pesquisador e conferencista experiente, tem o dom notável de explicar os conceitos da física em linguagem acessível aos leigos. Ele transporta o leitor, numa viagem fascinante, ao mundo dos átomos e de seus componentes, obrigando-o quase a se interessar pelo que está lendo. De seu texto, surge o quadro do mundo material não como uma máquina composta de uma infinidade de objetos, mas como um todo harmonioso e “orgânico”, cujas partes são determinadas pelas suas correlações. O universo físico moderno, bem como a mística oriental, estão envolvidos numa contínua dança cósmica, formando um sistema de componentes inseparáveis, correlacionados e em constante movimento, do qual o observador é parte integrante. Tal sistema reflete a realidade do mundo da percepção sensorial, que envolve espaços de dimensões mais elevadas e transcende a linguagem corrente e o

raciocínio lógico. Desde que obteve seu doutorado em física, na Universidade de Viena, em 1966, Fritjof Capra vem realizando pesquisas teóricas sobre física de alta energia em várias Universidades, como as de Paris, Califórnia, Santa Cruz, Stanford, e no Imperial College, de Londres. Além de seus escritos sobre pesquisa técnica, escreveu vários artigos sobre as relações da física moderna com o misticismo oriental e realizou inúmeras palestras sobre o assunto, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Atualmente, leciona na Universidade da Califórnia, em Berkeley. A presente edição vem acrescida de um novo capítulo do autor sobre a física subatômica, em reforço às ideias por ele defendidas neste livro.<sup>1</sup>

Capra, portanto, nessa obra procurou mostrar a partir do *I Ching*, os paralelos existentes entre as antigas tradições místicas do oriente e as recentes descobertas na área da física. Em seu *best-seller*, *O Ponto de Mutação*, ele quer demonstrar que as revoluções na área da física quântica irão moldar o Ocidente por meio de um novo paradigma cultural, que fatalmente transformará a nossa visão de mundo e, conseqüentemente, os nossos valores. Em um texto bem resenhado, os editores de *O Ponto de Mutação* destacam que

Com uma aguda crítica ao pensamento cartesiano na Biologia, na Medicina, na Psicologia e na Economia, Capra explica como a nossa abordagem, limitada aos problemas orgânicos, nos levou a um impasse perigoso, ao mesmo tempo em que antevê boas perspectivas para o futuro e traz uma nova visão da realidade, que envolve mudanças radicais em nossos pensamentos, percepções e valores. Essa nova visão inclui novos conceitos de espaço, de tempo e de matéria, desenvolvidos pela Física subatômica; a visão de sistemas emergentes de vida, de mente, de consciência e de evolução; a correspondente abordagem holística da Saúde e da Medicina; a integração entre as abordagens ocidental e oriental da Psicologia e da Psicoterapia; uma nova estrutura conceitual para a Economia e a Tecnologia; e uma perspectiva ecológica e feminista. Citando o *I Ching* — “Depois de uma época de decadência chega o ponto de mutação” — Capra argumenta que os movimentos sociais dos anos 60 e 70 representam uma nova cultura em ascensão, destinada a substituir nossas rígidas instituições e suas tecnologias obsoletas. Ao delinear pormenorizadamente, pela primeira vez, uma nova visão da realidade, ele espera dotar os vários movimentos com uma estrutura conceitual comum, de modo a permitir que eles fluam conjuntamente para formar uma força poderosa de mudança social.

Mais recentemente, Capra atualizou suas pesquisas em duas outras obras: *As Conexões Ocultas: ciência para uma vida sustentável* e *Visão Sistêmica da Vida: uma*

*concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas. Assim,*

Em *As Conexões Ocultas*, Fritjof Capra desenvolveu uma compreensão sistêmica e unificada que integra as dimensões biológica, cognitiva e social da vida e demonstra claramente que a vida, em todos os seus níveis, é inextricavelmente interligada por redes complexas. No decorrer deste novo século, dois fenômenos específicos terão um efeito decisivo sobre o futuro da humanidade. Ambos se desenvolvem em rede e ambos estão ligados a uma tecnologia radicalmente nova. O primeiro é a ascensão do capitalismo global, composto de redes eletrônicas de fluxos de finanças e de informação; o outro é a criação de comunidades sustentáveis baseadas na educação ecológica e na prática do projeto ecológico, compostas de redes ecológicas de fluxos de energia e matéria. A meta da economia global é a de elevar ao máximo a riqueza e o poder de suas elites; a do projeto ecológico, a de elevar ao máximo a sustentabilidade da teia da vida. Atualmente, esses dois movimentos encontram-se em rota de colisão: ao passo que cada um dos elementos de um sistema vivo contribui para a sustentabilidade do todo, o capitalismo global baseia-se no princípio de que ganhar dinheiro deve ter precedência sobre todos os outros valores. Com isso, criam-se grandes exércitos de excluídos e gera-se um ambiente econômico, social e cultural que não apoia a vida, mas a degrada, tanto no sentido social quanto no sentido ecológico. O grande desafio que se apresenta ao século XXI é o de promover a mudança do sistema de valores que atualmente determina a economia global e chegar-se a um sistema compatível com as exigências da dignidade humana e da sustentabilidade ecológica. Capra demonstra de modo conclusivo que os seres humanos estão inextricavelmente ligados à teia da vida em nosso planeta e mostra quão imperiosa é a necessidade de organizarmos o mundo segundo um conjunto de crenças e valores que não tenha o acúmulo de dinheiro por único sustentáculo e isso não só para o bem-estar das organizações humanas, mas para a sobrevivência e sustentabilidade da humanidade como um todo.<sup>2</sup>

Há duas décadas e meia, quando tive contato pela primeira vez com o pensamento de Capra, jamais imaginei que suas previsões se cumpririam com uma precisão cirúrgica. Capra, de fato, captou a mente do espírito desta época. A chegada da pós-modernidade, com a consequente desconstrução dos valores judaico-cristãos, hoje é uma realidade a nossa vista. Como temos mostrado neste livro, um novo paradigma cultural, oposto a tudo aquilo que a moral cristã prega e ensina, é um consenso global no atual contexto.

Esse *holismo*, do qual Capra se tornou o principal porta-voz, tem influenciado o mundo não apenas das ciências exatas, como a física clássica, mas também tem moldado todas as áreas das ciências humanas. Estas, sem

dúvida, são as áreas que mais têm sido impactadas pelas ideias de Capra. Essa influência é mais visível, por exemplo, na área da educação. Dois livros que se tornaram bastante populares na esfera educacional são: *O Paradigma Educacional Emergente*, de Maria Cândido, e *Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Usei o primeiro quando cursava a disciplina filosofia da educação e o segundo algum tempo depois. Ambos os livros foram influenciados pelas ideias de Capra. Maria Cândido (2007, p. 25, 26) resume esse modelo emergente no contexto educacional como sendo:

*Construtivista* – o ser humano está em constante processo de transformação diante de sua ação no mundo, em sua relação constante com o objeto. Pensar é resultado de uma construção, da ação do indivíduo sobre o objeto e da transformação desse objeto, que tem o educando como centro gerador em processo constante de construção. *Interacionista* – sujeito e objeto estão em constante interação de forma que um modifica o outro e modificam-se entre si. *Sociocultural* – o homem é um ser relacional que interage constantemente, através do diálogo, com seus pares e com o mundo físico. *Transcendente* – isto quer dizer: ir além, ultrapassar-se, superar-se. O homem é um devir a ser.<sup>3</sup>

Mas não é só aqui no Brasil que estão acontecendo essas mudanças. Está acontecendo em escala global. Um relatório da UNESCO foi escrito a fim de avaliar o impacto desse novo desafio que a educação do século XXI enfrenta. Nesse sentido, a UNESCO preparou um relatório minucioso. O relatório, que foi presidido pelo educador francês Jacques Delors, aponta os desafios e os caminhos para o fenômeno educacional no mundo do século XXI.<sup>4</sup> A edição brasileira desse relatório foi apresentada pelo ex-ministro da educação Paulo Renato.

Em sua fala, Renato (2006, p. 9) destaca aquilo que o *Relatório Delors* sintetiza sobre a realidade educacional global. Ele pôs em evidência esse novo cenário para esse paradigma educacional emergente, conforme demonstrado no Relatório Delors:

Existe hoje uma arena global na qual, gostemos ou não, é até certo ponto jogado o destino de cada indivíduo.” “Apesar de uma promessa latente, a emergência desse novo mundo, difícil de aprender e ainda mais difícil de prever, está criando um clima de incertezas, para não dizer de apreensão, que torna a busca de um enfoque verdadeiramente global para os problemas ainda mais angustiantes.

O ministro da educação indiano, Karan Singh, que também é um dos colaboradores do *Relatório Delors*, apontou alguns pressupostos de uma filosofia holística para a educação do século XXI. De acordo com Singh (2006, p. 244, 245):

1. O planeta Terra que habitamos e de que todos somos cidadãos é uma entidade única, fervilhante de vida; a espécie humana é, em última análise, uma grande família em que todos os membros são solidários; as diferenças de raça e de religião, de nacionalidade e de ideologia, de sexo e de preferências sexuais, de estatuto econômico social – embora em si importantes – devem ser repostas no contexto mais geral desta unidade fundamental. 2. O ódio e o sectarismo, o fundamentalismo e o fanatismo, a inveja e o ciúme, entre pessoas, grupos ou nações, são paixões destruidoras que é preciso vencer agora que nos achamos no limiar de um novo século; o amor e a compaixão, a preocupação pelo outro e a caridade, a amizade e a cooperação devem ser estimuladas, agora que a nossa consciência desperta para a solidariedade planetária. 3. As grandes religiões do mundo na luta pela supremacia devem parar de se combater, e cooperar para o bem da humanidade, a fim de reforçar, graças a um diálogo permanente e criativo entre as diferentes confissões, o filão de ouro que são as suas aspirações espirituais comuns, renunciando aos dogmas e anátemas que as dividem. 4. A educação holística deve ter em conta as múltiplas facetas – físicas, intelectuais, estéticas, emocionais e espirituais da personalidade humana e tender, assim, para a realização deste sonho eterno: um ser humano perfeitamente realizado vivendo num mundo em harmonia.

Não há como negar que esses pressupostos educacionais apontados por Singh refletem os princípios de uma educação holística, mística e destituída na sua grande maioria dos valores cristãos. Algo semelhante àquilo que Battista Mondim já havia criticado como princípios que estão na contramão de uma educação fundamentada em valores perenes. Um relatório bastante religioso quando prega uma espiritualidade holística e ecumênica quando procura a unificação entre todos os povos e religiões. São esses vetores que estão norteando a educação secular contemporânea.

Essas não são apenas tendências de uma nova *Paideia*, de um novo modelo educacional emergente, mas uma realidade já existente. Embora seja perceptível a roupagem científica com que esse modelo está adornado, todavia é inegável que ele é mais religioso do que científico, mais espiritual do que racional. Como estamos mostrando, o físico nuclear e adepto do misticismo oriental Fritjof Capra foi uma das primeiras vozes pós-modernas na defesa desse novo paradigma. Capra (1999, p. 14) afirma:

Precisamos de um novo paradigma — uma nova visão da realidade, uma mudança fundamental em nossos pensamentos, percepções e valores. Os primórdios dessa mudança, da transferência da concepção mecanicista para a holística da realidade, já são visíveis em todos os campos e suscetíveis de dominar a década atual.

Novamente as implicações que essa nova ciência tem sobre os valores cristãos, em especial sobre a Educação, é vista nas palavras desse físico nuclear quando afirma:

Vivemos hoje num mundo globalmente interligado, no qual os fenômenos biológicos, psicológicos, sociais e ambientais são todos interdependentes. Para descrever esse mundo apropriadamente, precisamos de uma perspectiva ecológica que a visão do mundo cartesiana não oferece.<sup>5</sup>

Em outro texto, também de sua autoria, Capra (2007, p. 23) diz:

Não existe nenhum organismo individual que viva em isolamento. Os animais dependem da fotossíntese das plantas para terem atendidas as suas necessidades energéticas; as plantas dependem do dióxido de carbono produzido pelos animais, bem como do nitrogênio fixado pelas bactérias em suas raízes, e todos juntos, vegetais, animais e microrganismos, regulam toda a biosfera e mantêm as condições propícias à perspectiva da vida.<sup>6</sup>

O lado espiritual e místico desse novo paradigma fica claro no livro de Fritjof Capra intitulado *O Tao da Física – um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental*. Nessa obra, Capra (2003, p. 13) diz:

Há cinco anos, experimentei algo de muito belo, que me levou a percorrer o caminho que acabaria por resultar neste livro. Eu estava sentado na praia, ao cair de uma tarde de verão, e observava o movimento das ondas, sentindo ao mesmo tempo o ritmo de minha própria respiração. Nesse momento, subitamente, apercebi-me intensamente do ambiente que me cercava: este se me assegurava como se participasse de uma gigantesca dança cósmica [...] senti o seu ritmo e ‘ouvi’ o seu som. Nesse momento, compreendi que se tratava da dança de Shiva, o deus dos dançarinos, adorado pelos hindus.

Não há dúvidas de que estamos vendo a cultura ocidental sendo surpreendida. Seus valores judaico-cristãos estão sendo roubados e posteriormente desconstruídos. Em seu lugar está sendo implantado um

novo paradigma, o *holismo*, uma mistura de filosofia pós-moderna e mística oriental. E muito mais do que isso — uma nova religião com os antigos deuses do paganismo. Tudo isso numa panela só. Nessa panela cabe tudo, menos um cristão verdadeiro. Nesse contexto, a igreja não pode ficar de braços cruzados. Já temos falado aqui da necessidade de se promover uma educação firmada em valores. Somente uma fé fundamentada em valores perenes que fluem das Escrituras Sagradas podem nos proteger desse tipo de ataque.

---

<sup>1</sup> CAPRA, Fritjof. *O Tao da Física: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental*. São Paulo: Cultrix, 1983.

<sup>2</sup> CAPRA, Fritjof. *As Conexões Ocultas: ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2002.

<sup>3</sup> MORAES, Maria Cândida. *O Paradigma Educacional Emergente*. Campinas, SP: Papirus, 1997.

<sup>4</sup> DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir – relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. Editora Cortez/UNESCO/MEC. 10ª Edição, 2006.

<sup>5</sup> CAPRA, Fritjof. *O Ponto de Mutação*. São Paulo: Cultrix, 1999.

<sup>6</sup> CAPRA, Fritjof. *As Conexões Ocultas – a ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2007.

## Capítulo 13

# Resistindo às Sutilezas de Satanás

De onde procedem as guerras e brigas que há entre vocês? De onde, senão dos prazeres que estão em conflito dentro de vocês? Vocês cobiçam e nada têm; matam e sentem inveja, mas nada podem obter; vivem a lutar e a fazer guerras. Nada têm, porque não pedem; pedem e não recebem, porque pedem mal, para esbanjarem em seus prazeres. Gente infiel! Vocês não sabem que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo se torna inimigo de Deus. Ou vocês pensam que é em vão que a Escritura diz: “É com ciúme que por nós anseia o Espírito, que ele fez habitar em nós?” Mas ele nos dá cada vez mais graça. Por isso diz: “Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes.” Portanto, sujeitem-se a Deus, mas resistam ao diabo, e ele fugirá de vocês. Cheguem perto de Deus, e ele se chegará a vocês. Limpem as mãos, pecadores! E vocês que são indecisos, purifiquem o coração. Reconheçam a sua miséria, lamentem e chorem. Que o riso de vocês se transforme em pranto, e que a alegria de vocês se transforme em tristeza. Humilhem-se diante do Senhor, e ele os exaltará. (Tg 4.1-10, NAA)

Vimos, ao longo deste livro, de forma clara e objetiva, como uma batalha entre modelos culturais tem se intensificado. De um lado, o modelo judaico-cristão, que há séculos vinha moldando a cultura ocidental. Do outro lado, temos um novo paradigma cultural, batizado com o nome de pós-modernidade ou *desconstrução*. Esse novo modelo, de forma agressiva,



tem procurado suplantar os valores ocidentais, que majoritariamente são heranças da tradição cristã.

Não é exagero, portanto, dizermos que estamos vivendo não apenas uma guerra cultural, mas também espiritual. Isso porque não estamos vendo uma batalha que desconstrói apenas costumes, mas, sobretudo, verdades e valores que custaram caro para a fé cristã. Assim, vemos dentro desse novo modelo cultural a defesa do aborto, do sexo livre, do casamento entre pessoas do mesmo sexo e a negação da existência de gêneros masculino e feminino.

Outro assunto que precisa ser dito é que esse novo modelo cultural tem influenciado não apenas a cultura secular, mas também a cristã. Não é raro vermos pregadores e ensinadores defendendo as mesmas bandeiras levantadas pelo desconstrucionismo. Tudo isso deve servir de alerta para a igreja que prima pela defesa da fé genuinamente evangélica. Não há neutralidade nesse campo de batalha. Quem não influencia será influenciado. A igreja, portanto, deve levantar sua voz e proclamar as verdades eternas do Reino de Deus.

Isso pode ser feito pelo menos de quatro maneiras:

### ***1. Por meio de um comprometimento com a vida centrada em Cristo.***

Todo ataque à igreja e às verdades da fé cristã, de fato, é um ataque contra Cristo. Quando Paulo, ainda na sua ignorância, perseguiu os cristãos para maltratá-los e matar, foi-lhe revelado pelo Senhor que, na verdade, ele estava perseguindo a Cristo.

Saulo, respirando ainda ameaças e morte contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote e lhe pediu cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de que, caso achasse alguns que eram do Caminho, tanto homens como mulheres, os levasse presos para Jerusalém. Enquanto seguia pelo caminho, ao aproximar-se de Damasco, subitamente uma luz do céu brilhou ao seu redor. Ele caiu por terra e ouviu uma voz que lhe dizia: — Saulo, Saulo, por que você me persegue? Ele perguntou: — Senhor, quem é você? E a resposta foi: — Eu sou Jesus, a quem você persegue. (At 9. 1-5, NAA)

Paulo acreditava que estava defendendo os valores do antigo judaísmo quando perseguia a igreja, contudo, ele estava se opondo a Deus, estava

perseguindo a Cristo. Cristo, portanto, é o centro da vida.

Todo ataque do Diabo contra a igreja é para tirar Cristo do centro. Em nossa cultura, toda e qualquer outra suposta verdade pode ser aceita desde que Cristo saia do centro. Para essa geração, qualquer evangelho e cultura servem desde que não tenham uma cruz. Devemos sublinhar que não há salvação sem que a cruz de Cristo esteja erguida. A cruz escandaliza; contudo, somente por meio da cruz temos o direito de vida eterna.

A meu ver, uma forma de enfraquecer o evangelho da cruz é substituí-lo pelo “evangelho social”. Nesse aspecto, vale a pena darmos uma olhada na proposta de um evangelho social conforme exposta no livro *Pelos muitos Caminhos de Deus*.<sup>1</sup>

A autora Luiza E. Tomita em seu texto “A Contribuição da Teologia Feminista da Libertação para o Debate do Pluralismo Religioso” dialoga com algumas teólogas feministas. Ela aponta alguns obstáculos para um pluralismo religioso. Para essas feministas, a teologia cristã é patriarcal, sexista e elitista. O modelo ideal está nas religiões afro-brasileiras onde, segundo elas, não há um dualismo *sagrado x profano*. Dessa forma, a autora procura validar seus argumentos recorrendo à teóloga Ivone Gebara, para quem se deve abandonar a “centralidade metafísica de Jesus como o filho único de Deus e único salvador” para que se tenha um diálogo inter-religioso.

Da mesma forma, em “Espiritualidade do Pluralismo Religioso — Uma Experiência Espiritual Emergente”, o autor José Maria Vigil destaca que a velha concepção de que Deus havia escolhido um povo em detrimento dos demais caducou. Segundo o autor, há uma consciência global que vai de encontro às velhas ideias inclusivistas, em que o outro é visto de forma proselitista. Frente às religiões orientais, o cristianismo fica em um dilema quando indagado: “Pode ser teologicamente verdadeira a autocompreensão das igrejas que legitimam a opressão sexista, racista, classista e religiosa?”. O cristianismo tem seguido um modelo de verdade fundamentado na lógica aristotélica: uma coisa é o que é e não pode ser outra coisa. É o modelo de verdade por exclusão: Eu sou eu porque não posso ser você. É um modelo equivocado que já há muito vem sendo abandonado. A verdade para existir não precisa ser absoluta. A verdade é holística.

Esse tipo de evangelho exclui Cristo do centro. Não tem uma cruz que salva. O que mais impressiona é que esse tipo de mensagem é cada vez mais aceito. As verdades cristãs, quando não diluídas, são misturadas com todo

tipo de ideologia e crença para se tornar aceitável. Assim, o cristianismo perde a sua essência e se torna mais uma religião como qualquer outra.

## 2. Comprometimento com as Escrituras

A escritora Karen Armstrong (2007, p. 162) destaca que a Reforma foi “uma tentativa deliberada de retornar às origens da fé” e que “fez da *Sola Scriptura* um dos seus princípios mais importantes”.<sup>2</sup> A Reforma, portanto, devolveu a Bíblia ao povo! Isso significa dizer que somente as Escrituras e, conseqüentemente, seu correto manuseio são capazes de trazer o verdadeiro conhecimento de Deus.

Alguns pressupostos devem ser levados em conta a fim de que se tenha êxito nesse processo:

### 1) *A Bíblia deve ser lida a partir da compreensão de sua natureza*

Como a Bíblia é vista em sua natureza definirá como se concebe a sua autoridade. Por isso, é preciso pontuar que em questões religiosas os teólogos reconhecem que há pelo menos três tipos de autoridade — *a razão, a igreja e a Bíblia*.

#### a) *A Bíblia como um livro divino*

O escritor A. W. Tozer (2003, p. 294) destacou a natureza divina da Bíblia quando escreveu: “A Palavra de Deus não está datada. Nada está datado no livro de Deus. Quando leio a minha Bíblia, encontro datas, mas não fatos datados. Quero dizer que encontro o sentido e o sentimento de que tudo aquilo me pertence”.<sup>3</sup> Como um livro divino, a Bíblia é a inspirada e infalível Palavra de Deus.

Alguns parâmetros devem ser observados quando tratamos da natureza divina da Bíblia. Isso porque há distanciamentos entre o homem e Deus que devem ser levados em conta quando se quer interpretar corretamente a Bíblia. Os intérpretes enumeram pelo menos três deles: *natural, espiritual e moral*.<sup>4</sup> Nesse aspecto, somos criaturas e Deus é o criador; e não devemos esquecer que a Queda colocou o homem numa condição moral e espiritual que não permite que ele, por si mesmo, entenda as coisas de Deus. Assim, é necessária a iluminação do Espírito Santo para nos fazer compreender a mente de Deus revelada nas Escrituras.

*b) A Bíblia como um livro humano*

Como um livro humano, a Bíblia também tem certos parâmetros que devem ser levados em conta para a sua correta compreensão. Os intérpretes observam que há pelo menos cinco deles: *temporal, contextual, cultural, linguístico e autoral*. Estamos a centenas de anos separados dos autores bíblicos, que, por sua vez, viviam em outro contexto e em outra cultura, usando outra língua. Dessa forma, observamos que nós estamos distantes do contexto no qual viveram e escreveram os autores bíblicos. Sem uma correta compreensão desses fatos, será impossível descobrir o significado do texto sagrado.

*2) A Bíblia deve ser lida a partir da aplicação de uma metodologia adequada*

A Bíblia deve ser corretamente interpretada para ser corretamente compreendida. Isso requer exame. Aqui o mestre precisa conhecer o texto bíblico e saber trabalhar com ele. O pastor e escritor Estevam Ângelo de Sousa, pioneiro da evangelização no Nordeste brasileiro, costuma dizer que muitos assumem a seguinte postura diante de um texto bíblico: *ler o texto, sair do texto e não voltar mais ao texto*. Para o escritor E. Muller (2015, p. 281, 282), o correto seria: *observar o texto, interpretar o texto e aplicar o texto*.<sup>5</sup> Trabalhar, portanto, com o texto bíblico requer uma metodologia.<sup>6</sup>

*3) Comprometimento com uma vida cheia do Espírito*

Cosmovisão é a forma como enxergamos as coisas. São as lentes através das quais fazemos a leitura do mundo. A nossa cosmovisão afeta a nossa forma de viver e, assim, também a nossa forma de crer. Não conseguimos crer fora daquilo que enxergamos. Ao longo da história da igreja, duas tradições se formaram em torno da leitura bíblica — a cessacionista, que não crê na atualidade dos carismas, e a pentecostal-carismática, que defende a atualidade dos dons espirituais.

Até o surgimento do movimento pentecostal no final do século XIX, a teologia histórica, grandemente influenciada pelo “liberalismo teológico”, tinha como certa a cessação dos carismas. A crença que reinava, nas academias e na prática eclesial, era que os dons haviam sido restritos ao período apostólico. Alister McGrath (2012, p. 417) observa que “a teologia protestante tradicional considerava esse fenômeno único para a primeira

fase de expansão da igreja, não era requisito nem estava ativo desde essa época”.<sup>7</sup>

No século V, Agostinho de Hipona defendia que o Espírito Santo possuía um papel vital na santificação do crente, mas, por outro lado, restringiu as operações carismáticas ao período apostólico.<sup>8</sup> Em relação aos carismas, nenhum outro escritor influenciou tanto negativamente o protestantismo histórico quanto Agostinho.

Essa foi, portanto, a herança adotada pelo protestantismo histórico. Uma tradição que dessacralizava o divino e secularizava a fé. Alister McGrath (201, p. 422) denomina essa prática protestante de “conhecimento indireto de Deus”. Ele destaca que a ênfase do protestantismo tradicional no conhecimento indireto de Deus levou à dessacralização, isto é, à criação de uma cultura sem senso nem expectativa de ter a presença de Deus em seu meio.

Por outro lado, a tradição pentecostal, de forma oposta ao cessacionismo, destaca a “acessibilidade ao divino”. McGrath mostra o contraste entre os cristãos históricos e os pentecostais nesse aspecto. Citando Harvey Cox, ele diz que o pentecostalismo celebra o ressurgimento da “espiritualidade primitiva” e recusa-se a aceitar que a experiência de Deus fique limitada ao mundo rarefeito de ideias.<sup>9</sup> Isso porque Deus é vivenciado e conhecido como uma realidade pessoal, transformadora e viva. Os pentecostais, portanto, acreditam que o encontro pessoal com Deus é possível por intermédio do Espírito Santo. McGrath (2012, p. 425) vê como positiva aquilo que denomina de “re-sacralização da vida”, pois, segundo ele, “um Deus permanentemente ausente logo pode se tornar um Deus morto”.

#### *4) Comprometimento com a igreja local*

Já falamos neste livro do “boom evangélico” detectado pelos institutos de pesquisas. É algo realmente fenomenal. Contudo, essa explosão evangélica não é sinônimo de crescimento sadio. É um crescimento com muitos inchaços. O fenômeno que mais intrigou os pesquisadores foi a presença dos sem igrejas, isto é, crentes que não têm compromisso com a igreja local.

Esses novos crentes são tidos pelos sociólogos como “evangélicos genéricos”.<sup>10</sup> Aqui há uma contaminação no meio evangélico da tendência pós-moderna da desfiliação religiosa e religião do *self*.

Assim, o *evangélico genérico* desenvolve uma atividade intensa e uma mobilização em torno de um estoque variado de opções que o universo evangélico – agora transmutado em “mercado de bens simbólicos” evangélicos de estilo moderno – oferece. Este novo *evangélico geral* se coloca na contramão da cultura histórica do denominacionalismo que caracterizou o protestantismo histórico.<sup>11</sup>

Nessa nova configuração do universo evangélico, cai a crença de que a melhor parte da vida está reservada para o paraíso e passa para a preocupação com os bens terrestres. Assim, o que interessa é o aqui e o agora.<sup>12</sup> Isso criou uma mentalidade que passa a enxergar Deus como se fosse um *office-boy*. Sendo assim, para essa nova teologia, “o crente dá ordens e determina o que pretende. Não há qualquer reconhecimento das fragilidades humanas e de suas necessidades em relação a um Deus superior”.<sup>13</sup> Dessa forma, *quanto mais crescem, menos os evangélicos mudam a cara do país*.<sup>14</sup>

Escrevi em outro livro que o verdadeiro evangelho tem custo! A salvação é de graça, mas o discipulado custa caro! Dietrich Bonhoeffer, mártir alemão durante a Segunda Guerra Mundial, escreveu que:

a graça barata é a inimiga mortal de nossa Igreja. A nossa luta trava-se hoje em torno da graça preciosa. Graça barata é graça como refugio, perdão malbaratado, consolo malbaratado, sacramento malbaratado; é graça como inesgotável tesouro da Igreja, distribuído diariamente com mãos levianas, sem pensar e sem limites; a graça sem preço, sem custo [...] graça barata significa justificação do pecado, e não do pecador; é a pregação do perdão sem o arrependimento.<sup>15</sup>

A razão, portanto, da existência de tantos desigrejados, cristãos indeterminados ou genéricos, está na ausência de um discipulado bíblico que permite a esses crentes ter um crescimento natural e sadio. São cristãos que não estabeleceram vínculo nenhum com a igreja local e pouco ou quase nada sabem sobre o senhorio de Jesus.

Um programa de discipulado bíblico, nos moldes do recrutamento que Jesus fez com seus discípulos, precisa levar em conta alguns princípios. No Evangelho de Lucas vemos como isso se deu. Primeiramente, observamos que o Mestre serviu de modelo aos seus liderados, além do fato de moldá-los de acordo com seus ensinamentos! Dentro desse processo observamos, em segundo lugar, que o chamado ao discipulado não acontece de qualquer forma, mas há métodos que devem ser seguidos e custos que devem ser

avaliados. Em terceiro lugar, uma atenção especial deve ser dada ao treinamento desses discípulos, o que exige uma mudança de cosmovisão e também de valores. Por último, o envio em uma missão específica que consiste em pregar os valores do Reino de Deus e curar uma sociedade que se encontra doente. Um discípulo é, portanto, alguém que é capaz de reproduzir aquilo que aprendeu.

## A Natureza do Chamado

Outra coisa a ser destacada diz respeito à natureza do chamado de Jesus. Esse chamado é de graça e não tem nenhum custo a mais. Todavia, o grau de compromisso dessa decisão é muito alto. Jesus não engana ninguém nem camufla as implicações envolvidas no seu chamado. É um chamado que deve ser aceito de forma consciente por aquele que o abraça (Mc 1.15). Nesse aspecto, o chamado é começar tudo de novo (Jo 3.3-8). O compromisso com o Reino e o chamado deve estar acima de qualquer vínculo familiar (Lc 9.60). Quem o acolheu não pode mais voltar atrás (Lc 9.62). É uma pérola preciosa e quem a achou deve se desprender de tudo para tê-la. Enfim, quem aceita o chamado deve se desprender de tudo para se dedicar a ele (Mt 13.44-46).<sup>16</sup>

## As Dimensões do Chamado

Seguir Jesus é tomá-lo como exemplo. Jesus se torna o referencial na vida do discípulo (Jo 13.13-15). Significa ter participação na sua cruz. Seguir Jesus, portanto, estava muito longe de algo meramente teórico. Seguir Jesus era sofrer com Ele, era participar de suas provações (Lc 22.28) e perseguições (Mt 10.24,25). Era se sujeitar a viver sob o peso da cruz e até mesmo morrer com Jesus (Mc 8.34,35; Jo 11.16). É viver a vida de Jesus. Essa nova dimensão vem logo após a ressurreição de Jesus e a vinda do Espírito Santo. Seus discípulos estão convictos de que Jesus vive neles por intermédio do Espírito Santo: “Vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim” (Gl 2.20). Como seus seguidores, cheios do Espírito, e com a presença de Jesus no meio deles, agora continuam a obra que Cristo começou entre eles. Entregam-se totalmente à Palavra de Deus e à oração.<sup>17</sup>

- 
- <sup>1</sup> DAMEN, Franz. *Pelos Muitos Caminhos de Deus*. Goiânia, GO: Editora Rede, 2003.
- <sup>2</sup> ARMSTRONG, Karen. *Bíblia – uma biografia*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.
- <sup>3</sup> TOZER, A.W. *Verdadeiras Profecias para uma Alma em Busca de Deus*. Curitiba: Editora dos Clássicos, 2003.
- <sup>4</sup> NICODEMUS, Augustus. *A Bíblia e seus Intérpretes*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- <sup>5</sup> KUNZ, Claiton A. O Método Histórico-Gramatical. In: *Revista Batista Pioneira*. Curitiba, 2015.
- <sup>6</sup> Em 05/04/2021, o Conselho de Doutrina e a Comissão de Apologética, órgãos da CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil) publicou um manifesto em defesa de uma hermenêutica genuinamente pentecostal.
- <sup>7</sup> MCGRATH, Alister. *A Revolução Protestante*. Curitiba: Editora Palavra, 2012.
- <sup>8</sup> BURGESS, Van Der Mass. *The New International Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements*. Grand Rapids: Zondervan, 2002.
- <sup>9</sup> MCGRATH, Alister. *A Revolução Protestante*. Curitiba: Editora Palavra, 2012.
- <sup>10</sup> TEIXEIRA, Faustino. *Religiões em Movimento*. *op.cit.*
- <sup>11</sup> CAMURÇA, Marcelo Ayres. In: *Religiões em Movimento – o Censo de 2010*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013, p. 75.
- <sup>12</sup> GWERCMAN, Sérgio. In: *Superinteressante – as 25 reportagens mais surpreendentes, polêmicas e curiosas dos 25 anos da revista*. São Paulo: Editora Abril, 2013.
- <sup>13</sup> ROMEIRO, Paulo. Conforme citada em *Superinteressante – as 25 reportagens mais surpreendentes, polêmicas e curiosas dos 25 anos da revista*. São Paulo: Editora Abril, p. 112.
- <sup>14</sup> *Superinteressante – as 25 reportagens mais surpreendentes, polêmicas e curiosas dos 25 anos da revista*. São Paulo: Editora Abril, p. 112.
- <sup>15</sup> BONHOFFER, Dietrich. *Discipulado*. São Leopoldo/RS: Editora Sinodal, 2004.
- <sup>16</sup> FIGUEIRA, Eulálio e JUNQUEIRA, Sérgio. *Teologia e Educação*. *Op.cit*
- <sup>17</sup> Veja uma exposição completa em FIGUEIRA, Eulálio e JUNQUEIRA, Sérgio. *Teologia e Educação*. *Op.cit.*



# Referências

- ALLEN, David. *Todos Podem Ser Salvos*. Rio de Janeiro: Verbum Publicações, 2020.
- ALLEN, Scott. *A Toxic New Religion: understanding the postmodern, neo-marxist faith that seeks to destroy the judeo-christian culture of the west*. Phoenix, Arizona, 2020.
- ANKERBERG, John; WELSON, John. *O Mito do Sexo Seguro*. São Paulo: Cultura Cristã, 1997.
- ARMSTRONG, Karen. *Bíblia – uma biografia*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.
- . *Em Nome de Deus*. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.
- BAUER, Walter. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. 3rd ed. Chicago: University of Chicago Press, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. *Capitalismo Parasitário*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BONHOFFER, Dietrich. *Discipulado*. São Leopoldo/RS: Editora Sinodal, 2004.
- BOUZON, E. *O Código de Hamurabi*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BRESHEARS, Jeffrey D. *American Crisis: cultural marxismo and the culture war: a Christian response*. Centre-Point Publishing, 2020.
- BRUCE, Thornton S. *Eros: The Myth of Ancient Greek Sexuality*. Boulder, Colorado, USA: Westview Press, 1997.
- BURGESS, Van Der Mass. *The New International Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements*. Grand Rapids: Zondervan, 2002.
- CAHILL, Lisa S. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola, 2014.
- CALLEJAS, Ángel Velázquez. *El Libro Rojo del Marxismo Cultural: reflexiones, refutaciones y análisis*. Exodus, 2020.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. In: *Religiões em Movimento – o censo de 2010*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

- Capler, Rodolfo. *Geração Selfie: conheça a geração digital e seus principais comportamentos*. Editora Quitanda. Edição do Kindle.
- CAPRA, Fritjof. *As Conexões Ocultas – a ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2007.
- . *O Ponto de Mutação*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- . *O Tao da Física: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- CHATFIELD, Tom. *Como Viver na Era Digital*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- CRUZ, Antonio. *Postmodernidad: un estudio de la filosofía postmoderna y la proclamación del evangelio en los tiempos actuales*. Terrasa, España, 1996.
- CRUZ, Antonio. *Sociología una Desmistificación: una análisis cristiano del pensamiento sociológico moderno*. Barcelona: CLIE, 2001.
- DALLAS, Joe. *A Operação do Erro: o movimento gay cristão*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998.
- DAMEN, Franz. *Pelos muitos Caminhos de Deus*. Goiânia, GO: Editora Rede, 2003.
- DANIEL, Berg. *Enviado por Deus: memórias de Daniel Berg*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.
- DE VAUX. *As Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2004.
- Declaração de Fé das Assembleias de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
- DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir – relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. Editora Cortez/UNESCO/MEC. 10ª Edição, 2006.
- Diccionario Beacon*. Lenexa: CNP, 1984.
- Diccionario Bíblico Ilustrado Holman: exhaustivo, bíblico, teológico*. Nashville, Tennessee: B&H Español, 2008.
- Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola, 2014.
- Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- DURHAM, William H. The Azusa Street Papers, fev/mar, 1907.
- ELDER, Alasdair. *The Red Trojan Horse: a concise análisis of cultural Marxism*. Cambrige, Inglaterra, 2017.
- FIGUEIRA, Eulálio; JUNQUEIRA, Sérgio. *Teologia e Educação: educar para a caridade e a solidariedade*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2011;
- FRENCHMAN, William. *The Tentacles of Cultural Marxism*. 2020.
- GAARDER, Jostein. *O Mundo de Sofia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- GAGNON, Robert A. J. *A Bíblia e a Prática Homossexual: textos e hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 2021.
- GALLAGHER, Steve. *E Foi Assim que Perdemos a Inocência: a verdadeira história da revolução sexual*. Rio de Janeiro: Editora Propósito Eterno, 2006.
- GEISLER, Norman. *Teologia Sistemática: pecado, salvação, igreja, últimas coisas*. Vol 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.
- GOHEE, Michael W; BARTHOLOMEW, Craig G. *Introdução à Cosmovisão Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- GONÇALVES, José. *Defendendo o Verdadeiro Evangelho*. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.
- GONÇALVES, José. *O Carisma Profético: pressupostos para uma práxis carismática autêntica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.
- GRUDEM, Wayne. *What the Bible Says about Divorce and Remarriage*. Carol Stream, IL: Crossway, 2021.
- GUNTER, W. Stephen. In: *Diccionario Teológico Beacon*. Lenexa, Kansas, EUA: CNP, 1984.
- GWERCMAN, Sérgio. In: *Superinteressante – as 25 reportagens mais surpreendentes, polêmicas e curiosas dos 25 anos da revista*. São Paulo: Editora Abril, 2013.
- HERNANDO, James D. *Diccionario de Hermenéutica: una guía concisa de términos, nombres, métodos, y expresiones*. Springfield, Missouri: Gospel Publishing House, 2012.
- HITCHCOCK, Mark; KINLEY, Jeff. *La Apostasía Venidera*. Carol Stream: Tyndale House Publishers, 2017.
- HJERTSTROM, J. W. *Frojd Den Helige Ande*.
- HOLDCRAFT, Paul E. In: *7 Mil Ilustrações e Pensamentos*. Org. Moisés Marinho. Rio de Janeiro: JUERP, 1986.
- HOLMGREN, A. A. *Pingstroreslsen och dess Forkunnelse*, 1919.
- JAPIASSÚ, Hilton. *Dicionário de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- JONES, Peter. *O Deus do Sexo: como a espiritualidade define a sua sexualidade*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

- KASTBERG, Nils. Doutrinas Errôneas. *Mensageiro da Paz*, ano 5, nº 17, 1ª quinzena de setembro de 1935, p. 6.
- KESLLER, Gustavo. *Mensageiro da Paz*, 15 fevereiro, 1950, p. 4.
- KNITTER, F. *Pelos muitos Caminhos de Deus*. Goiânia: Editora Rede, 2003.
- KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento*. História, Cultura e Religião do período helenístico. São Paulo: Paulus, 2005.
- KOLENDA, J. P. The Largest Evangelical Church in Brazil. *The Pentecost*, Number 2. Zurich, december, 1947.
- KUNZ, Claiton A. O Método Histórico-Gramatical. In: *Revista Batista Pioneira*. Curitiba, 2015.
- LACOSTE, Jena-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola, 2014.
- LEVIN, Mark R. *Marxismo Americano*. Citadel, 2021.
- LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale. *Dicionário Gramsciano*. Org.. São Paulo: Boitempo, 2017.
- LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Demerval. *Marxismo e Educação — debates contemporâneos*. São Paulo: Autores Associados, 2008.
- MACHADO, Vanda de Souza. *A Comunicação do Ide nas Mídias Sociais: um manual prático para transformar a comunicação da igreja num poderoso instrumento de evangelização (Comunicação Cristã — Livro 1)*. Edição do Kindle.
- MACHADO, Vanda de Souza. *Evangelismo Digital: dez passos para um ministério digital de sucesso (Comunicação Cristã)*. Edição do Kindle.
- MARTINS, Marcos Francisco. *Marxismo e Educação: debates contemporâneos*. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.
- MCGRATH, Alister. *A Revolução Protestante*. Editora Palavra, 2012.
- MCGRATH, Alister. *Apologética Cristã no Século XXI: ciência e arte com integridade*. São Paulo: Editora Vida, 1992.
- MONDIN, Battista. *Curso de Filosofia*. Vol. 3. São Paulo: Paulus, 1983.
- MORAES, Maria Cândida. *O Paradigma Educacional Emergente*. Campinas, SP: Papirus, 1997.
- NICODEMUS, Augustus. *A Bíblia e seus Intérpretes*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- NICODEMUS, Augustus. *O que Estão Fazendo com a Igreja: ascensão e queda do movimento evangélico*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.
- Nya Wecko-posten*, 1906-1921.

- OLSON, Lawrence. *Lições Bíblicas*. Rio de Janeiro: CPAD, 2º Trimestre de 1974.
- OLSON, Roger. *História da Teologia Cristã*. São Paulo: Vida, 2001.
- PETHRUS, Lewi. *Hanryckningens Tid*, 1954.
- RAINEY, David. *Global Wesleyan Dictionary of Theology*. Kansas City: Beacon Hill Press, 2013.
- REALI, Geovani. *História da Filosofia*. Vol. 3. São Paulo: Paulus, 1991.
- Resolução do Plenário da CEADep Nº 001/2019. Plenário da 60ª Assembleia Geral Ordinária da CEADep, Teresina 26 de julho de 2019.
- RESOLUÇÃO DO PLENÁRIO DA CGADB Nº 001/2011. Plenário da 40ª Assembleia Geral Ordinária da CGADB em Cuiabá(MT), 13 de abril de 2011.
- ROBERTSON, A. T. *Comentario al Texto Griego del Nuevo Testamento*. Barcelona: CLIE, 2003.
- SANTOS, Valdeci da Silva. *Uma Perspectiva Cristã sobre a Homossexualidade*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. *Filósofos e a Educação: Gramsci*. São Paulo: Paulus, s/d.
- SHELDON, Louis P. *A Estratégia: o plano dos homossexuais para transformar a sociedade*. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2012.
- SOARES, Esequias. *Casamento, Divórcio e Sexo à Luz da Bíblia*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.
- TAY, John S. *Nascido Gay: existem evidências científicas para a homossexualidade?* Rio de Janeiro: Central Gospel, 2011.
- TEIXEIRA, Faustino. *Religiões em Movimento*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- TOZER, A.W. *Verdadeiras Profecias para uma Alma em Busca de Deus*. Editora dos Clássicos, 2003.
- VINGREN, Gunnar. *Boa Semente*, nº 1, 1919.
- \_\_\_\_\_. *Evangelii Harold*, p. 191, arg. 12, nº 15, 14 april, 1927.
- VINGREN, Ivar. *Diário de um Pioneiro - Gunnar Vingren*. Rio de Janeiro: CPAD, 2020.
- VINGREN, Ivar. *Det Borjade i Pará*, 1994.
- WYCKOFF, John W. *Pneuma and Logos: the role of the Spirit in Biblical Hermeneutics*. Eugene, Oregon, EUA: Wipf & Stock, 2010.

YOUNG, Kimberly S; ABREU, Cristiano Nabuco. *Dependência de Internet em Crianças e Adolescentes: fatores de risco, avaliação e tratamento*. Porto Alegre: Artmed, 2019.

# Créditos



**José Gonçalves**, pastor da Assembleia de Deus em Água Branca, Piauí. Escritor, articulista e comentarista de lições bíblicas de adultos da CPAD. Bacharel em Teologia pelo Seminário Batista de Teresina e graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí. Ensinou Grego, Hebraico e Teologia Sistemática na Faculdade Evangélica do Piauí. Pós-graduado em Interpretação Bíblica pela Faculdade Batista do Paraná e Mestre em Teologia por essa mesma instituição. Em 2020, passou a integrar a equipe de pesquisadores da Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR) e no ano de 2021 recebeu convites para integrar o quadro de docentes da Faculdade Evangélica das Assembleias de Deus (FAECAD); Faculdade Cristã de Curitiba, PR; Faculdade REFIDIM, Joinville, SC; e Faculdade do Maciço de Baturité, CE. É Presidente da Academia Evangélica de Letras do Piauí; Presidente do Conselho de Doutrina da Convenção das Assembleias de Deus no Piauí (CEADEP) e membro da Comissão de Apologética da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB). Recebeu do governo do Estado do Piauí o prêmio Mérito Renascença, a maior condecoração dada a um civil pelos seus relevantes serviços prestados na área literária. É casado com Maria Regina (Mará).

# OS ATAQUES CONTRA A IGREJA DE CRISTO

Mesmo não sendo visto ou exposto, Satanás trabalha contra a Igreja. Assim como o Diabo usou a cultura existente no contexto neotestamentário para se opor à Igreja, do mesmo modo ele tem agido em nossos dias. Quem vive a fé cristã na sua totalidade, já se deu conta de que algo muito sombrio e nefasto tem rondado a Igreja do Senhor. Neste livro, o pastor e escritor José Gonçalves mostra as esferas sociopolítica, ético-moral e espiritual em que o ataque à fé cristã tem se concentrado. Banalização da Graça de Deus, imoralidade sexual, normalização do divórcio, mídias sociais, materialismo, enfraquecimento da identidade pentecostal são algumas, entre diversas outras, sutilezas do Inimigo abordadas nessa necessária obra que serve de instrumento apologético na defesa dos valores cristãos que, de forma tão custosa, nos foram deixados como herança por nossos pioneiros e pais.



**JOSÉ GONÇALVES** – É pastor da Assembleia de Deus em Água Branca, Piauí, escritor e articulista. É bacharel em Teologia pelo Seminário Batista de Teresina e em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí. Também é pós-graduado em Interpretação Bíblica pela Faculdade Batista do Paraná e mestre em Teologia por essa mesma instituição. Comentarista de Lições Bíblicas Adultos da CPAD, também é autor de diversos livros, entre eles, *Defendendo o Verdadeiro Evangelho*, *Rastros de Fogo*, *Por que Caem os Valentes?*, *O Carisma Profético* e *O Pentecostalismo Atual*, todos publicados pela CPAD.



ISBN 978-65-5968-124-2



7 908234 012734





**JOSÉ GONÇALVES**  
**O CÂRISMA**  
**PROFÉTICO E O**  
**PENTECOSTALISMO**  
**ATUAL**

Pressupostos  
para uma Práxis  
Carismática  
Autêntica



# O Carisma Profético e o Pentecostalismo Atual

Gonçalves, José

9786559680368

136 páginas

[Compre agora e leia](#)

É inegável que o pentecostalismo possui grandes afinidades com os profetas bíblicos. Nesta obra, José Gonçalves elabora um estudo das ações carismáticas dos profetas Elias e Eliseu e analisa os pressupostos sociológicos, teológicos e morais de suas atividades proféticas. Para o autor, a narrativa sobre os profetas bíblicos são uma referência para a práxis neopentecostal contemporânea.

[Compre agora e leia](#)



OSIEL GOMES



# OS VALORES DO Reino de Deus

A Relevância do Sermão do Monte  
para a Igreja de Cristo

# Os Valores do Reino de Deus

Gomes, Osiel

9786559681358

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Esta obra destaca a importância do Sermão do Monte e como o mesmo não seria ensinado por Cristo aos seus discípulos se estes não pudessem alcançar o seu cumprimento. Não se deve pensar que os ensinamentos deste sermão são para pessoas humanamente perfeitas ou somente para aqueles que entrarão no Milênio. Na verdade, compreendemos que, pela regeneração e pelo Espírito Santo habitando na vida do crente, é possível expressar no viver diário as facetas de tais ensinamentos.

[Compre agora e leia](#)



**DOUGLAS BAPTISTA**



# A Supremacia das Escrituras

a Inspirada, Inerrante  
e Infalível Palavra de Deus

# A Supremacia das Escrituras

Baptista Douglas

9786559681457

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Vivemos em uma época de relativização da verdade onde multiplicaram-se correntes ideológicas que buscam desconstruir a autoridade da Bíblia Sagrada bem como os valores por ela preconizados. Diante desse quadro, surge a necessidade de reafirmar a ortodoxia bíblica. Essa obra se propõe a expressar a supremacia das Escrituras, sua autoridade, inspiração, inerrância e infalibilidade de maneira compreensível para a Igreja e também motivar os cristãos à leitura e ao estudo da Bíblia Sagrada.

[Compre agora e leia](#)

Mais de um milhão de cópias vendidas

# Como ter o Coração de **Maria** no Mundo de **Marta**



Fortalecendo a Comunhão  
*com Deus em uma*  
Vida Atarefada

## JOANNA WEAVER

*Autora do Best-Seller Tendo um Espírito como o de Maria*

# Como ter o Coração de Maria no Mundo de Marta

Weaver, Joanna

9788526312302

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um convite para toda mulher que sente que não é piedosa o suficiente ... não está amando o suficiente ... não está fazendo o suficiente. A vida de uma mulher hoje não é realmente tão diferente da de Maria e Marta no Novo Testamento. Como Maria, você deseja se sentar aos pés do Senhor ... mas as demandas diárias de um mundo ocupado simplesmente não o deixam em paz. Como Marta, você ama Jesus e realmente quer servi-lo ... mas luta com cansaço, ressentimento e sentimentos de inadequação. Então vem Jesus, bem no meio de sua movimentada vida Maria / Marta - e ele estende o mesmo convite que fez há muito tempo às duas



irmãs de Betânia. Com ternura, ele convida você a escolher "a melhor parte" - uma vida alegre de intimidade na "sala de estar" com ele, que flui naturalmente para o "serviço de cozinha" para ele. Como você pode fazer essa escolha? Com sua nova abordagem à história familiar da Bíblia e suas estratégias criativas e práticas, Joanna mostra como todos nós - Maria e Marta - podemos nos aproximar de nosso Senhor, aprofundando nossa devoção, fortalecendo nosso serviço e fazendo as duas coisas com menos estresse e maior alegria.

[Compre agora e leia](#)



ELIENAI CABRAL

## *O Apóstolo Paulo*

*Lições da Vida e Ministério do Apóstolo  
dos Gentios para a Igreja de Cristo*

# O Apóstolo Paulo

Cabral, Elienai

9786559681792

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ao longo da história do Cristianismo, o apóstolo Paulo tornou-se o ápice da teologia cristã. A sua opção radical por Jesus o fazia vislumbrar um cristianismo que alcançasse o mundo todo. Por isso, vale a pena conhecer mais sobre Paulo. Neste livro, Elienai Cabral nos apresenta o mundo de sua época, sua vida como perseguidor, sua conversão e vocação, bem como sua mensagem, visão acerca do Espírito Santo, atuação como plantador de igrejas e discipulador, entre outras características que fizeram dele o "Apóstolo dos Gentios".

[Compre agora e leia](#)